CAMILLO CASTELLO BRANCO

SCENAS DA FOZ

COMPANHIA
EDITORA DE PUBLICAÇÕES
ILLUSTRADAS

T. da Queimada, 35

LISBOA

SCENAS DA FOZ

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SOLEMNIA VERBA

ULTIMA PALAVRA DA SCIENCIA

O X DE TODOS OS PROBLEMAS DO CORAÇÃO

OBRA IMPORTANTISSIMA

PARA TODOS OS SEXOS, MASCULINO FEMININO E NEUTRO
E ESPECIALMENTE PARA AS COSINHEIRAS

EM DOZE VOLUMES, SENDO O PRIMEIRO

SCENAS DA FOZ

POR

JOÃO JUNIOR

SOCIO DA PHILARMONICA, E IRMÃO DA ORDEM TERCEIRA
DE S. FRANCISCO

QUARTA EDIÇÃO

COMPANHIA EDITORA DE PUBLICAÇÕES ILLUSTRADAS
35—TRAVESSA DA QUEIMADA—35
LISBOA

Companhia editora de publicações illustradas
35—Travessa da Queimada—35
LISBOA

JUIZO CRITICO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Li, como editor, e reli, como critico, as *Scenas da Foz* do snr. João Junior. Declaro que encontrei uma serie de scenas, que tanto podiam ser de S. João da Foz, como de Freixo-de-Espada-á-Cinta. Entretanto, os quadros comicos são desenhados com um pouco mais sal que um artigo de fundo. Os episodios funebres estão escriptos em estylo de cavallo de carruagem, como dizia Voltaire.

Outrosim declaro, que não vi n'este livro doutrina palavra, phrase, ou virgula, que destôe dos máos costumes da epoca em que é escripta. Como cousa offerecida á humanidade, a offerenda é digna da deusa e do sacerdote.

Porto, 2 de junho de 1857.

O editor,

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

DEDICATORIA

Á ESPECIE HUMANA, INCLUSIVÉ OS BARÕES

Senhora! O sacerdocio da imprensa, cuja invenção se deve a um agiota do seculo XIV,[1] é a mais augusta das funcções, depois da *Arte de cozinha*. Ocioso seria provar esta atrevida proposição, quando os exemplos saltam como camarões em terra secca. A rotundidade dos abdomens, e a estupidez prodigiosa dos proprietarios dos ditos, senhora, é a mais persuasiva prova de que a culinaria tem sobre a imprensa a primazia disputada por alguns sandeus que se deixaram morrer de fome, embebecidos no paradoxo da sciencia.

Sem embargo, porém, d'esta verdade, que palpita

---

[1] Preparo uma dissertação a esse respeito.

como um aneurisma, eu não posso deixar de reconhecer as grandes vantagens que podem provir a v. ex.ª da mirifica invenção dos typos.

Senhora! eu sou um d'esses poucos bipedes que reagem, por instincto, contra os quadrupedes que gratuitamente se dizem meus irmãos. Saturado de estudos longos e substanciosos sobre a alveitaria, tenho querido organisar um *Manual de pharmacia*, dedicado ao utilissimo curativo de alguns d'esses meus irmãos, que me ameaçam as tibias, quando a dôr do alifafe moral os faz pinotear desencabrestadamente.

N'este intuito, cuja extensão eu deixo á penetração de v. ex.ª, confeiçoei algumas receitas, que puz em systema pathologico, subordinadas a bases symptomatologicas, palavra grande, que v. ex.ª soletrará de seu vagar.

Senhora! A hygiene moral, depois de Broussais, tem feito progressos que demandam um compendio novo, e uma diversa iniciativa no systema de applica'-los com aproveitamento.

O romance, senhora, é a mais proficua das pharmacias, porque n'este laboratorio douram-se as pilulas com maravilhosa limpeza. O romance, caldeado na forja onde Voltaire assacalou as armas com que feriu no coração o «ridiculo» de v. ex.ª, n'aquella época, será, se me não engana o muito amor da

humanidade, um sudorifero por meio do qual faremos transpirar as muitas fezes que v. ex.ª traz no sangue, e das quaes se originam muitos miasmas de febre da pouca vergonha, para a qual não ha quarentena possivel, nem conselho de saude, porventura o mais necessitado, na presente conjunctura, de ser esfregado com as baetas da zombaria.

Pelo que: considerando maduramente quão proveitosa devia ser a v. ex.ª a divulgação de trabalhos que o zelo da minha especie me impoz, ouso recorrer á egide da sua protecção, offertando-lhe o primeiro da serie de livros que vou atirar á humanidade.

Senhora! Fiquemos aqui, se lhe parece.

SCENAS DA FOZ

LIVRO PRIMEIRO

A SORTE EM PRETO

I

Em 1825, morava na travessa do Caramujo, em S. João da Foz, uma familia de Amarante, que viera a banhos, e constava dos seguintes membros:

Pantaleão de Cernache Tello Aboim de Lencastre Maldonado e Sousa Pinto de Penha e Almeida; sua mulher D. Amalia Victoria Rui da Nobrega Andrade e Vasconcellos Tinoco dos Amaraes; sua filha, Hermenegilda Clara, com todos os appellidos paternos, e cinco de sua mão; duas creadas graves, uma cozi-

nheira, cazada com o lacaio; um escudeiro preto; um gallego adjunto á cavallariça; dois cães de lobo; e, finalmente, uma cadellinha atravessada de cão de agua e galga.

Eu, João Junior, que estas cousas ponho em escriptura para memoria eterna, morava na rua de Cima de Villa e da minha janella vi muitas vezes na sua o snr. Pantaleão, homem côr de lagosta cozida, com cabelleira azulada pela acção do tempo, olhos refegados com debrum escarlate, papeira ampla como a dos *cretins* dos Alpes, e nariz poliédro como uma castanha do Maranhão.

A snr.ª D. Amalia, se bem me recordo, era uma serpente. Orelhas, nariz, queixo, e todos os districtos da cara (n'esse tempo eram comarcas) era tudo aguçado e verrugoso, como uma molhada de nabos velhos, em que as fitas amarellas da touca representassem a rama das nabiças.

A menina Hermenegilda tinha cara de seraphim de côro de aldeia: gorda e vermelha, cheia de vida estupida, olhos grandes como bogalhos, dentes anarchicos, mas brancos como o seu nedio pescoço, braço rico de tecidos cellulares, rendilhado de tumidas veias vermelhas, ónde borbulhava o sangue cruorico de felicissimas digestões de cabeça de porco com feijão branco.

Os servos não me lembra bem como tinham a care

excepto uma das creadas graves, que diziam ser filha bastarda de um frade bernardo, irmão do sr. Pantaleão. Eu fiz tres dias descabellado namoro a esta rapariga, que tinha setenta e seis pollegadas. Ao quarto, vi-lhe um calcanhar aberto como ouriço velho, e desanimei.

De quem me recordo muito é do escudeiro preto, que tinha a cara mais velhaca da raça de Ismael. Assobiava com perfeição a *Maria Caxuxa*, e jogava à marrada magistralmente com o gallego, supplementar aos machos da liteira, deixando-o quasi sempre estatelado no chão em fórma de meia-lua. E muitas vezes vi eu com estes olhos invejosos a menina Hermenegilda a brincar com o preto na sala, onde eu podia devassar estes innocentes brinquedos. O gosto d'ella era puxar-lhe a carapinha, e o gosto d'elle era, ao que parece, dar-lhe surras, que terminavam sempre quando a mãe, ou o pae, ou alguma das creadas appareciam no limiar da porta da sala.

Um meu amigo visitava esta familia, e d'elle soube eu que o sr. Pantaleão era senhor de casa vinculada, e a snr.ª D. Amalia tambem era morgada, e a snr.ª D. Hermenegilda, por consequencia, uma opulenta herdeira. Soube mais que o sr. Pantaleão remontava a sua fidalguia a um personagem importante na dynastia goda, e não me recordo bem se era Athanaulfo, ou Roderico.

A genealogia da mulher diziam lá em casa que era a mais antiga da velha Lusitania, e contavam maravilhas de seus avós na India e na Amarante. A herdeira, por segunda e inevitavel consequencia, tinha nas veias doze canadas bem medidas de sangue gothico, e por isso, a architectura externa fazia lembrar Orense ou S. Thiago de Compostella.

Entre os rapazes meus conhecidos da provincia, o meu inseparavel companheiro dos passeios a Carreiros era um mancebo de trinta annos, que tem hoje os seus sessenta e um, e está litteralmente escangalhado, como eu que o digo. Então era elle esbelto e galhardo, amigo de mulheres novas e vinho velho, como Byron, que elle vira no theatro de S. Carlos em 1813, e affirmava que bebeu com elle uma garrafa de canna no *Nicóla*, botiquineiro do Rocio. Parece-me pêta, porque Byron, se emborcasse uma botelha de aguardente em Portugal, não nos chamava *barbaros*. Paiz onde um inglez se embebedar, será sempre um paiz civilisado.

Como quer que seja, o meu amigo provinciano era homem do *grande mundo*. Chamava-se Bento de Castro Gama, e não sei que mais. Era natural de Cabeceiras de Basto, filho segundo da casa denominada do Olho-vivo, não sei por que derivação.

Seus paes mandaram-n'o estudar latim e logica, no seminario de Braga. Bento corrompia o porteiro,

e saía de noite, a provar que a logica, sendo a arte de bem pensar, não exime um fraco mortal de pensar o peior que é possivel. D'essas investidas nocturnas á moral, resultou um escandalo em casa de um chapelleiro da *Senhora á branca*, e o seductor teve de fugir do seminario, onde estava debaixo de olho, pendurando-se para a rua nos lençoes.

Contava elle que o pae lhe abanára as orelhas, emquanto a mãe lhe preparava algumas tigelinhas de geléa de mão de vacca para o indemnisar das succulentas bochechas que deixára no seminario, emmagrecidas sobre o *Novo Methodo* do Pereira, e o desabrido Genuense.

A casa paterna era estreito horisonte para o nosso amigo. Uma bella manhã fugiu de casa, veio ao Porto, e assentou praça em infantaria. O pae, sabendo, mandou-lhe os documentos para se habilitar a cadete, e estabeleceu-lhe avultada pensão para se habilitar a exercer todas as travessuras e maroteiras de que o seu caracter era susceptivel. Em seis mezes de praça estivera tres na cadeia, por causa de varios socos com que mimoseou os sargentos do corpo. Pediu a baixa, deram-lh'a promptamente, e recolheu a casa, onde não encontrou já vivo o pae.

Pouco depois, morreu a mãe. Bento de Castro pediu por conta da sua boa legitima alguns mil cruzados, foi gasta'-los em Lisboa o melhor que poude, e

tornou para casa, onde o irmão morgado o recebeu de braços abertos.

N'esse tempo é que eu o conheci na Foz, onde viera pela primeira vez a banhos, em 1825. Relacionei-me com elle na caça das gaivotas, e convivemos alguns mezes na sua casa de Cabeceiras de Basto. Passavamos ahi excellentes tardes no convento de Refojos, onde elle tinha tres tios, que eram santos varões, doutos e alegres. Ahi conhecemos José Pacheco de Andrade, morgado de uma casa illustre, que nos ensinou a jogar o páu, como bom mestre que era! Na feira do Arco vimo-'lo nós uma vez varrer a feira com admiravel limpeza! Saltava como um gamo, e apanhava pela cernelha com uma bordoada o mais lesto jogador do Barroso! Fui amigo d'este homem e vi-o morrer vinte annos depois n'um palheiro, onde, mendigando, pedira gasalhado. O que o levou a este extremo é uma historia muito longa, e que já vi fugitivamente esboçada nos versos de não sei que livro.

Pergunta o leitor o que tem isto com as *Scenas da Foz*? Se me começam com perguntas, estamos mal aviados! Um homem na minha edade, com a reputação feita, escreve as cousas como ellas lhe escorregam dos bicos da penna. Nem acizelo o estylo, nem torneio o pensamento, nem traço plano. Não me apoquentem. Lá vamos á Foz.

II

O meu amigo Bento de Castro veio uma noite de Mathosinhos, de casa do Brito, onde perdera, á banca portugueza, vinte moedas, um cavallo, um relogio, dois anneis com brilhante, e ficára a dever outro tanto. A's duas horas, bateu-me á porta, sentou-se na minha cama, e começou assim um pathetico discurso:

—Tenho dado cabo de mais de metade da minha legitima. Não tardará o dia em que meu irmão me dê de comer como se dá uma esmola. O jogo tem sido o meu abysmo. Perco o dinheiro e perco a vergonha, quando o azar me é contrario. Hoje, vendi cavallo, relogio, anneis, e tudo: cheguei a pedir dinheiro ao moço de farda da casa onde joguei. Quando vinha para cá, ali no castello do Queijo, tive vontade de atirar ao mar com esta vida diabolica!... Se o não fiz, outra vez será. E' no que ha de parar este negro fado, que me traz a pontapés da desgraça... Não me dirás tu que hei de eu fazer para ser o que tu és?

—E que achas tu que eu sou?—perguntei eu, por que não sabia ainda então o que era.

—E's homem de juizo. Tens ha dez annos um cavallo velho e magro, uma casinhola na provincia que te rende doze carros de pão e quinze pipas de vinho verde, uma sobrecasaca preta com os cotovelos rapados, e vives feliz.

—Muito feliz.

—Pois ahi está. E eu, com quarenta mil reis mensaes de rendimento, tenho gasto metade do capital, e desconfio que devo a outra metade.

—Pois se queres ser homem de juizo, deixa cossar-se o teu casaco nos cotovelos, limita o teu luxo de equitação a um cavallo digno de ser cantado pelo Manoel Duarte Ferrão, faz de conta que colhes doze carros de pão e quinze pipas de vinho verde, e serás feliz.

—E' tarde, meu caro João Junior, é tarde. Creei necessidades que não posso matar sem que ellas me matem. Preciso dinheiro, venha elle d'onde vier.

—De mim, de certo não vae, meu amigo. Bem sabes que o pão e o vinho este anno não deram nada. Desde março d'este anno, em que morreu o rei, parece que desappareceu de Portugal o estomago mais consumidor que tinhamos. Tu não tentaste ainda a fortuna pelo lado do casamento?

—Ainda não. Tem-me lembrado algumas vezes

essa asneira salvadora; mas, sou tão infeliz, que desconfio de tornar-me ridiculo, se o tentar.

—Ridiculo é esse susto. A experiencia ainda te não amadureceu quanto é necessario para viver n'este mundo. Ridiculo só conheço um homem n'este planeta: é o que não tem dinheiro. Ás tentativas que se fazem para alcança-lo, são sempre sérias, heroicas, e até epicas. Se fizeres namoro a uma rapariga rica, riem-se de ti os zombeteiros candidatos á rapariga, mas esse riso só póde ser penoso se a mulher te não indemnisar com o sorriso d'ella. A questão é *To be or not to be*: ser ou não ser amado. Sirvo-me d'este fragmento de Shakspeare, porque não está ainda estafado pelos folhetinistas.

—*Folhetinistas*! que são *folhetinistas?*

—Folhetinistas são uns pataratas que hão de vir d'aqui a vinte annos, trazidos em uma nuvem de gazetas. Ainda a tresandar ao fartum dos coeiros, virão para a imprensa com seu cabedal de erudição empalmado nos romances de certo Dumas, que tem hoje quinze annos, e será então o primeiro corruptor da litteratura em França. Saberão menos latim do que tu quando saltaste pela janella do seminario de Braga, e dirão que o latim é uma cataplasma que mata a originalidade nativa e a natividade original, e não sei que outras sandices usadas na linguagem d'elles pataratas. A respeito de logica e rhetorica,

dirão que antes do diluvio já estavam banidas das escólas mais illustradas. Hão de provar que o talento não precisa d'esses causticos para ressumar a materia do espirito, e, provando-o, dirão tolices em que ficarão salvos o Genuense e o Quintiliano, dos quaes tanto nos falaram os teus tios frades de Refojos. Falarão muito em linguas druidica, celtica, indica sanscrito, e dirão d'ellas cousas maravilhosas, que terão o superior merecimento de não serem ditas em portuguez. Ora, pois, fica tu sabendo que os folhetinistas serão...

—Não me importa saber o que serão os folhetinistas, o que eu quero é saber o que serei de hoje a vinte annos.

—Serás folhetinista, visto que te não vejo com habilitações para seres cousa alguma. Se te parece, vae aprendendo de teu vagar a tocar guitarra, para depois poderes falar com criterio das primas-donas, e dos contraltos, e dos bassos, e d'este Curti, que hoje está creando uma reputação no Porto, e eu espero ouvir de hoje a trinta annos com o mesmo timbre, o mesmo volume de voz, e a mesma precisão de notas graves em *si bemol*.

—Que diabo de embrulhada é essa? Homem, fala-me direito Que me dizes tu á tentativa de um casamento rico?

—Digo-te que conheço grandes alarves que tenta-

ram e prosperaram. Quando um homem se diz: «hei de casar rico, apesar de todos os contratempos», casa rico. O primeiro passo a dar é convencer-te de que a vergonha é uma excrescencia que nos magôa, e deve ser amputada da consciencia como quem corta um callo. O segundo é procurar a mulher, através de todas as torpezas, como o mineiro procura o ouro através do saibro e dos charcos lodacentos que lhe regorgitam debaixo dos pés. O terceiro é levar com a porta na cara, e ficar com a cara voltada para outra porta. O quarto é teimar. O quinto é teimar. O sexto...

—E' teimar. Tenho entendido. Mãos á empreza. Cobrei espirito novo. Dentro de um anno hei de estar casado com mulher rica, bonita, intelligente, virtuosa...

—Alto lá! isso é muita cousa. Assim tambem o Bocage a queria, mas disseram-lhe que não... Rica? de accordo: isso é possivel. Intelligente? Deixate d'isso: mulher intelligente não se deixa engodar por especuladores matrimoniaes; é-lhe mais facil ceder ao coração toda a liberdade dos seus desejos os menos puros, do que algemar-se com grilhões que ella parte facilmente no momento em que a razão illustrada lhe diga: «Entre ti e o homem são eguaes os direitos...» Formosa? Pieguice e contrasenso. Mulher formosa é sempre a mesma cousa, e aos olhos

do marido perde pouco e pouco o prestigio da belleza. Mulher feia, pela continuação da convivencia, perde pouco e pouco a fealdade, e chega a parecer bonita. E deves saber que mulheres feias teem inspirado paixões ardentissimas. Dizem que ha uma compensação de graças occultas, as quaes fazem crear raizes no coração do homem. Eu não sei se é no coração, se no figado; o que posso asseverar-te é que tenho visto mulheres formosas apagarem muitos incendios, e as feias atearem-n'os. Dido, Helena, Cleopatra, dizem que foram lindas mulheres, por terem apaixonado Eneas, Páris e Antonio. O que de certo se não sabe é se eram feias. Verdadeiramente feio, meu amigo, é o diabo, como diz a ama de leite dos teus sobrinhos. Emquanto a virtuosa, meu caro Bento, a esse respeito tinhamos muito que dizer, se eu não tivesse somno. A virtude é o escolho de muitas posições sociaes. Felizmente que ella vae em decadencia, e por isso veremos, de hoje a trinta annos, muitas posições brilhantes com um pé no pescoço da virtude. Virtude é uma sociedade mercantil, em que a maior parte dos emprezarios se sustentam á custa da pequena parte que se conserva fiel aos estatutos. Fóra com a palavra; e se promettes aspa'-la do teu programma de casamento, indico-te uma mulher.

—Qual?!

—A minha visinha Hermenegilda, filha do Pantaleão.

—Pois achas que está no caso?

—Muito no caso.

—Sei que é rica, não é feia, é estupida, é fidalga; mas... emquanto a virtude, não sei por que ella perca no teu conceito, para que eu deva aspar a palavra do meu programma!

—E' que eu desconfio do preto!

—Do preto?! que preto?

—Falaremos ámanhã. Agora quero dormir.

Bento de Castro saíu, e eu, voltando-me para o outro lado, sonhei com o preto.

....

Suaves recordações da mocidade, sêde a cebola d'estes olhos, que já não podem chorar!

III

No dia seguinte, fui obrigado pelo meu amigo a praticar o escandalo de acordar ao meio dia e vinte e sete minutos.

Queria elle ser esclarecido sobre palavras enigmaticas, que eu proferira a respeito do preto.

—Não valia a pena—disse eu—pertubares o meu somno da manhã por semelhante insignificancia. A historia do preto é a mais innocente das historias. Não sei se o molêque conhece o Othello de Shakspeare, E' certo que o Othello era preto, e sentiu a mais negra das paixões por uma branca. Não sei tambem se a filha de Brabante lhe puxava a elle a carapinha, como faz a filha do sr. Pantaleão ao dito preto. Em todo o caso ha muito a recear do espirito de imitação porque o plagiato do amor é de todos os plagiatos o mais nocivo. Por imitação, ama-se, por imitação deshonra-se, por imitação, casa-se, por imitação, suicida-se. Quem sabe se a sr.ª D. Hermenegilda, para imitar Desdemona, introduziu o preto no coração?

—Estás a mangar!—respondeu o meu amigo Bento. —Póde lá dar-se semelhante asneira!

—Dão-se asneiras maiores, meu caro, muito maiores. Eu tenho uma prima... dás licença que te conte a historia de minha prima?

—Se não for muito estirada...

—Laconica o mais possivel. Minha prima Rosa foi a mulher mais bonita de Villarinho de Cotas, Canellas, Sinfães, e povos circumvisinhos. Tinha um bom patrimonio, e foi muito pretendida. Rejeitou propostas de vantajosos casamentos, e resistiu ás minhas tentações, quando eu era um homem perigoso em casa de primas. Uma bella manhã a primi-

nha desapparece de casa. Partem emissarios para todas as partes do mundo em cata d'ella, e depois de varejarem e farejarem todas as casas suspeitas, todas as egrejas onde o mysticismo a poderia ter em extasis, e até um poço onde uma allucinação a poderia ter precipitado... depois de muitas diligencias, e lagrimas, e gritos, e informações, minha prima apparece... imagina lá aonde?

—Eu sei cá!...

—N'um lagar de uma quinta sua, escondida atraz de uma pipa, no mais puro arrobamento do amor com...—meus illustres avós! perdoae-me a revelação—com um dos gallegos que tinham vindo á vindima. E que pedaço de gallego!

—Que se seguiu? mataram o bruto?

Qual matar o bruto! O bruto tinha um direito sagrado á sua existencia. Minha prima foi interrogada pelo irmão, seu tutor, e respondeu que havia de casar com o gallego.

—E casou?

—Casou, e vestiu-o de casaco, e botas de cano alto, e chapéo de seda, e, o que mais é, meu primo gallego parecia depois um hespanhol. Se o vires hoje, não dirás o pessimo texto que está n'aquella encadernação.

—E ella ama-o?!

—Essa admiração é sufficientemente parva! Ama-o

como o amou sempre, bebe a felecidade dos labios d'elle, pendura-se-lhe, em delirios de ternura, das largas espaduas, aperta ao coração a cabeça amante do conjuge inseparavel, não receia uma deslealdade, desconhece o ciume, produz, o mais mechanicamente que se pode, rapazões robustos, vermelhos, e gordos como teixugos; emfim, para te dizer tudo de uma vez, minha prima está gorda, come tanto como elle, e faz as suas digestões na suave beatitude da mulher ditosa, com os olhos postos no marido, Faltava-me dizer-te que esta creatura angelica, antes de ser encontrada no lagar, era de um melindre de orgãos, e de uma susceptibilidade de emoções, que fazia recear muito pela sua vida.

Lia novellas de La-Calprenède, Genlis e de Radcliffe. Chorava enternecida, fitava no céo os olhos lacrimosos, pendia a fronte contristada, tomava parte nas dores das suas heroínas, e muitas vezes me disse que a copia do seu modelo, a realisação das suas esperanças, estava no céo. Como diabo desceu do céo cá para baixo o gallego, isso é que eu não sei. Eu vivia persuadido de que o céo não importava aquelle genero.

Seja o que fôr, esta historia vem a pello para exemplificar um dos muitos casos em que a boa philosophia nos ensina que um preto é um rival temivel. Posso enganar-me, nem ouso aventar uma ca-

lumnia; porém, a minha visinha não dá ares de quem procura no céo a realisação das suas esperanças; e, se procura, quem me diz a mim que o preto não desceu de lá pelo mesmo alcatruz que poz cá em baixo o gallego? Que me dizes tu a isto?

—Eu digo que não quero saber mais nada da tua visinha, e deixo-a ao preto em boa paz.

—Não vou para ahi. Suspeitas não fazem prova.

—Mas o que tens tu visto?

—A pequena a brincar com o preto.

—De que modo?

—Jogam os cantinhos sem intervenção de um terceiro: invenção rara que se deve á estrategia do amor, assim como o xadrez se deve á estrategia militar.

—E que mais fazem?

—A bagatella de se darem surras. Ella arrepella-o, elle dá-lhe duas palmadas bem sonoras no mesmo local onde o patrão lhe dá a elle os pontapés. O preto perfila-se, a innocente menina vem para a janella, e a moral domestica folga do resultado. Já vês que não ha aqui bastante motivo para renunciar uma conquista de dez mil cruzados de renda, e uma mulher que promette estar contente, dando-lhe o comer ás horas, e tres duzias de gallinhas para tratar... Das duas uma: ou a mulher ama o preto, e não te acceita a côrte, ou não ama o preto, e acceita. Que perdes tu na tentativa?

—Dizes bem, eu não perco nada. Como não tenho melhor cousa em que esperdice o tempo... E como hei de eu apresentar-me?

—Apresenta-te ahi na minha janella, e faze-lhe saber, sem grandes rodeios, que estás ferido.

—Será demasiada liberdade...

—Deixa-te d'isso; demasiada liberdade acho eu que é a do preto. Certas mulheres só entendem o que se lhes diz; e emquanto a mim, a nossa visínha é d'aquellas que nem o que se lhe diz entende. Clareza no pensamento e na phrase. Imagina que falas com uma filha do teu caseiro. Põe o teu codigo de civilidade ao pé do Genuense e do Quintiliano. Nada de logica nem de rhetorica. Os principiantes do amor cuidam que é da tarifa devorarem no silencio, antes de se revelarem, as melhores phrases que tinham para convencer. Grande contrasenso. Parecem-se com os caçadores novatos, que atiram á perdiz quando ella vae muito longe do alcance do chumbo. Fia-te em mim, Castro. A mulher que principia a amar tem oito dias de alienação moral. O espirito anda-lhe á solta, e um habil caçador apanha-lh'o, e depois... como sabes do teu Genuense, a alma é uma substancia accommodada para governar o corpo. Pilhada a alma, o corpo, sem governo, é uma nau desmastreada, sem leme, á mercê das ondas... Espera... ouço-a falar... Olha... Ella lá está na janella.

IV

O meu amigo chegou á janella, e tossiu a tosse especial dos namorados de 1826, que era uma tosse secca, como a do ultimo periodo da tysica laryngéa. Hermenegilda acudiu ao reclamo catarrhoso, e viu risonha a cara do meu amigo Castro, que realmente era um perfeito homem. Retirou depressa os olhos, mas depressa obedeceu com elles ao magnetismo das olhadellas do visinho. Eu cá da minha alcova, por entre os farrapões das cortinas amarellas, estava presenceando o introito comico do acto mais solenne da vida dos povos, que era o casamento então, e hoje são as eleições.

O meu amigo não se desapegava do peitoril da janella. A pequena ia e vinha; olhava-o, como a disfarce, lá do fundo da sala, e trazia sempre um terço do olho esquerdo compromettido.

Castro manifestava com o nariz o seu contentamento, empenhando o na victoria. Assoando-se, trombeteava o som menos amoroso possivel. O nariz, considerado porta-voz do coração, echo da poesia intima, interprete da linguagem muda da ternu-

ra, exerce a mais nobre das missões corporaes, e attinge a um elevado gráu de perfectibilidade nasal, depois do outro, mais elevado ainda, de espiraculo de defluxo, e absorvente de simonte.

Fui almoçar e deixei o meu amigo na janella Quando voltei, estava elle radioso de gloria.

—Então?—disse-lhe eu—quantos graus acima de zero marca o thermometro da visinha?

—Está pegado o namoro.

—Eu vi tudo.

—Mas não viste o melhor. Offereci-lhe uma carta. Ella primeiro disse que não...

—Que não sabia ler?

—Não, homem: disse que não acceitava. Instei, e, por fim, deu signal affirmativo com a cabeça, e fugiu da janella.

—Oh! é tocante essa fuga! o que faz o pudor! A virginal menina não poude mostrar a fronte á luz do sol, depois de uma fraqueza a que a paixão a compelliu!

—Tu estás caçoando!

—Forte scisma a tua! Não póde a gente vestir as suas idéas com as pompas da linguagem! Ora vamos, Bento. E' preciso escrever á pequena.

—E' um grande embaraço. Não sei como se escreve a esta mulher. Será muito estupida?

—Parece-me que é, e, n'esta hypothese, escre-

ve-lhe uma carta muito tola. Queres tu ser o secretario? Eu entro no teu coração e falo por ti.

—Valeu! nota lá a carta.

—Senta-te, e escreve.

Eu accendi um cigarro, sentei-me de cocoras sobre a minha cama, entrei em espirito no espirito do meu amigo, e dictei a seguinte carta, que offereço como norma aos amadores das Hermenegildas:

«Meu adorado bem,

«Com o coração em viva brasa, lanço mão da penna tremula para expôr á vossa compaixão o triste sudario da minha alma.

«Os vossos olhos são settas do deus implacavel, que não perdôa a rei nem a vassallos, que abranda o coração da panthera de Java, e enternece as melodias do rouxinol do salgueiro.

«Ferido n'este coração, que é vosso, tenho direito a pedir-vos balsamo para a chaga que vossos olhos me rasgaram no peito.

«Ingrata serieis, amada Hermenegilda, se mostrasseis indifferentes á dôr, os olhos que tamanha dor causaram! Não! é impossivel que n'esse peito de alabastro, ninho dos prazeres, se aninhe a vibora da ingratidão!

«No vosso angelico sorriso, ó cara amada, pousou

a minha felicidade,que, ha muito, busco, por toda a parte, como andorinha que perdeu o trilho aereo da sua patria, e ficou erma e só na região das neves...»

— Ella não entende isto! — exclamou o meu amigo!

— É justamente o que nos convém. Se ella entendesse isto, faria da carta dois papelotes, e mandava-te á fava. Continúa:

«Eu sou como o viajante nos desertos da Mezopotamia, ardente de sede, pedindo a cada miragem uma gotta de agua, e bebendo candeias accesas nos raios do sol oriental!

— Isto parece-me asneira!—replicou o amanuense —*Bebendo candeias*! Viu-se já um semelhante disparate

— Pois tu queres que ella te entenda, ou não?

— Quero que entenda: é boa a pergunta!

— Pois se tu lhe disseres que bebias no deserto linguas de fogo em logar de candeias accesas, entender-te-ha ella melhor? Candeias sabe ella perfeitamente o que são; e linguas, emquanto a mim, só conhece a de porco e a de vacca. Se me pões contradictas ao libello, recolho a inspiração e deixo-te nas trevas. Escreve lá:

« Nos meus sonhos...

Entre parenthesis. Este estylo hoje é rançoso, e qualquer caixeiro o escreve sobre o mostrador, entre uma ceira de figos de comadre e trez achas de pau campeche; n' aquelle tempo, porém, em 1826, era

necessario ter um talento creador para espetar a phrase na região do sublime. Eu fui um dos apostolos d'este estylo; e glorio-me de ter feito escóla. Vieram depois os imitadores, sem critica nem gosto e asnearam de modo que venceram o passo que vae do sublime ao ridiculo.

— Escreve lá, Bento de Castro:

«Nos meus sonhos tenho visto muitas vezes uma visão vestida de nuvens córadas de luz, calçada de estrellas, coroada com o arco iris, sentada na lua com o sol engastado no peito, e o globo terraqueo a seus pés. Ereis vós, Hermenegilda! Apenas vos vi, reconheci-vos como o molosso reconhece o dono, e a rola o ninho, e a lebre a cama, e a truta a acolheita.

«Ver-vos, e não amar-vos, seria morrer de ver-vos; e amar-vos sem ver-vos, só eu pude; e que faria eu depois ao ver-vos, senão amar-vos!?...»

— Acaba depressa com isto!—interrompeu o meu amigo—Ver-vos, não ver-vos, amar-vos, e ver-vos, e não amar-vos... que diabo de embrulhada é esta!?

— Tu és tolo! —redargui eu — Está explicado o segredo da tua nullidade perante as mulheres. Tens trinta annos, e todas as tuas conquistas reduzem-se á filha do chapelleiro de Braga. Podias ter um nome em Portugal, se ao teu patrimonio, quasi dissipado, e á tua excellente figura, quasi em decadencia, juntasses um pouco de estylo. Todo o conquistador deve ter um ar-

senal bem fornecido de bombas phraseologicas. A idéa não é que persuade uma mulher, é a palavra. O que tu chamas *embrulhada*, meu patavina, é o melhor que se póde dizer, quando não ha nada que se diga.

— Suppomos — replicou elle — que esta mulher não me entende?

— Certo d'isso estou eu.

— O que se segue é não me responder, porque receia que eu me ria da sua ignorancia.

— É justamente o que te convem, tolo.

— Que me convém!

—Sim; convmé-te que não responda, porque não respondendo, fala-te. Que lucras tu com a correspondencia epistolar d'esta mulher?

— Parece-me que pensas bem!... Tu és um grande homem! Ora anda lá, diz mais alguma asneira.

— Onde estavamos nós?

—Estavamos no *ver-vos e não ver-vos*, *amar-vos e não amar-vos*...

—Ah! já sei... põe lá:

«Cesar foi, viu e venceu. Eu vim, vi, e fui vencido! Maravilhosa coincidencia de contrastes, Hermenegilda querida!

«Mas é tão doce ser escravo, subdito e fiel vassallo vosso! Quereis vós ser a rainha d'esta alma? Governae-a com o vosso sceptro de amor; sujeitae-a aos decretos e leis regias dos vossos soberanos olhos; regei

esta monarchia com o absolutismo despotico da vossa augusta vontade.

«Se não quereis responder-me, senhora, dae-me n'um sorriso o signal de que acceitaes preito e homenagem do vosso mais humilde feudatario

Bento de Castro da Gama.»

V

O meu amigo, a meu pedido, fechou a carta em coração, e postou-se na janella. Hermenegilda appareceu. A carta foi-lhe mostrada; ella fez menção de recebe'-la. Castro saíu, roçou-se pela porta, lançou-a no pateo, e tornou para a minha janella.

Hermenegilda não apparecia: estava naturalmente estudando os jeroglificos druidicos da carta.

O preto, porém, veiu á sala, e fez uma careta medonha ao meu amigo.

A careta do preto fez pensar o meu amigo tão seriamente, que desde logo resolveu imprimir-lhe em qualquer parte quatro pontapés homericos.

Eu combati o projecto com a logica da prudencia, fazendo ver ao pundonoroso Castro que a careta do

preto era uma d'essas innocentes caretas que a natureza patusca ensinava aos macacos. Convencido zoologicamente da approximação das duas especies, visto que a careta era de instincto, o amante fogoso de Hermenegilda prometteu levantar de sobre a cabeça do negro, não direi a espada de Damocles, mas a bota de montar com espora de prateleira, seu calçado favorito.

Mais do que as minhas razões, a presença da visinha aquietou os impetos cavalheirosos do meu amigo. Eu puz-me á espreita. Vinha jubilosa, com cara de paschoas, um ar de alegria lôrpa, e a expressão mais significativa de que não entendêra palavra da carta arripiada.

Castro, sem ser acanhado, parecia um tolo, sorrindo com ella.

—Pergunta-lhe se responde — disse-lhe eu cá de dentro.

O meu amigo esperou o ensejo de uma olhadura, fez menção de escrever na palma da mão esquerda, tregeitou com a cabeça uma pergunta, e ella de lá respondeu que não. Castro fez um bico de ternura dolorida, encolheu os hombros em ar de paciencia, e vestiu o semblante com uma visagem melancolicamente sandia.

— Pergunta-lhe se fala — tornei eu cá do meu centro de operações.

— Podeis falar-me? — disse elle, improvisando com as mãos um ridiculo porta-voz,

Ella fez-se desentendida, e o meu amigo levantou nota e meia á pergunta.

— Se podeis falar-me...

Hermenegilda não respondeu ainda, e Castro ia de certo interrogá-la com toda a franqueza dos seus pulmões, quando viu, lá ao fundo da saleta, reluzirem os olhos do preto, como duas carochas em carvoeira. Como se não pudesse supportar o magnetismo hediondo d'aquelles olhos, recolheu-se para dentro, murmurando:

— Eu quebro a cara ao preto! Lá está o patife a espreitar-me.

Eu estava de pachorra para tranquilisar a raiva do meu brioso amigo. Fiz-lhe ver que os grandes triumphos custavam grandes heroismos de paciencia. Lembrei-lhe Annibal, agatinhando as agruras dos Alpes; Colombo, jogando o sopapo com a tripulação; Bonaparte, comendo farinha de páu no deserto das pyramides, etc. O meu amigo succumbiu perante os exemplos da historia e resolveu tolerar com paciencia todas as caretas do preto.

— A ti o que te convém — disse-lhe eu — é ralacionares-te com o Pantaleão. Tu não conheces o Miguel das Infusas?

— Quem é o Miguel das Infusas?

—E' um fidalgo do Porto, grande genealogico.

—Não conheço na nobiliarchia portugueza esse appellido *Infusas*.

—Tambem eu não; mas o appellido é acquisição feita pelo tal Miguel. Chamam-lhe o *das Infusas*, porque elle, amador das artes, viu duas pequenas infusas de prata n'uma ceia esplendida dada ao general do Porto, e quando a occasião lhe foi propicia acondicionou-as o melhor que poude nas algibeiras da casaca. Passado tempo, o proprietario das infelizes lobrigou-as em casa de um usurario, e sabendo que o erudito genealogico as puzera no prego, divulgou o feito do illustre neto dos Teives e Couceiros e Moscosos. D'ahi em diante, a classe media associou as infusas aos appellidos deslumbrantes do fidalgo, que continúa a esmerilhar na genealogia do proximo um casamento desegual de quinto ou sexto avô, para, nos seus momentos de soberba aristocratica, mostrar aos primos uma nodoa na arvore d'este ou d'aquelle que ousa chamar-lhe primo.

Aqui tens o maior amigo de Pantaleão. Eu não posso apresentar-te, porque não pertenço á roda, como sabes, mas tu, que és irmão de morgado, procura-o com o fim de esclareceres uma duvida sobre o teu oitavo avô. Logo que falares em oitavo avô, o homem manda-te sentar, e pergunta-te onde estás hospedado.

—E que diabo hei de eu dizer-lhe do meu oitavo avô?!

—Inventa qualquer toleima... por exemplo: queres saber se teu oitavo avô instituiu uma capellania; queres saber se teu oitavo avô casou com a segunda ou terceira filha dos senhores de Panoias; queres saber se o teu oitavo avô foi casado com a tua oitava avó. Ha trinta mil cousas a saber de um oitavo avô, pois não ha!

—Mas eu sei cá quem foi o meu oitavo avô?

—Isso elle t'o dirá. E' capaz de te descobrir um joanete que elle tinha no pé esquerdo. Conseguido o primeiro passo, pergunta-lhe se uma senhora da tua familia é exacto ter casado, ha trezentos e vinte e sete annos, na casa de Villar de Gaivotas, d'onde elle se diz muito parente. Consegue que elle te chame primo, e eu corto ambas as orelhas, se tu não casares com Hermenegilda, apesar de todas as caretas do preto.

—Tu nunca falas sério, João! Devéras entendes que eu fale ao homem?

—Hoje, se é possivel. Isto são favas contadas. O Miguel das Infusas vem jantar todos os domingos com o primo Pantaleão, e tu és apresentado no proximo domingo.

Castro foi á janella dispensar um sorriso a Hermenegilda.

Com grande espanto meu, a rubra menina, sem ser provocada a falar, disse, affectando muito receio de ser ouvida:

—Posso falar-vos d'aqui da janella, depois que meu pae e minha mãe estiverem deitados.

—A que horas?

—A's nove.

—A's nove!?—replicou elle maravilhado.

—Sim, sim, tornou ella; e desappareceu.

—Isto vae bem!—exclamou Castro.—Mas ás nove horas! tão cedo!

—Teu futuro sógro, meu amigo, segundo me disse a creada dos calcanhares gretados, come o seu caldo requentado ás sete horas, arrota até ás oito, deita-se ás oito e um quarto, adormece ás oito e meia, e ás nove é uma massa bruta, inerte, inamovivel. Bom é que vás sabendo o programma do teu futuro em casa do fidalgo de Amarante. A's oito horas has de estar no thalamo conjugal com o barrete de retrós por cima das orelhas, e ás nove has de resonar o mais estupidamente possivel, fazendo um dueto com tua mulher.

—Estás enganado!—replicou elle.—Se eu casasse com ella, pensas tu que me ia degredar na Amarante? Isso sim! Eu quero viajar á custa de minha mulher, e dar-lhe-hei a honra de me acompanhar. Que póde viver a mãe de Hermenegilda? Dois ou tres

annos, quando muito. Logo que ella se resgate da gotta, está a filha de posse de uma excellente casa. A do pae ella virá quando vier, e virá sempre a tempo de me dourar as cadeias. Queres tu viajar comnosco?

—Oh! pois não hei de querer!? Havemos de ir a Vallongo, em dia de Santo Antonio, e quando reunires ambas as casas, de modo que possas cortar por largo, iremos a Vianna, á Senhora da Agonia! Que bello futuro!

—E's um pateta!—redarguiu lisongeiramente o meu amigo.—Não se póde falar serio comtigo! Vamos ao caso; visto que ella me fala ás nove horas, é escusado procurar a protecção do Miguel das Infusas.

—Pateta és tu! Sem o Miguel das Infusas não fazes nada. Se o teu fim fosse seduzir Hermenegilda, convinha-te sustentar o namoro clandestinamente, evitando relações com o pae. Mas tu queres casar, e casar com brevidade; precisas ser admittido ao gremio da familia; dar ao teu namoro um ar de honestidade boçal; cabecear com somno todos os dias, meia hora ao pé da noiva; jogar a bisca de nove com tua sogra, e representar, emfim, de palerma até ao dia em que se cruzarem definitivamente as raças. Não deixes, portanto, de procurar o Miguel das Infusas. Vê o que ella te diz hoje, e ámanhã vae ao Porto saber alguma cousa do teu oitavo avô.

Castro foi á janella trocar com Hermenegilda dois gatimanhos alvares, como são todos os gatimanhos preliminares de uma grande asneira.

VI

A's nove horas em ponto, Bento de Castro saiu de minha casa, e plantou-se debaixo da janella do sr. Pantaleão. Eu apagára a luz, e espreitava pelos buracos da cortina o introito do *rendez-vous*. Espreitava, e escutava, não por mera curiosidade, porque não sou curioso, mas por utilidade propria, visto que me tinha encontrado em grandes apertos de eloquencia nos primeiros encontros com trinta e oito mulheres.

O leitor casto (para não ser sempre *pio*), que chegou aos cincoenta annos sem experimentar os apuros de namorado na sua primeira entrevista, está muito longe de imaginar o que é uma agonia séria!

Eu, João Junior, em quem a Europa reconhece um espirito superior e mais um bocadinho, recordo hoje com vergonha a plangente figura que fiz, ha quarenta annos, diante dos meus namoros.

A primeira mulher que amei era uma dama de alto

nascimento, que tivera bastante influencia no quartel-general de lord Wellington, e jogára, por causa de um ajudante de ordens do mesmo, o sopapo com uma viscondessa celebrada, cujos dentes, que foram bellos, passaram com os meus para o dominio da historia.

Esta dama, com os seus quarenta annos bons, era ainda formosa, e falava admiravelmente sobre quasi tudo, e com especialidade sobre a acção immoral que a revolução franceza exercera, por tabella, nos salões lisbonenses. Dizia ella, com um riso sarcastico nos finos labios, que os Inglezes vieram executar em Portugal as theorias livres da França. Acrescentava que o fardamento dos officiaes de Beresford conseguira das mulheres lusitanas, raça das Brites e das Vilhenas, o que os romances de Voltaire não poderam fazer.

Ora vejam que tal era a primeira mulher que me trouxe pela mão o travesso Cupido, que n'aquelle tempo estava no ministerio!

Foi aqui justamente na Foz que eu a vi, rodeada de satellites sufficientemente parvoinhos para perderem o centro de gravidade e cairem no espaço infinito dos conquistadores aleijados.

Fiz-me importante aos seus olhos por lhe salvar uma cadellinha que escorregára do *penedo de Apollo* ao mar. Apenas a vi em ancias, despi o casaco, met-

ti-me até ao peito na agua, apanhei a cadellinha, que a ressaca levava para o mar, e como Camões.

Dos procellosos baixos escapado

vim lançar no regaço da afflicta dama a cadella gemebunda.

Fui bonito, como vêem, para casa! A nobre senhora quiz recolher-me no seu quartel, e eu, sem dar tempo a reiterados rogos, nem agradecer-lh'os, porque os queixos faziam uma traquinada diabolica, metti-me á cama, onde transpirei tres dias, bebi dez garrafas de tizana, puz no peito um arnez de pez de Borgonha, e ao cabo de uma semana fui deixar um bilhete á exc.ma dona da cadella, que mandára saber de mim todos os dias duas vezes.

Encontrando-me na praia, disse-me ella com muito agrado:

—Eu não me satisfaço com o seu bilhete. Sou mais ambiciosa. Quero que me dê o gosto de ir passar alguns momentos a minha casa, onde se joga, e ri, e conversa, depois de um mau chá. Hoje poderei contar com a honra da sua visita?

—Oh minha senhora!...

—Não me deixe na duvida. Meus manos querem ter o gosto de o conhecer... (Em 1819 era assim que se dizia a um homem da minha roda. Hoje os

manos de s. exc.ª, querendo conhecer-me, procuravam-me em minha casa. Que progresso immenso em quarenta annos!)

—Não nos falte!—proseguiu ella gesticulando seductoramente—Por me ter feito um grande favor, não se segue que me prive de outros.

—Oh minha senhora!...

—Um grande favor, sim! Mal sabe o amor que tenho a esta cadellinha. É ingleza... Foi-me enviada por um general britannico das minhas relações de infancia. (*Nota*: S. exc.ª tinha recebido a cadella em 1812; tinha ella então *trinta e dois annos*... que *infancia*!) Calcule o impagavel serviço que recebi.

—Oh minha senhora!

Nunca pude passar d'esta apostrophe palerma: *oh minha senhora?*

Que idéa fará esta mulher da minha intelligencia? perguntava eu ao outro *eu*.

Com effeito, na noite d'esse dia apresentei-me em casa da exc.ma snr.ª D. Vicencia dos Anjos Albergaria Raposo Cogominho, etc.

(Parece-me que vae saíndo grande estopada a historia! Já agora, leitor, não queiras que eu perca duas tiras de papel, escriptas debaixo da inspiração saudosa dos tempos ridiculos!) Apenas entrei, fui rodeado de caras desconhecidas. Vi muita velharia

femea sentada a um canto da sala. Fui lá fazer os meus cumprimentos, e apenas uma se dignou bamboar um pouco a cabeça. As outras perguntavam á dona da casa quem era eu. Este *quem é* ignominioso passava de bôca em bôca; já depois que D. Vicencia dissera alto e bom som: «O snr. João Junior é o salvador intrepido da minha cadellinha.» Ser João, e salvar cadellas não era habilitação bastante para ser apresentado.

Deu-se-me pouca importancia; apenas o capellão me veio perguntar quem era, d'onde era, que modo de vida tinha.

O orgulho começou a picar-me, e eu respondi que era o que fôra antes de ser o que era. Que nascera em qualquer parte onde o acaso me fizera nascer. Que o meu modo de vida era viver de modo que podesse rir-me dos tolos que o acaso do nascimento fizesse mais tolos do que eu.

O capellão ficou attonito d'este trocadilho insulso, e fe'-lo mais parvo do que era, revelando-o aos hospedes de D. Vicencia.

Ella, porém, viera sentar-se ao meu lado, e animou-me a eloquencia com as liberdades da sua conversação.

Falou-me no amor, e parecia mais bella, acalorada com o enthusiasmo d'este grande assumpto. Perguntou-me se tinha amado, e se lhe fizera a ella o

sacrificio de privar a minha amante de alguns instantes felizes.

Respondi que apenas saíra da minha aldeia vinte dias antes, pela primeira vez, e não sentira ainda o que era amor.

—Sim?!—atalhou ella abrindo muito os olhos scintillantes.

—Sim, minha senhora.

—Um coração virgem! E' crivel! Qual será a feliz mulher que se aqueça ás primeiras chammas da sua alma?

Esta metaphora pareceu-me magnifica e fez-me impressão! Se lhe respondesse, diria necessariamente uma futilidade chôcha. Calei-me, e, se bem me recordo, córei.

Se dispensam saber o resto, não leiam o capitulo seguinte.

VII

Pouco depois, tres morgados das margens do Tamega vieram sentar-se ao pé de D. Vicencia, e começaram a falar de cavallos. Discutiu-se a pulmoeira de uma egua ingleza, e os alifafes de um alazão de

Alter. D. Vicencia falou de um urco inglez, que era o mimo quadrupede do quartel general do Beresford, e datou precisamente que em metade do seculo XVIII florescera o tronco de um cavallo pigarço que lhe morrera de um aguamento na estalagem de Vallongo.

Eu assisti estupidamente silencioso á pratica d'estes dignos Plutarcos de cavallos illustres. Se quizesse dar o meu obulo para a conversação, poderia apenas apresentar as minhas averiguações sobre quatro mataduras de uma egua em que viera, graças á benevolencia prestante do meu abbade.

Á meia noite, um tio de D. Vicencia, conego da sé patriarchal, principiou a resonar a um canto da sala. A trombeta nasal do distincto ornamento da egreja era o signal do despejo. A nobreza d'estes reinos principiou a saír, e eu depois de quatro curvaturas, correspondidas por quatro mesuras de alto a baixo, em que era soberanamente ridicula D. Vicencia, fui para o meu quartel, scismar na mulher, á luz de uma bugia.

Devo confessar que me não saía das orelhas o echo d'estas dulcissimas palavras: «Qual será a primeira mulher que se aqueça ás primeiras chammas da sua alma?» Esta honra de fogareiro, concedida pelos melhores quarenta annos que meus olhos viram, alvoroçou-me o sangue, e tirou-me a vontade da ceia,

doce amiga que até então me embalava nos sonhos deliciosos de um Vitellio de meia tigella.

Vi duas vezes a mulher em sonhos. Não sei porquê, mas o sonho com a mulher que póde amar-se, essa casta idealisação em que o material do corpo não entra, faz que a gente acorde amando-a, revendo-a através da nuvem esvaecida do sonho, desfigurando-a por uns contornos vaporosos, que o leitor nunca viu, se Deus lhe fez o favor de lhe dar uma alma bem chata, do que lhe dou os meus sinceros parabens.

Rompia a manhã no horisonte purpurino do mar, quando eu saltei do leito da insomnia para o meio da rua. Senti que era poeta: alvoreceu-me n'essa madrugada o furor das rimas, e, sem vaidade, confesso que escrevi de uma enfiada vinte e tantas quadras, terminando todas por

Meu amante coração.

É realmente um vacuo na historia da poesia moderna em Portugal a perda lastimavel do meu primeiro jacto metrico. Se bem me recordo, o meu poema poderia ter uma até duas; mas, tres tolices em cada verso, isso posso eu assverar que não aos poetas contemporaneos, que têem levado o seu talento creador a quatro, cinco, e mais. Como quer que fosse, eu

glorio-me de ter feito obra que muitos annos depois encontrei executada, com pequenas correcções, ao som da viola, fazendo as delicias de um arraial.

Com a aurora da poesia veiu a primeira nuvem das decepções amargas do poeta, e vem a ser que, estando eu persuadido que o poeta saía do vulgar, entrava em convivencia com os sylphos, e, *ipso facto*, dispensava o almoço,—enganei-me redondamente. Ás nove horas e meia, quando o coração parecia ter feito monopolio da vida dos outros orgãos, começaram-me os intestinos a resoar uma symphonia de rugidos. que devia ser a da abertura de uma opera muito séria. Fui a casa, e aquietei o motim intestinal, como os imperadores romanos aquietavam a canalha: *panem*, mas com manteiga, que os romanos não conheceram; o *et circenses* traduzi-lh' o em café com leite.

Consummada esta operação mixta, achei-me poeta em duplicado. Fiz um soneto excellente durante a digestão. Era um acrostico a *Vicencia;* mas como Vicencia tem só oito lettras, e eu precisava de quatorze, venci a difficuldade buscando entre os seus appellidos um com seis lettras. Encontrei *Raposo*; por consequencia — VICENCIA RAPOSO!

Era um bello soneto, que será publicado na segunda edição, para não alterar a ordem delineada da primeira. Perfilei-me na praia, eram dez horas e vinte e cinco minutos. O coração dava-me cambalhotas no

peito, quando a vanguarda de D. Vicencia, composta de paspalhões, appareceu na calçada. N'isto, desponta a cadellinha, que eu amava quanto é possivel amar-se uma cadella que nos proporciona o namoro com a dona... Depois... ELLA!

Então é que foi! Eu já não sabia o que havia de fazer das mãos! Parecia-me que a perna direita era um membro incommodativo. Os hombros encolhiam-se-me, e os braços procuravam, entre todas, a postura mais desengraçada. D. Vicencia cortejou-me de longe e eu querendo corresponder-lhe, tirei o chapéo tanto á pressa, que me ficou metade do forro em volta da testa, como uma aureola de marroquim vermelho. Attribulado com os sorrisos de quatro petimetres que estavam ao lado, quiz dar-me uma compostura geral ao corpo para os encarar com sobrecenho, e resvalou-me um pé na aresta de uma fraga. Dobraram a risada os peralvilhos, e eu, emparvecido, cosi-me com uma barraca, desejando n'aquelle instante bifurcar-me na egua ulcerosa do abbade, e demandar o patrio ninho.

Não o quiz assim a minha desventura.

D. Vicencia não testemunhára a minha segunda catastrophe, graças ao cumprimento de um adventicio Quando eu me escoava subtilmente por entre as barracas, não pude deixar de envesgar um olho miserando sobre Vicencia. Viu-me! procurava-me com aquel-

le ar desdenhoso das mulheres espertas, que parecem não querer ver o homem que mais procuram. Ora Vicencia, além de esperta, tinha um uso!... Não falemos d'isso!

O magnetismo d'aquelle olhar collou-me os pés á areia como os da estatua do idiotismo! Sorriu-me com o mais amavel dos desleixos, brincando com as borlas do seu elegante casaco, roupão, ou como é que se chamava, de castorina côr de rato! Eu tomei a brincadeira das borlas como um aceno, e penso que me não enganei. Este espirito sagaz é uma cousa muito velha em mim!

Fui-me approximando disfarçadamente. Vicencia, com mais subtil disfarce, deixou o grupo dos senhores donatarios que regougavam as suas tolices habituaes. Foi sentar-se solitaria ao pé de uma barraca, e eu, trémulo de susto, fingindo quanto pude um animo frio que mais me denunciava, avisinhei-me com o chapéo na mão.

— Como passou a noite, snr. João Junior? — acudiu ella ao meu embaraço.

—Muito obrigado, minha senhora... — gaguejei eu

— Passou bem, não é assim?

Creio que fiz um tregeito parvo com os beiços, no qual tregeito queria eu significar-lhe que não passára lá grande cousa.

—Então passou mal?—tornou ella.

Uma idéa, distinctamente tola, me acudiu de improviso á mente. Julguei do meu dever não atraiçoar o legitimo sentimento de ternura que ella fizera nascer. Revesti-me da bravura moral que o amor inspira a todos os patetas bisonhos, e respondi bruscamente:

— Quem sonha com o objecto amado não passa bem.

Nos labios de Vicencia esvoaçou um riso imperceptivel. Ainda hoje me dá muito que pensar aquelle riso! Acho aqui para nós, que a generosa mulher satisfez com aquelle riso ao estimulo de uma consciencciosa gargalhada..

—Pois o senhor não me disse ainda hontem que não amava?

—E' verdade, minha senhora. . mas... lá vem a maré...

—Vem a maré?!—disse ella—a que horas virá ella hoje? Tanto queria tomar banho cedo!

Imaginem, pios leitores, com que cara eu ficaria!

VIII

—Eu não falo na maré do mar, minha senhora...

—Ah... não? eu pensava...

—Queria eu dizer que... o coração muda de um instante para o outro.

—Agora entendo! Ora sente-se...

E eu sentei-me, resolvido a ser homem; mas a cadeira era baixinha, e eu fiquei virtualmente sentado como um macaco. Quiz accomodar uma perna sobre a outra; mas o meu mestre de rhetorica tinha-me dito qne era signal de má creação cruzar as pernas. Desejei n'aquelle momento ter nascido na Laponia, ou encurtar em corpo na razão directa da pequenez do espirito. Experimentei variadas attitudes: uma vez ficava-me o pé direito em aleijão; outras, o joelho esquerdo formava com o direito o apice de um triangulo isósceles. Resolvi, por fim, extender uma perna, e curvar a outra em fórma de fateixa. Isto emquanto ás extremidades inferiores; mas a anatomia prova que o Creador tambem fez as extremidades superiores para castigo de amantes garraios. A mão direita andou longo tempo em busca de uma po-

sição, desde o seio do collete até ao joelho; por fim, metti-a na algebeira. A esquerda inutilisei-a entre as costas e a cadeira. Definida a minha posição, immobilisei-me n'esta caricatura, como se fosse de greda. Desviei as minhas attenções plasticas do corpo, e fizme todo espirito, para destruir o máu effeito do involucro.

—Não toma banhos?—disse D. Vicencia, como se eu lhe tivesse aguado as bellas cousas que tencionava dizer-me.

—Sim, minha senhora, já tenho vinte banhos.

—Soffre dos nervos?... É um terrivel padecimento.

—Eu tambem soffro bastante dos intestinos—atalhei eu com toda a ingenuidade.

—Sim? Ainda ha peores enfermidades... As do coração é que não se curam.

—E v. ex.ª padece do coração?—disse eu com sincera condolencia.

—Muito...

—Algum aneurisma?

—Aneurisma moral... que é o peior de todos. O sr. João Junior ha de soffre'-lo tambem quando chegar a sua hora,

—Por emquanto não sinto dores de peito, minha senhora. O meu mal é todo de intestinos.

—O coração—tornou ella, sorrindo de um modo celebre—o coração tambem é um intestino.

—Ha de perdoar, minha senhora; mas os intestinos estão por debaixo do estomago. Tenho um tio cirurgião que sabe perfeitamente a anatomia, e nunca lhe ouvi dizer que o coração era um intestino.

D. Vicencia ria desafinadamente. Eu estava um pouco enfiado e corrido d'este mau gosto de discutir ás gargalhadas.

—De que se ri v. ex.ª?—interpellei eu, desarranjando um pouco a minha attitude, que tanta arte me custára, e tanto me custou a restaurar.

—Eu rio-me da boa fé com que senhor enrista a lança em defeza da anatomia do seu tio. Eu tenho falado em estylo allegorico. O sr. João Junior sabe perfeitamente o que é allegoria.

—Pois não sei?—repliquei eu com ar de triumpho.—*Allegoria est tropus*... V. ex.ª sabe latim?

—Não, não sei.

—Eu traduzo: Allegoria é o tropo, por meio do qual se mostra nas palavras uma cousa differente da que se tem no pensamento, empregando todavia, para designar esta ultima, outra que com ella se assemelha. Ha duas especies de Allegoria, que são: a *total*, e a... V. ex.ª ri-se? Cuida que eu estou a mentir?

—Não cuido; peço-lhe que não repare nos meus risos. Eu estou folgando de ouvir um sabio...

—Sabio, não digo; mas ainda não ha tres mezes que eu estudei o meu Quintiliano...

—E sabe de cór... Qual é o seu destino? tenciona ser frade?

—Não, minha senhora... Eu parece-me que não sirvo para a vida ecclesiastica. Meu pae quer que eu seja frade bernardo; mas eu... acho que não se póde ser bom frade, quando se fazem versos.

—Pois o senhor é poeta?

—Tenho a minha tal ou qual inclinação para isso.

—Ha de dar-me uma amostra da sua musa. Tem algum poema escripto na Foz, cantando o Neptuno e as deusas do mar?

—Ainda não escrevi nada sobre Neptuno; mas se v. ex.ª ordena farei uns versos a esse assumpto. Hoje escrevi eu umas quadras e um soneto que deixei em casa.

—Deixou em casa? que pena! Não se lembra de alguns versos?

—Não, minha senhora.

—Qual foi o motivo?

—O motivo... o motivo...—gaguejei eu, esfregando os dedos da mão esquerda na palma da mão direita.—O motivo... bem sabe v. ex.ª qual foi...

—Eu! não sei! Talvez a bravura com que o senhor salvou a minha cadellinha!...

—Qual cadellinha!? Ora! não falemos n'isso... Os versos foram feitos... a v. ex.ª

—A mim!? Dobrada razão para lh'os pedir. O que

me pertence não póde ser retido em seu poder sem meu consentimento. Vá já buscar os meus versos, sr. João Junior, e leve-m'os a minha casa, sim?

Ergui-me da infernal cadeira radioso de gloria! Da praia a minha casa não vi ninguem. Caminhava sobre flores de um perfume embriagante. Tudo me parecia azul-celeste. O coração dava encontrões na estreita boceta do peito. Cheguei a persuadir-me que estava curado dos intestinos.

Fatalidade! O extremo de um grande prazer é um desgosto. Procurei os meus versos que deixára sobre a banca, e não os vi. Corro á cozinha, e interrogo uma velha que me acompanhára de casa. Pergunto-lhe pelos meus poemas, e ella arregala os olhos enviezados de marroquim, sem saber o que eu procuro. Insto pelos meus papeis, e a incendiaria diz-me que, á mingua de carqueja, accendera o fogão com uns papelitos que achára sobre a mesa.

Senti a cruenta precisão de matar esta velha! Injectaram-se-me os olhos de idéas assassinas. Traquinaram-me os queixos convulsivos de raiva. Entrou em mim o *delirium tremens*... Foi a imagem da Vicencia que me salvou... se não... ai da velha! e ai de mim tambem!

Saí, fui-me empoleirar no penedo mais hirsuto de Carreiros, bebi a longos tragos a inspiração, reproduzi as idéas da poesia supplementar á carqueja, e

outras novas suggeridas por um novo ardor. O poder do genio! Cento e vinte versos, repartidos em quadras, a inspiração ejaculou de um vomito! Escriptos a lapis, trasladei-os a papel de peso na loja de um tendeiro. Corri a casa de D. Vicencia. Annunciei-lhe a catastrophe da primeira edição, que a fez rir muito. Deixei-a ler mentalmente a segunda, e não ousei procurar no semblante d'ella a denuncia da sensação que lhe faziam.

Lido o poema, D. Vicencia, séria, magestosa, e commovida, sentou-se, fez-me sentar, por um gesto, junto de si, e murmurou estas palavras que, nunca, através de trinta annos, pude esquecer:

—O senhor fez-me rir hoje; mas os seus versos fazem-me pensar com mais seriedade do que eu queria. O senhor é uma creança de coração, annunciando talento e infortunio. É um innocente que fará rir, antes que o ensinem a chorar... Agradeço os seus versos, os seus sentimentos, e o offerecimento do seu coração.

Felizmente para mim entrou gente na sala.

O capitulo seguinte não sei se terei a coragem de escreve'-lo! Vou ler alguns das *Confissões de J. J. Rousseau* para me animar.

IX

Era em uma d'essas noites em que o amor se pendura dos raios argentínos da lua cheia. O dorso do mar, sereno e suspiroso, scintillava em escamas de prata. Na quebrada dos montes fronteiros, onde a lua não diffundia o seu clarão, perpassavam luzinhas magicas, tremulas e subitaneas, que ao cabo de contas, vinham a ser as candeias dos lavradores que subiam do redil para os casebres, ou desciam dos casebres para onde elles queriam, cousa de que não faço questão.

E eu fitára os olhos no horisonte do oceano, terrivel e magestoso; quadro indecifravel desde o cháos, provocação eterna ao orgulho do verme chamado homem; gigante inquieto que submerge no seio, de um sorvo apenas, a tabuinha juncada de soberbos tyrannos da terra, que lá se confundem com a folhagem das algas, boiantes sobre a garganta dos abysmos. E o meu espirito, desatado do poste vil chamado corpo, pairou nas alturas do céo, voejou de mundo para mundo, librou-se na paragem luminosa

das chimeras, e desceu por fim sobre a imagem de D. Vicencia.

Eram dez horas da noite.

Saí de minha casa, com a phantasia arrobada de delicias, e achei-me machinalmente debaixo de um caramanchão de faias e loureiros que abobadavam uma janella aberta no angulo do jardim de D. Vicencia.

Os raios da lua, dardejando sobre a copa do miradouro, matizavam-n'a de tremula folhagem de prata, e vinham, filtrando por entre os rotulos da janella, mosquear a relva como a pelle da zebelina. Era muito para ver-se tudo isto que eu, exacto retratista da natureza, vou pintando de modo que o leitor parece-lhe que o está vendo. É o que se quer.

Sentei-me defronte d'esta como gruta de fadas, e imaginei o que ha mais bello, em Ossian, em Hoffmann, e nos contos orientaes, que eu, com vergonha o confesso, não tinha visto, nem vi depois; mas n'estes ultimos tempos, é preciso ser grande alarve para não saber tudo isto, e muitas cousas mais, lendo os folhetins dos meus amigos, sabedores de tudo, conhecedores de todos os nomes distinctos, á excepção do Lobato, e do Madureira, menos euphonicos que Macpherson, Goethe, Klopstock, e outros, que elles conhecem, como eu, dos cathalogos da bibliotheca *Charpentier*.

Estava eu, pois, n'esta idealisação de todos os meus cinco sentidos, divinisando aquella gruta, onde de tarde vira Vicencia com a face voltada para o sol-poente, apoiada com geito encantador na mão eburnea.

Devo, para desarmar a critica, protestar contra o epiheto *eburnea*.. Entrou comigo a peste litteraria dos modernos torneiros de paragraphos. Arredondar o periodo é a condição imposta pela tyrannia do gosto ao escrevinhador laureado. Eu canto o que escrevo; e, se a toada me destôa no tympano, desmancho a oração em partes, ajusto-as de novo, calafeto-as de artigos, e pronomes, e conjuncções, o mais afrancezadamente que posso, e sáe-me a cousa um pouco inintelligivel, mas harmoniosa como um clarinete de romeiro de S. Torquato de Guimarães.

Com geito encantador na mão eburnea: reparem que é um verso endecasyllabo. Quem ha ahi que arredonde melhor um periodo, sem desnaturar a lingua, nem alastrar o verso de cunhas que resabem a extrangeirice?

Tudo isto veio adrêde (eu traduzo: *á propos*) para dizer que, estando eu com os olhos embevecidos nas melenas das faias, abriu-se subitamente a janella, e a lua deu de chapa na radiosa cara de D. Vicencia.

Viu-me, e não me conheceu: ía retirar-se, quan-

do eu, ainda absorto na apparição, tossi o mais melicamente que pude. Vicencia deu ares de conhecer-me. Eu, invocando todos os potentados da minha alma (não seja sempre *potencias*) para vencer o acanhamento, murmurei:

—Sou eu...

—É o sr. João?

—É verdade, minha senhora.

—Então que faz por aqui?! versos?

—Estava a admirar a natureza, minha senhora.

—E admiravel que ella está!

—Muito admiravel, admirabilissima! muito bonita é a natureza!

—Eu tambem quiz ver o mar onde a lua se espelha tão poeticamente! Mas a noite vae arrefecendo, e eu receio muito as constipações á beira-mar. Se me dá licença, recolho-me...

—Pois eu ainda fico... Estou gostando muito d'esta encantadora noite... Quem ama, não tem medo ás constipações.

Estas palavras proferi-as com certa entonação de despeito, e fiquei satisfeito da minha veia epigrammatica. Vicencia, porém, redarguiu:

—O logar é incompetente para falar de amores. Quem nos visse aqui a deshoras suspeitaria de nós. Nada de escandalos, sr. João Junior. Venha cá áma-

nhã e então me dirá o effeito que lhe fez o poetico espectaculo d'esta formosa noite; mas... se valho alguma cousa na sua vontade, peço-lhe que se recolha, e não queira privar-se de me ver ámanhã, constipando-se hoje... Promette ir?!

—Sim, minha senhora...

—Então, boas noites.

E fechou o rotulo, mais depressa, por sentir passos na extremidade da travessa, que era de pouquissima passagem.

Eu permaneci quieto no meu sitio, meditando, triste, na indifferença gélida com que fôra recebido, em hora tão romantica, tão mysteriosa! N'isto passou por mim um vulto. Era o homem, cujos passos a fizeram fugir com mais presteza.

O tal vulto, ao perpassar por mim, mediu-me de alto a baixo, afrouxando o piso. Olhou para a janella de Vicencia, e fixou-me de novo. Deu alguns passos, e retrocedeu... Confesso que já não estava contente!

O encapotado foi até á extremidade do bêco, e voltou. Parou diante de mim, e disse por debaixo do capote, em ar de tyranno de tragedia:

—Que quer vossê aqui?

—Não quer nada...o—gaguejei eu.

—Pois então, mude-se.

Eu demorava um pouco a execução do man-

dado solenne de despejo, quando o homem recalcitrou:

—Mude-se, ou eu o ajudo a mudar.

A ajuda, pelos modos, era uma pranchada de chanfana, que o nosso amigo deixou ver por debaixo da fimbria do capote. Dispensei o auxilio offerecido, e retirei-me cosido com a parede, scismando nas bellezas appensas a uma noite de lua cheia á beira mar.

Ao cabo da viella parei, sustido por um pensamento negro. «Será aquelle homem um amante de Vicencia?!»

O ciume deu-me intrepidez, quero dizer—a intrepidez de parar e esconder-me d'onde pudesse espreitar a scena mais escandalosa de que o leitor tem noticia!

A janella abriu-se. Era Vicencia... conheci-lhe a voz! Não sei o que ella disse que fez rir o meu rival. Ouvi o suido do ferro que raspava no peitoril da janella! eram os ganchos de uma escada. Ouvi o som cavo do embrulho de cordas a cair na terra. Vi o maldito subir, coar-se pela janella, recolher a corda... e... maldição! maldição!...

«.......................................

E, desde essa noite nefasta, a minha fronte pendeu abatida como cabeça de estatua que um raio fulminou.

Contei as minhas amarguras á vaga gemente e acordei os echos das solidões compadecidas.

Como Fausto, como Manfredo, e como Werther, perguntei ao Creador se a vida não era uma grande patacoada.

O demonio do suicidio segredou-me as delicias do aniquilamento.

Quiz tentar contra a minha existencia, e vacilei longo tempo na escolha do instrumento.

Queria um genero de morte novo, maravilhoso, inaudito, ennamorando!

A pistola, o punhal, o laço, a asfixia, o verdete eram já n'esse tempo expedientes mui safados.

Em cata de um morrer distincto, habituei-me á dôr. Vivi, se vida póde chamar-se este mixto de funcções animaes em que predomina o almoço, o jantar e a ceia.

Não se conhecia então o instrumento de suicidio que a sociedade actual inventou: O ARTIGO DE FUNDO.

X

Eu, João Junior, não soffro os romancistas que pulam de um capitulo para outro, de modo que o romance tanto faz principia'-lo de traz para diante co-

mo de diante para traz. Classico em toda a extensão da palavra, respeito a arte antiga, admiro a boa ordem das *Pastoris* de Longus, do *Jumento* de Lucius de Patras, e outros venerandos monumentos da arte adulta, cuja leitura não aconselho áquelles que dormem as suas horas, sem o recurso do laudanum. Com quanto Aristoteles, Horacio, Pope, Boileau não legislassem para o romance, eu, sincero venerador da arte, que ensina a fazer os primores da arte, trabalho, quanto em mim cabe, por introduzir no romance as tres unidades de Aristoteles. E aproveito a occasião para certificar aos principiantes n'este esperançoso ramo de litteratura, que é bom saber um bocado de Aristoteles, depois de ter lido duas comedias de Scribe, a *Dama das Camelias*, e—se o principiante fôr extremamente estudioso— o *Chatterton*, o *Bug Jargal*, afóra a immensa erudição que vém no La Place. Com estes seis volumes, uma capacidade mediocre abrange todas as ramificações da sciencia humana, e póde, se um editor martyr o ajudar, aos quarenta annos, ter produzido quarenta volumes.

Os meus quarenta annos já lá vão ha muito; mas se Deus me der mais dez, prometto encher o vasio que sempre deixa na terra um grande nome. E' este o primeiro livro com que brindo a humanidade; mas tão maduramente pensado elle vae, tanto tempo o choquei, antes do parto, no utero intellectual, que,

se me não logra a vaidade, começo por onde muitos acabam.

A logica com que os capitulos anteriores vão coordenados, a naturalidade das transições, o alinho das fórmas em harmonia com a substancia, a intima alliança da esthetica com a plastica, a artistica rigidez com que os caracteres se pintam, e sobretudo, a pureza, a elegancia, o atticismo, a propriedade da linguagem, portugueza de lei como os portuguezes d'esta nossa afortunada época, tudo isso, e outras louçanias que omitto, por preguiça, provam que eu, João Junior, conheço Aristoteles; e, se nunca o li, maior habilidade revelo; tenho o sexto sentido, o *illuminismo*, que tambem não sei bem o que é. Pelo que muito importa que o leitor saiba

QUEM ERA O HOMEM DA ESCADA DE FERRO, O QUE ELLE POR LÁ FAZIA ÁQUELLAS HORAS, E DE COMO O AUCTOR, DEPOIS DE TRINTA ANNOS, CHORA POR D. VICENCIA, E O MAIS QUE A ESTE RESPEITO SE DISSER, COMO DO CAPITULO MELHOR SE VERÁ.

Deveis de saber, leitores pudicos, que D. Vicencia Raposo, quando chegou á Foz, sentiu, na presença do Oceano, rejuvenescer-se o coração, desenrugar-se-lhe a alma, e esvoaçarem-lhe de redor candidos amorinhos. *Souvent l'onde irrite la flamme*, disse

Corneille, e D. Vicencia, aspirando o ar nitrico do mar, cobrou vigor de peito, e com o vigor novo readquiriu as necessidades velhas, as illusões de 1801, as realidades de 1809, e até o amargo prazer de experimentar os desenganos de 1819, época da sua fatal decadencia.

Resolvida a amar, Vicencia espartilhou-se o mais angustiosamente que poude, distribuiu nas faces, um pouco encortiçadas, dois escropulos de alvaiade com outros tantos de carmim, e foi passear até Carreiros.

O primeiro homem que viu geitoso era um cadete de cavallaria, bem apessoado, bizarro de cintura, sadio de bochechas, e lesto de maneiras, requebros, posturas, e varias outras momices que dão nos olhos da mulher disposta a amar.

D. Vicencia era vistosa e farfalhuda. Meneava-se tregeitando com tamanha volupia, que eram pouco os dois olhos da cara para a verem! O cadete não podia ser indifferente á provocação, e azado era elle para segurar a fortuna pelos cabellos. Menos parvo que eu, sacou do peitilho da fardeta o seu lenço branco, e deu ao nariz notas diplomaticas para iniciar o namoro. Houve de parte a parte correspondencia nazal, e já n'essa tarde o afortunado cadete foi apresentado a D. Vicencia.

Saibam desde lá que o meu rival era... são lá capazes de adivinhar!... Bento de Castro.

Depois d'aquella negregada scena do bêco, será ocioso dizer-lhes que o meu achaque de intestinos recrudesceu; aliás, para evitar os olhos da perfida, ter-me-ia retirado a curar o coração no abrigo dos meus velhos, que todas as semanas me recommendavam que rezasse as minhas contas, e não fizesse asneiras. A gravidade do mal não me deixava assentar no albardão, apesar de doze semicupios! Era-me fôrçoso testemunhar a minha derrota, assistir aos funeraes ignobeis do meu primeiro amor.

Nunca mais fui a casa de D. Vicencia, nunca mais a vi; mas á hora em que o mocho pia no galho do azevinho, ia eu, cheio da minha amargura, sentar-me n'uma collina fronteira ás janellas d'ella, e d'ahi, com um enorme oculo de papelão, conseguia lobriga'-la através das vidraças.

Se quereis saber qual era então, a minha angustia, perguntae á onda porque geme, á fonte porque murmura, e á calhandra porque pipila entre as franças de avellanzeira! E' que a minha angustia era vaga e mysteriosa como a da onda que geme, a da fonte que murmura, como a da calhandra, e a do calhandro. e de toda a variedade de animaes que teem bico, ou barbatanas, ou tromba, ou labios, ou qualquer orificio respiratorio por onde possam respirar e gemer.

Entrou em mim o demonio do ciume! Quando pela primeira vez, se hospedou em minha alma virgem

esta paixão filha do inferno, como lhe chama Homero, fez-se uma subita mudança na minha natureza Eu fôra incapaz de entalar o rabo de um gato, e senti-me propenso a cercear as orelhas a um homem! Levaria tres socos sem resistencia para não levar o quarto, com heroismo, e achava-me animado d'esse furor das batalhas, que ceifa louros e cabeças!

Quiz conhecer, encontrar face a face o meu rival, e, para isso, muni-me do cabo de uma vassoura; estive quasi a experimenta'-la no cavername da velha, que me queria tolher o passo, guinchando desabridamente, e fui postar-me debaixo da janella por onde o vulto subira.

Depois de duas noites mallogradas, á terceira apparece, entre uma hora e duas da manhã, o nosso homem.

Aqui entre nós que ninguem nos ouve: quando o vi perto de mim, a minha coragem pareceu-me uma cousa muito duvidosa. Deram me caimbras nas pernas, e senti-me mal do epygastrico! Cingi a mim quanto pude o cabo da vassoura, para que elle não denunciasse as minhas tenções reconsideradas, e, o mais subtilmente que é possivel, fiz uma pirueta, preparando-me para uma retirada honrosa, quando o sujeito me corta a vanguarda, e diz com voz soturna:

—Que diabo estava o senhor alli fazendo?!

—Nada...—regouguei eu.

—Isso não é possivel. O senhor não estava alli para me ver passar?... Não se assuste, que eu não lhe faço mal... Diga lá o que me quer.

O timbre agradavel d'estas palavras animou-me.

—Eu ao senhor não lhe quero nada.

—Ora venha cá;—tornou elle—vamos passear e conversar. O senhor chama-se João Junior?

—Seu creado.

—Quiz namorar D. Vicencia.

—Isso lá... é conforme...

—Seja sincero. O senhor fez-lhe versos, versos que eu achei bonitos, e conservo-os na minha carteira, porque talvez ainda me valham, se me vir apertado por alguma mulher com a mania de ser cantada em quadras. O senhor está muito verde... Estas mulheres não se conquistam com versos, nem se procuram no principio da vida. O sr. João é provinciano, vem lá da sua quinta com as bucolicas de Rodrigues Lobo na cabeça; e, como não encontrou zagalas toucadas de flores, imaginou que D. Vicencia era uma das tres Graças em uso de banhos. Redondamente enganado, meu amiguinho. Ora agora, façamos um convenio. Quer o senhor que eu lhe deixe livre o campo para as suas escaramuças? Com a melhor vontade...

—Nada, muito obrigado, eu não quero saber de

mais nada... O que eu tenho a pedir-lhe é os meus versos.

—Ha de ter paciencia; mas os seus versos acho-os muito bonitos, e não lh'os dou. Até lhe digo mais: depois que os li, fiquei sympathisando com o auctor, e tenho feito diligencias por encontra'-lo na praia, ou em casa de D. Vicencia. Queria dizer-lhe que se não deixe lograr por taes mulheres; queria ensina'-lo a viver com esta gente para o poupar aos desgostos que eu supportei, desde que saí de minha casa; queria, emfim, ser seu amigo, se o senhor não tivesse n'isso antipathias que vencer.

—Muito obrigado...—mastiguei eu, bem disposto a favor de homem tão franco.

E voluntariamente me deixei ir pelo braço d'elle até sua casa. Subi, e era dia claro, quando nos separámos, amigos para sempre.

Dois annos depois, recebia elle de mim lições de *savoir-vivre*. O meu talento precoce predominou a experiencia d'elle. Um anno de trato social, decifrou-me enigmas em que Bento de Castro ainda hoje cinca.

Duas palavras mais ácerca de D. Vicencia, e serão ellas sérias e tiradas do coração n'um intervallo de negra tristeza.

A mulher devia ser velha quando não sente o coração... quando já não ama. Vicencia amou até o

fim da vida. Amargurado fim de vida devia ser o seu! Nem já flores desmaiadas lhe escondiam a fronte encanecida. Perdido o brilho, amorteceram-se-lhe os olhos, franziram-se-lhe as palpebras, encorrilhou-se-lhe o collo, e as mãos, que tão lindas foram, tingiu-as a amarellidão do tempo.

E o coração ainda vivo no involucro moribundo! Era como a flamma que não póde coar-se nos vidros embaciados da velha lampada.

Foi, por fim, motivo de irrisão e mófa, aquella mulher, que, desde os doze até os quarenta e cinco annos, arrancára corôas de quantas rivaes quiz supplantar!

De todos os seus amantes, eu fui porventura o mais nobre e o mais vilipendiado. Embora! Nenhum outro lhe daria o *salvè* compassivo que eu lhe dou, depois de trinta annos.

....

Oh vida! vida! ....«..............

....

Grandes devem ter sido as provações de quem souber tilintar os guizos do histrião para que lhe não ouçam os gemidos!...

Chorar no coração, e rir no espirito...

XI

Consta do final de um capitulo, escripto em logar competente d'este exemplar romance, que Bento de Castro saiu de minha casa para entabolar com Hermenegilda o seu primeiro colloquio.

Eu cerrei as portadas da janella, deixando apenas uma fresta onde pudesse encaixilhar a orelha direita, sem denunciar a innocente espionagem. Alguns dos meus amigos, orelhudos como Midas, não poderiam fazer outro tanto com o mesmo recato.

Bento foi quem primeiro teve a palavra, e disse:

—E' tal o prazer que me enche o coração, amada Hermenegilda, que não posso exprimir-vos quanto por vós sinto, desde o ditoso instante em que ver-vos e adorar-vos foi obra de um momento. O sentimento que meu terno peito nutre por vós, acaso ao vosso terá passado?

ELLA

Eu passei bem, e o senhor?

ELLE (*atordoado como se lhe despejassem de cima um balde*)

Como passará bem do corpo quem arde em vivas chamas de amor?

ELLA

O senhor tambem sabe cantar a modinha das *vivas chammas de amor?*

ELLE

Nada, não sei.

ELLA

Minha prima Carlota canta que é um regalinho ouvi'-la.

Althea, mimosa Althea,
Me maltratas com rigor,
E eu por ti ardendo sempre
Em vivas chammas d'amor.

Pois o senhor não sabia este soneto?

EU (*mentalmente*)

E' de uma estupidez fabulosa! O' pobre Bento,

como estará a tua alma!... Haverá d'estas mulheres, passados trinta annos? Digo que não, em honra do progresso. Alguns annos mais, e *Paul de Kock*, e *Pigault Lebrun*, e outros directores espirituaes, traduzidos em vernaculo, darão aos namoros de nossas filhas occasião de ouvirem menos tolices. Os que amarem em 1856, devem passar horas muito agradaveis! As mulheres de então, ricas de prendas espirituaes, saberão dizer *toillette*, *rendez-vous*, *petit-point*, *crochet*, *soirée*, *boucles*, *papier-satin*, *enveloppe*, e outros ornamentos de lingua com que farão a sua maior, mais fecunda, mais grulha e tagarella. Com a superabundancia do idioma, augmentarão as idéas, na razão directa. A psycologia estará no auge. Mestre Spinosa e Kant encarnarão nas costas abauladas da prole de qualquer jarreta. A mulher saberá os escaninhos da alma como a abelha os do cortiço. Não haverá uma só que possa, com acerto, chamar-se tola. Perfeita de espirito, attenderá ás imperfeições corporaes, e descontente da massa insufficiente que o grande Artifice empregou na feitura d'ella, apropriar-se-ha o algodão necessario para que o Creador soffra um quináu. A mulher, correcta e augmentada, em alma e algodão, será o luxo da natureza, a boneca das creanças decrepitas, o ouro cendrado no cadinho das humanas miserias, o melhor pedaço de carne e osso que Deus creou, a

mais flacida aba de algodão e barbas de baleia que as manufacturas celestes podiam dar-nos.

ELLE *(despeitado)*

Não falemos nas cantigas de vossa prima; o que importa é saber se me tendes um affecto egual ao meu.

ELLA

Isso lá.. veremos... Se meu pae disser que sim...

ELLE

Pois vosso pae é que vos manda amar?

ELLA

O que elle diz é o que se faz. Casamentos não me faltam. Tem-me pedido muitos senhores de casa, e se elle diz que não...

ELLE

Mas, eu não pergunto se quereis casar comigo.

ELLA

Então?! Se não quereis casar comigo, vindes enganado.

ELLE

Quero casar comvosco; mas primeiro devo experimentar...

ELLA

O que?

ELLE

O vosso coração. Quero ser amado antes de ser vosso marido. Que sentis por mim?

ELLA

Sinto muito bem, gosto de vos ver, e se meu pae quizesse, eu de mim tambem queria ser vossa esposa.

ELLE

A minha carta, que impressão vos fez?

ELLA

Fez-me muita: está muito bonita; parece mesmo

que é cousa de livros de historias. Tenho lá em casa, em Amarante, um livro chamado os Cantos de Trancoso, e outro chamado as Aventuras de Theofilos, ou Theofanius, ou uma palavra assim, que trazem muitos palavriados assim.

ELLE (*com a voz suffocada por um vomito moral.*)

Boas noites, menina.

ELLA

Então passe muito bem, até ámanhã, se Deus quizer.

Bento de Castro entrou no meu quarto com as mãos agarradas á cabeça. Eu estava sobre a cama, marinhando com as pernas parede acima, arquejando de riso, rebentando pelas ilhargas, quando o pobre homem entrou.

—Pois tu ouviste?—disse elle.

—Tudo! está vingada D. Vicencia, e eu tambem. Suicida-te, meu infeliz Bento! Um homem que encontrou semelhante Hermenegilda, deve morrer de tedio, de vergonha, de raiva, de odio ao genero humano em geral, e ás mulheres em particular!

—Estás enganado—atalhou elle—gosto assim de

ver a estupidez no seu estado de perfeição primitiva. Andava eu morto por encontrar a mulher como ella foi no tempo em que se comiam bolotas e medronhos. Pensas que arrefeci na empreza? Não tenhas medo. E' uma mulher deliciosa para um homem que quer casar-se rico, e desligar-se das obrigações que se contráem matrimonialmente com uma mulher que tem alma. Alli onde a vês, se eu tiver a duvidosa felicidade de a obter do pae, é a unica mulher que me convém. Ha de ser uma excellente creadora de porcos, e se eu lhe disser que saia da Amarante para viajar comigo dá-lhe um desmaio. Tomaram muitos encontrar a innocencia d'ella! Aquillo é tudo materia pura e estreme como a dar a madre natureza. Eu corto o pescoço se ella tem resquicio de maldade.

Castro continuava o elogio de Hermenegilda, quando ouviu vozear alto em casa d'ella. Fomos á janella, e vimos Pantaleão, embrulhado n'um cobertor, com um coto de sebo acceso na mão chamando Hermenegilda a grandes berros. Vimo'-la chegar, e o pae perguntou-lhe o que estivera ella fazendo n'aquella janella. Hermenegilda negou, e o preto foi chamado para dizer que a ouvira estar falando com um homem que costumava fazer-lhe acenos da janella fronteira.

Pantaleão com o cobertor a rastos, solenne como um patriarcha do Levitico, approximou-se da filha

cabisbaixa, deu-lhe um sonoro pontapé, e perguntou-lhe quem era o sujeito que falava. A desastrada moçoila tartamudeou, e, receosa de segunda carga, disse que elle lhe tinha escripto para o bom fim. O pae disse que queria ver a carta. Hermenegilda saíu d'ali; Pantaleão no acceso da colera, deixou caír o coto de sêbo, e ficou em trevas.

Não podémos ver nem ouvir o desenlace da scena,

—O peor é que a minha carta está assignada—disse Castro.

No dia seguinte, disseram-me, quando me levantei, que Pantaleão estava na janella desde o romper do dia.

Fui á janella, e fiz-lhe como costumava, a minha cortezia, posto que elle correspondia com desagrado á minha civilidade, desde que me viu fazer á moça varias bugigangas.

Fitou-me com terrivel catadura, e disse:

—Ó su amigo, diga lá a esse borra-botas que por ahi vém, que eu sou homem de lhe tirar a collada pellas costas, ouviu?

—Ouvi perfeitamente, porque o senhor tem um excellente pulmão—disse-lhe eu, disposto a jogar insolencias com o senhor de Fregim e coutos de Riba-Tamega.

—Diga-lhe lá que se tornar a desinquietar minha filha, mando-lhe moer o espinhaço.

—Faz o senhor muito bem... Com que então o tal maroto desinquieta-lhe a filha!

—Você está a mangar comigo?

—Deus me defenda! Eu estou protestando contra aquelle tratante que desinquieta meninas, e faz da minha casa o palladium das suas patifarias. O direito paternal é o mais sagrado de todos os direitos. V. exc.ª tem carros de razão emquanto sustentar o decoro dos lares e mantiver immaculada a prosapia illustrissima de que borbulhou.

Pantaleão olhava para mim, alongando os beiços e franzindo a testa. Eu prosegui:

—Mas a falar a verdade eu não sei se v. exc.ª tem razões assás fortes para tamanha zanga. O sujeito que namora sua filha é filho segundo de uma illustre casa de Celorico de Basto. Por *Gamas*, pertence ao venerando tronco do que dobrou o cabo das Tormentas como consta de João de Barros, Lucena, Camões, e da historia genealogica da casa real. Por *Castros*, descende por bastardia de um irmão de Ignez de Castro, que veio casar a Celorico e houve quatro fihos de D. Mecia da Gama, um dos quaes foi dom abbade em Tibães, outro foi prior-mór de Christo, o terceiro morreu em Alcacer-Kibir, e o quarto morreu em cheiro de santidade, e está inteiro. Já vê v. exc.ª que o amante de sua filha não é qualquer borra-botas, como o senhor lhe chamou no auge da sua iracundia paternal. O

que o senhor deve é indagar se é honesto o intuito d'este amor: e caso o seja, apressar o enlace matrimonial.

—Eu não preciso conselhos!—bradou irado Pantaleão—Se elle quer casar com minha filha peça-m'a, e eu lhe direi o que me parecer; mas não me ande cá a rentar pela porta

—N'esse caso—redargui eu—direi ao meu amigo o que deve fazer para captivar a benevolencia de seu illustre sogro. Elle irá pedi'-la, conforme o estylo, e v. ex.ª, depois de ratificar as informações que eu tive a honra de dar-lhe ácerca da genealogia do meu amigo, consentirá que elle entre no tronco da sua familia, como o regato no oceano.

Parece incrivel, mas Pantaleão encarava-me com suave aspecto. A seriedade conspicua e grave, com que eu solennisei a galhofa, achou acolhimento digno na soez capacidade do mirifico ornamento da Amarante e povos adjacentes. Dignou se perguntar-me quem eu era. Respondi que não podia apresentar-me com appellidos benemeritos da sua estima, por isso que descendia de uma honesta familia de lavradores, a qual havia fundadas razões para suppôr-se que descendia do primeiro homem, e não tinha outros documentos, além de suspeitas, com que provar a sua antiguidade.

Pantaleão achou-me razão, e disse-me que o rei

Vamba fôra lavrador, para consolar-me da minha baixa condição, acrescentando que sua magestade el-rei D. Diniz, fôra amigo dos lavradores.

Era para ver-se a pratica affectuosa em que demorámos uma boa hora, finalmente interrompida pela apparição de Bento de Castro, que vinha espantado da cordura com que nos travámos.

Pedi licença para receber o meu amigo. Contei a este o acontecido, e dei-lhe os emboras do bom andamento em que, tão imprevistamente, se achava o seu consorcio.

Castro, palpitando de alegria, a primeira cousa que lhe lembrou foi que não tinha casaca para solennisar a sua primeira visita ao pae da noiva. Remediado com a do boticario da terra, que fizera uma para assistir ás exequias de D. João VI, o meu amigo n'esse mesmo dia, ás quatro horas da tarde, procurou Pantaleão, com o fim tres vezes honesto de lhe pedir sua filha.

Quando, porém, entrava no pateo, olhou machinalmente para dentro de um postigo de uma casa terrea, e viu Hermenegilda sentada n'uma caixa de pau de pinho, comendo figos. Ao pé d'ella estava o preto, partindo uma melancia.

Horrivel mysterio!

XII

Não tarda, leitor pio, leitor indulgente, leitor benevolo, leitor honesto que paga, leitor honrado que não lê de emprestimo, não tarda ahi uma enfiada de lances estupendos, que lhe arranquem interjeições de pasmo, e lhe afervorem o desejo de abraçar o auctor!

Deixei o seu espirito em tribulações de curiosidade, no anterior capitulo, onde Hermenegilda apparece comendo figos ao pé do preto no momento em que o meu amigo Castro ia, escada acima, pedi'-la ao pae. Chamei «horrivel mysterio» ao mais natural dos actos—uma mulher a comer figos!—Dei ao acontecimento uma importancia que tem feito pensar o leitor ancioso. Vão ver porquê. O que, por ora, posso acrescentar, porém, é que Bento de Castro recuou um passo, entreteve-se alguns instantes indeciso, e por fim, resolveu espreitar o que se passava no quarto.

Ao lado da pequena fresta havia no estuque esboroado uma greta propicia. O meu amigo, espreitou, e viu o seguinte, de que lavro acta para eterna memoria:

1.º Viu Hermenegilda acabar de engolir um figo, e atirar o pé do mesmo á cara do preto.

2.º Viu o preto tregeitar uma careta festiva, e atirar á cara rubida de Hermenegilda um bocado do coração da melancia.

3.º Viu a menina tomar do chão uma das rodellas de casca da dita melancia, e assentar com ella uma sonora sulipa na carapinha do preto.

4.º Viu o preto, com as belfas gotejando sumo, aggredir a espadaúda morgada, e vingar-se imprimindo-lhe uma palmada em cheio nas ultimas vertebras lombares.

5.º Viu engadelharem-se, com grandes risadas, as innocentes creaturas, e teve a gloria de presencear a victoria da sua amada, que atirou com o preto ao chão, e fugiu.

Satisfeito d'estas cinco visões, por isso que lhe não faltaram receios de uma sexta, setima, e oitava, o meu amigo, transido de espanto, perdeu a cabeça, e se havia de subir, desceu os dois degraus que o separavam da rua, e entrou em minha casa.

Contou-me as suas observações importantes, commentou-as com admiravel perspicacia, e acabou dizendo que renunciava o projecto do casamento, e me pedia encarecidamente que não divulgasse o seu louco intento, e dissesse ao pae da innocentinha que elle não queria casar.

Cousa, porém, admiravel! Bento de Castro dissimulava uma zanga interior, que eu não ouso chamar ciume, porque não quero dar ao meu amigo um rival tão vilipendioso. E', porém, desgraçadamente certo que o pobre moço, vendo que eu não defendia a innocencia do espectaculo que elle vira, tentou defende'-la, perguntando-me se aquelles brinquedos não seriam porventura honestos e singelinhos. Eu, que sempre fui de uma boa fé estupidamente santa, reforcei a conjectura do meu amigo, recordando-lhe umas passagens que já contei ao leitor ácerca de uma minha prima, que por ahi fica archivada a paginas...

—Parece-me que não devo desamparar o meu posto sem outras provas...—disse elle.

—Eu tambem entendo que não... Tu nada tens que perder, se te conservares na espectativa.

—E ha uma prova mathemathica que eu posso conseguir; a unica verdadeiramente que desvanece ou confirma todas as minhas suspeitas.

Eu não entendi, nem averiguei o genero de mathematicas applicaveis á questão; mas o meu amigo, confiado em seu systema, resolveu continuar namoro com Hermenegilda, ainda que tivesse de abonarse ao pae com promessa de casamento.

Apenas Pantaleão saíu a tomar o banho, Hermenegilda appareceu na saleta, e disse a Castro, por ace-

nos, que o pae lhe tinha batido por causa d'elle; e convidava-o a ir falar-lhe debaixo do muro do quintal, emquanto o pae estava fóra.

Castro annuiu. Quando saía, disse-me:

—Estou quasi convencido de que aquella mulher tem um grande defeito, que é ser idiota. E' tão innocentemente lorpa que não conhece o desaire de brincar com o preto. Este convite é prova da sua innocencia, não achas?

—Acho que sim, meu amigo. Em todo o caso não te esqueças das tuas provas mathematicas, que eu não sei o que são; mas muito estimo que ellas te aproveitem, para eu ficar sabendo que as mathematicas servem de alguma cousa.

Castro demorou-se, e veiu dizer-me que a mulher parecia outra: e se me não disse que a achou espirituosa, quiz que eu me persuadisse de que era possivel educar aquelle espirito.

Eu combinei na idéa do meu amigo, e elle contente do meu accordo, contou-me o que passára com ella. Disse-lhe elle que, no acto de a ir pedir a seu pae, a vira brincar na loja com o preto. Respondeu ella que o preto fôra creado com ella, vindo pequenino de um reino onde seu tio Simão fôra governador, bispo, ou não sei quê, que me não lembra agora, mas é de presumir que fosse bispo do Congo. Acrescentou ella que seu pae lhe dissera que, se que-

ria casar com o sujeito que a namorava, elle não se oppunha, porque estava cabalmente informado do illustre nascimento do noivo, e até desconfiava que fosse seu parente, por casamento de D. Urraca Munhoz, celebrado em 1121, ficando assim aparentados os Gamas de Celorico com os Viegas e Themudos da Amarante, como constava dos foraes de Cima-de-Villa, Raubados, São Gonhedo e Galufura: do qual consorcio nasceram D. Brites, que morrera em Arouca, dama da rainha Santa Mafalda, e sua irmã Soror Violante, que morreu santa em Lorvão de uma indigestão de toucinho, n'aquella celebre noite em que lá pernoitou a celebre abbadessa de Holgas, D. Branca. Em consequencia do que, o meu amigo Bento de Castro, resolveu não entregar n'aquelle dia a casaca ao boticario, attenta a reconsideração do seu precipitado plano, por causa de umas suspeitas tão injuriosas para a mulher que lhe saira ao encontro na carreira da vida.

Já então se diziam estas tolices.

XIII

Bento de Castro foi, finalmente, pedir a mulher ao pae. Pantaleão recebeu-o com agrado, e convenceu-se de que era seu remoto parente, em virtude

do tal casamento celebrado sete seculos antes. Falou-lhe na politica do dia e arrancou-lhe o grato manifesto dos seus principios constantemente dedicados ao movimento de 30 de abril de 1824. Pantaleão prorompeu em elogios a D. Carlota Joaquina, e jurou pela espada de seu nono avô, governador de Masagão, que os constitucionaes haviam envenenado o rei, dizendo que recebera de canal puro o segredo da morte do cirurgião Aguiar, do medico barão de Alvayasere, e do cosinheiro Caetano, todos envenenados pelos malhados. Acrescentou s. ex.ª que seu primo marquez de Chaves, fomentava em Traz-os-Montes, de combinação com Fernando VII, a queda da carta, e a restauração do throno e do altar, dos principes christãos, e extirpação das heresias. Como prova de ser informado por infalliveis oraculos, mostrou uma carta do seu particular amigo e primo visconde de Canellas, e outra, não menos convincente, do padre Albito Buela.

Bento de Castro—digamo'-lo sem desdouro seu—era ardente correligionario de seu futuro sogro. O meu amigo era, n'essa época, extremamente chato do intellecto, e em negocios da republica não via meia pollegada adiante do nariz. Seus tios frades, e seu irmão morgado — aliás excellentes creaturas —uns em nome da religião, outros da ordem, e todos dos seus interesses, fizeram-lhe conceber odio á

liberdade, á revolução, e aos principios subversivos da sociedade, proclamados em 1820, por meia duzia de estupidos como Ferreira Borges, e Fernandes Thomaz.

Eu filho do povo, e Graccho em primeira edição n'essa época, tinha lido o *Contracto social* de João Jacques, o *Espirito* de Helvetius, e a *Gazeta de Lisboa*, das quaes leituras formei o meu espirito para as luctas tremendas das liberdades patrias, ás quaes fiz serviços de tamanha transcendencia, que, depois de vinte e oito annos de sacrificios, consegui ser nomeado escrivão substituto do juiz eleito na minha terra, de cujo exercicio fui demittido por decreto de vinte e nove de... Olhem que romance este! Já viram uma cousa assim? Se me não refreio o impeto, saía-me aqui uma correspondencia de victima dos ultimos acontecimentos, mandando suspender o juizo do respeitavel publico!... O leitor, se continua a ler-me, dá-me provas tão vivas da sua munificencia, tolerancia, e magnanimidade, que eu faltaria aos meus mais sagrados deveres, se, depois d'esta historia lhe não contasse outra muito bonita, em que o heroe do romance, depois de amaldiçoar a sociedade que o não comprehende, tem o descoco de fazer-se eleger deputado e brilha n'uma commissão encarregada de legislar para a importação dos cereaes, e exportação dos bois! Isso é que ha de ser um ro-

mance! E, se lhes parece, comecemo'-lo já... ou querem saber no que pararam as intimas sympathias dos nossos amigos Pantaleão e Bento de Castro?

A falar-lhes a verdade de Epaminondas, e a do amigo de Platão, dir'-lhes-ei que o romance, d'aqui em diante, é curiosamente estopador. Desde que a vida sáe das regiões sublimes do ideal e entra na esphera das mundanidades villãs, o romance espiritualista, como este se preza de ser, descáe indispensavelmente para o caustico, torna-se de uma moralidade bastante equivoca, e não é o mais azado guíndaste para içar espiritos de quinze annos ao setimo céo de Santa Thereza de Jesus. As heroinas e até os heroes de madama de Genlis, se se encontrassem com os meus de aqui em diante, tapavam olhos e ouvidos. E' necessario um curso regular de Parny, de Crebillon, e Pyron, uma iniciação d'estes fachos precursores dos luminosos dias em que vivemos, para acceitar a philosophia dos seguintes capitulos, que pertencem mais ao homem da vara de cerdos de Epicuro que ao da legião de espiritos ethereos do immortal discipulo de Socrates.

Ejaculado este arroto de erudição, saibamos como Bento de Castro esmerilhou mathematicamente os escaninhos do coração de Hermenegilda.

E' muito para saber-se que desde esse dia, o fidalgo de Celorico de Basto, graças a D. Urraca Mu-

nhoz, visitava todos os dias sua prima; mas vinha tomar chá a minha casa, porque Pantaleão usava apenas chá da India, quando as indigestões não cediam á terceira emborcadella de uma botija de aguardente *ad hoc*.

Em honra d'aquella cabeça de familia, diga-se que a moça andava vigiada, posto que o meu amigo captasse a confiança do sogro, e, o que mais é, as sympathias do preto.

Estavamos no mez de agosto de 1826, e o casamento, que devia ser em Amarante, aprazaram-n'o para o mez de março.

Bento de Castro contava-me maravilhas da noiva. Cada dia lhe descobria na testa uma estrella boreal de intelligencia. Hermenegilda resolvera aprender a ler correntemente, e havia já adverbios de sete e mais syllabas que ella conseguia soletrar melhor que o pae! Eu pasmava angelicamente dos progressos da moça: e devo confessar que, ou fosse resultado de vigilias litterarias, ou predominio do espirito sobre a materia, as carnes succulentas do rosto d'ella emmagreceram de massas pingues, e a epiderme, perdendo a antiga purpura de beterraba, regenerou-se n'um desmaiado meio romantico, meio espinhela-caída.

Em virtude do que, perguntei ao meu amigo se o calculo differencial e integral, com effeito exercitava

e corrigia e rectificava o espirito, como geralmente se dizia, e particularmente se demonstrava na pessoa da minha visínha.

Bento de Castro, solenne de uma continencia digna de melhor sorte, respondeu-me que a virtude era um attributo dos anjos, e os anjos escapam ao olho perscrutador das mathematicas puras e das mixtas. Fiquei n'essa occasião sabendo que as mathematicas podiam ser puras e mixtas; mas desconfiando sempre que as do meu amigo eram impuras.

Veremos.

XIV

EM QUE O AUCTOR, DEPOIS DE AVERIGUAR PROFUNDAMENTE AS CONVENIENCIAS INVIOLAVEIS DO MELINDRE RESOLVE NÃO LECCIONAR O PUBLICO EM MATHEMATICAS, EMBORA O SEU VELHO AMIGO BENTO DE CASTRO ASSIM FIQUE PRIVADO DE CATALOGAR-SE NA PHALANGE DOS NEWTONS, LEIBNITZ, E DESCARTES; DE QUE RESULTA FICAR O CAPITULO AQUI ESGANADO PELA MÃO DA MORAL.

XV

O romance tem cousa má!

E' a primeira vez que os typos perpetuam o invento escandaloso de um titulo sem texto! Um critico francez annunciou um romance, que, em logar de principiar pelo principio, começou no segundo volume. O auctor, respeitador do publico, explicava o contrasenso, dizendo que os romances eram escriptos de modo que tanto fazia ao caso começar do primeiro volume para diante, como do ultimo para traz.

Isto é razoavel e persuasivo. Porém, incoherencias d'este tamanho não se desculpam n'um romance pensado, philosophico, haurido das fontes do coração da experiencia, e feito expressamente para entrar em quinhão de gloria com as *Reflexões de Phocion*, com o *Manual de Epicteto*, com os *Excerptos gnomicos de Seneca*, com os *Caracteres de la Bruyère*, excellentes repositorios de philosophia pratica, que eu hei de ler na primeira occasião, porque me dizem que são livros de muito interesse, que ensinam a procurar a felicidade, como agulha em palheiro, na pobreza, na humildade, e na virtude. Mestres d'esta ordem têem

sempre uma vida eivada de amarguras: isso é o que eu posso desde já affirmar, sem os ter lido. Phocion soffreu morte dolorosa. Seneca, preceptor de Nero, bem sabem que desastrado remate teve de vida. Epicteto é aquelle escravo do *Thesouro de Meninos*, que exclama, erguendo a canela partida por uma paulada: «não vos disse que m'a havieis de quebrar?» D'onde infiro que os preceptores da felicidade andam sempre de candeias ás avessas com o genero humano, e muitas vezes com a arte de engranzar capitulos de romance, de modo que a historia vá bem contada até ao fim, que deve ser onde o heroe, ou a heroina morre de tuberculos, no uso de oleo de figados de bacalhau.

João Junior, summamente penhorado pelas attenciosas maneiras com que os seus numerosos amigos têem recebido esta sua primogenita creatura, tem a honra de declarar ao publico, e mais senhores que o capitulo XIV foi eliminado d'este quadro de costumes, porque havia n'elle frescura de idéas, phantasia de côres, debuxos copiados da natureza viva, cousas, emfim, tão verdadeiras, tão patriarchaes, tão nuas, que o seu editor, depois de montar os oculos, e sorver duas pitadas conspicuas, disse que não patrocinava com o seu nome um capitulo em que o mencionado supra contava os factos como elles tiveram a impudencia de acontecer.

Em virtnde do que, entrei na minha consciencia de artista, e vim a um accordo com a moral, aspando as doze paginas mais profundamente escriptas do meu romance: doze paginas em que eu fortalecia os habitos da natureza bruta com as doutrinas lucidas dos interpretes mais abalisados dos mysterios do coração; doze paginas salpicadas de uma erudição exemplificativa, que remontava á creação do globo, para provar que o homem e a mulher, sem o intermedio do merinaque, são dois entes homogeneos, duas substancias amalgamicas, dois tomos da mesma obra, duas creaturas, emfim, dos nossos peccados. N'esse capitulo, naufragado no cachopo da moral, tinha eu uma gorda nota comprovativa da minha opinião ideologica a respeito de mulheres, rica de historia antiga, em que, sabe Deus com que vigilias, entravam Salomão e Dalila, Pericles e Aspasia, Tibullo e Lesbia, Ovidio e Corina, tudo pessoas que amaram como se ama de uma até quarenta vezes na vida, com todo o ideal arrobado dos anhelitos da adolescencia, com a fé pura, candida e immaterial do amor de Voltaire a madama de Châtelet, do amor de Larochefoucauld a madame Lafayette, do amor da minha visinha do terceiro andar, que, ás duas horas da noite, desce, com uma caixa de lumes-promptos, a desandar a chave, que teima em chiar, apesar do azeite prévio, quando um Romeu de capote de man-

gas lhe assobia a cavatina do *Trovador*. Tudo isto, e muitas cousas mais, vinham na nota, que prometto embetesgar na primeira cousa que escrever, ainda que seja um artigo sobre o pulgão da batata.

Fortissimas razões tinha eu para teimar em publicar o meu querido capitulo XIV, visto que era elle o relatorio das miudezas que se deram antes e depois do fatal acontecimento da noite de 25 de agosto de 1826, acontecimento grave e complicado, cujo conhecimento seria a chave do meu romance, se o editor ultra-honesto não teimasse em affirmar que o meu romance não precisa de chave para abrir as portas da eternidade. Pedi-lhe que me deixasse, ao menos, contar o facto em estylo levantado, allegorico, metaphorico, ao alcance, apenas, das intelligencias superiores Nem isso. Estava escripto em estylo oriental, balsamico, todo perfumarias de subtil aroma da alma, e elle teima em dizer que a alma não tem nariz.

Era assim o meu fragmento:

. . . .

E a lua balouçava-se entre as estrellas, nas alturas do ether.

E a brisa do oceano, perfumada de massarico, brincava na praia com a folhinha secca da alga.

E o rouxinol do silvedo trinava a sua cavatina cadenciosa, e sacudia as plumas afagadas por um raio de lua.

Porque era essa a hora augusta dos mysterios, em que nos adros das egrejas reina o terror do silencio, e nos esgalhos seccos do pinheiro assobia o noitibó, medonho de agouros; e nas aguas limpidas dos regatos cardumes de bruxas tomam semicupios e dão gargalhadas de risos maleficos e satanicos.

E o homem de Celorico, sombrio e tetrico como avejão nocturno, roçou a espadua pela padieira da prta, que se abriu.

Era da côr do jacintho o amiculo que lhe envolvia em largas dobras a haste melindrosa.

E a viração da noite, voluptuosa e meiga, beijou-lhe a face, como se quizesse disputar á da manhã o prazer de beijar mais frescas rosas.

E a virgem, de alves vestes transpoz o limiar do seu asylo, encostou a fronte incendida ao braço trémulo do senhor de sua alma, e foi!

Anjo de Amarante, porque assim te despenhas da tua angelica miryade?

Flor do Tamega, que nortada rija te desarraigou da balsa?

. . . .

E a lua passava no céo, velada e triste, como a Niobe antiga.

E o homem de Celorico, de braço dado com a virgem, como qualquer caixeiro em baile de asylo de mendicidade, passou de fronte alta, meditando em

seu coração um crime, e adoçando nos labios a tenção damnada que lhe falava na alma.

E a vaga longinqua resoava um som cavo e lugubre, cómo o gemido do leão.

Homem! tn és forte como o carvalho gigante da encosta; mas o raio saiu um dia das profundezas do céo, e o tronco, affronta dos seculos, vergou a fronte e estalou pelas raizes,

. . . .

E a flor, tocada por labios impuros, e aspirada com avidez sofrega, pendeu as petalas desmaiadas, e enlanguesceu no seio do maldito do homem de Celorico.

Fôra profundo e arquejante o suspirar d'aquella que as onze mil duvidosamente receberiam no seu gremio ainda recommendada pelos jornaes!

E a lua, segundo o seu costume, dava tanta importancia a estas cousas, como os dois habitantes mais felizes do globo lhe davam a ella . . . . etc. etc.

E pouco mais continha a minha descripção em estylo oriental.

É realmente demasíado respeito ás conveniencias privar-se o publico de um fragmento assim! Não obstante, rasguei-o, protestando jámais querer editor para as minhas obras.

XVI

Palavras textuaes do meu amigo Bento de Castro da Gama:

—João, arrepende-te de haveres maculado a pureza de Hermenegilda com uma suspeita menos casta.

—Eu! santo nome! pois fui eu que a maculei?!

—Sim, tu contavas me a historia de tua prima, quando a innocente rapariga brincava com o preto puerilmente.

—Valha-te o senso commum, amigo Bento!—repliquei eu.—Que terrivel significação tu déste á minha historia! Poderia eu criminar a simpleza de um brinquedo que desde creança respeito e absolvo, porque o vejo sanccionado na minha *Arte* do Pereira, livro didactico, escripto para andar entre mãos da mocidade!...

—Mas o que faz a *Arte* do Pereira ao nosso caso?

—Faz muito: pois já te esqueceu o *pueri ludunt?* os meninos brincam? e posto que lá não diga *utriusque coloris*, de ambas as côres, infiro que ser um branco e outro preto não destroe a regra da boa latinidade. Logo que se dá nominativo e verbo, tanto faz que os meninos sejam...

—Cala-te, importuno!—atalhou o meu delicioso Bento, eliminando-me da alcofa um pão e um canto de queijo Chester.—Fica na certeza de que a minha consciencia está socegada e tranquilla...

—O mesmo não pódes dizer do estomago...—acudi eu, vendo o precipicio aberto ao meu queijo que descia, ao passo que da consciencia do meu amigo subia o protesto contra as suspeitas indignas da pureza de Hermenegilda.

Bento de Castro proseguiu exarando provas que me não deixaram a menor suspeita de que a noiva podia, sem que o pudor lhe carminasse o rosto, desapertar o cinto virginal, á laia das esposadas de Lacedemonia, ou entrar na camara nupcial sem o receio da lampada nocturna, que tantos sustos deu á primeira mulher de Jacob.

Estava eu, pois, admirando a infallibilidade das mathematicas, quando Pantaleão, chamando-me da sua janella, perguntou-me se o meu amigo alli estava. Bento appareceu logo, um pouco sobresaltado—bem sabia elle porquê, melhor que eu—e Pantaleão, com semblante rubicundo e prazenteiro, disse-lhe que tinha grandes cousas a contar-lhe.

O meu amigo foi, contente do aspecto feliz do seu futuro sogro. Era o seguinte o que elle queria.

Pantaleão acabava de receber carta de um seu irmão, official superior do regimento 24 de Bragança,

noticiando-lhe a acclamação do rei absoluto, e a prisão do bispo, e o triumpho certo da religião; recommendava-lhe que saísse immediatamente da Foz, e fosse levantar guerrilhas em Amarante, que deviam unir-se em Villa Real ás forças do primo Silveira.

Pantaleão estava ebrio de patriotismo! dava vivas ao rei absoluto, e chamou a filha para tomar parte do enthusiasmo do seu esposo.

—Vamos a saber,—continuou elle—aqui não ha que replicar! O primo Bento vem já comnosco para cima, e vae ajudar-me a levantar os povos, e fica sendo o capitão dos vassallos fieis! Se é realista ás direitas, vá amanhar a mala, e ámanhã de manhã vamos embora. Que diz a isto, primo?

—Eu digo que estou prompto. Já agora a nossa sorte é commum.

—Pois então, eu vou dar ordens.

Pantaleão saíu da sala, e o meu amigo, tanto quanto pude enxergar, afagava as bochechas rosadas de Hermenegilda, que entrára na sala, escarlate como a flor da romanzeira. Não seria facil decidir se fôra mais linda antes, se depois que o pejo lhe coloriu a tez.

Um amante feliz gosa delicias, saboreia prazeres celestes n'essa encantadora vergonha! Bento de Castro, inclinado para o seio d'ella devia dizer-lhe palavras de tal doçura que a pudibunda moça, reque-

brando o collo de puro jaspe, parecia, como a sensitiva, encolher-se ao beijo voluptuoso da borboleta! (Como isto saíu engraçado e arredondadinho! É a minha especialidade, leitores.)

O meu amigo, deu-me parte da sua saída, cheio de contentamento. Disse-me que me avisaria a tempo de eu ír assistir ao seu matrimoniamento. Prometteu-me arranjar-me em Amarante uma mulher com uma casa soffrivel para ficarmos visinhos. Partiu no dia seguinte, e realmente deixou-me saudades, que depois de trinta annos se conservam ainda em meu coração fistulado de desgostos, cheio de fezes agras, sujo do sarro das paixões, e coberto de uma crusta de musgo petrificado pelo gelo dos desenganos acerbos, sendo o mais pungente de todos a certeza, a que vim, de que o homem não é, como disse Platão, um animal implume, nem a sombra de um sonho, como disse Pindaro, nem o rei da creação, como disse Moysés, nem animal racional, como dizem alguns philosophos, que se excluem, vistas as muitas irracionalidades que escrevem. O homem, emquanto a mim, é um pedaço de asno! A ultima palavra da sciencia acabo eu de proferi'-la agora.

Eu tenho lido tudo quanto está escripto a respeito do homem, e, se não fosse o pequeno embaraço de me esquecer tudo o que li, tencionava esplanar, com methodo e arranjo scientifico n'este capitulo, verda-

des eternas de que ninguem faz caso, por isso que são eternas, e tudo que é eterno não quadra ao nosso gosto voluvel, irrequieto, e caprichoso.

O homem, na minha opinião, é um cabide, e mais nada. O que a mão da boa ou má fortuna dependura n'elle é que distingue a creatura de Deus entre os seus irmãos. Não ha substancia de homem: ha só fórma de homem. Ora a fórma está no involucro, desde os andrajos içados de herpes até aos arminhos recamados de brilhantes.

Ahi fica debique para os philosophos. As grandes idéas incubam cincoenta annos, disse Napoleão. Em 1907 a minha idéa estará na consciencia da posteridade.

Quando se perguntar o que é o homem, responder-se-ha: é um cabide.

XVII

Sigamos Bento de Castro, á frente da sua guerrilha, composta de cento e tanto homens, erguidos como um só homem ao primeiro grito, e quasi todos caseiros e foreiros de Pantaleão.

Bento de Castro, radioso de gloria, entrava em Villa Real, quando o primo Silveira, a quem ia re-

commendado, á frente de um destacamento de caçadores 9, proclamava o sr. D. Miguel, rei absoluto. O nosso amigo coadjuvava os gritos do marquez de Chaves, quando a soldadesca, instigada pelos officiaes, prorompeu em chufas e insultos ao commandante enthusiasta.

Silveira, receoso de que o prendessem, porque os officiaes gritavam «amarrem esse doudo!» deu de esporas ao cavallo, e desamparou o meu pobre Bento, que se viu em pancas. Os bravos da sua hoste, era para ver como elles largavam os tamancos por aquellas ladeiras da Senhora de Almudena! Os gritos animadores do chefe perdiam-se entre os apupos dos soldados, que arremeçavam pedradas ignominiosas ás canellas nuas dos fugitivos.

Bento achou-se só, sobre uma pessante egua do seu futuro sogro, e vacillou muito tempo entre seguir o marquez de Chaves, ou as suas tropas, que desappareciam por detraz das collinas de Mondrões, caminho do Marão.

Venceu a honra; e o meu amigo, a toda a brida, pôde alcançar o Silveira a uma legua distante de Villa Real, na estrada de Chaves.

O marquez era estupidamente corajoso. A derrota moral, que vinha de soffrer, não lhe arrefecera o animo!

Queria elle chamar ás armas o povoléo das aldeias

suburbanas de Villa Real, e accommetter de noite os soldados rebeldes. Bento de Castro, envergonhado da fuga, applaudiu o alvitre, e foi o primeiro a pendurar-se na sineta de uma capella, em Banagouro, tirando por ella com o frenesi das batalhas, e pedindo ao badalo a eloquencia do punhal de Bruto.

Correram ao alarma o tio Francisco do Quinchoso, o tio Thimoteo da Fraga, João do Reguengo, e Zé da Brigida dos Chãos, alferes da bicha, e cavalleiro do habito, alcançado por ter morto na serra do Mesio dois francezes em 1812.

Silveira sentou-se sobre o cabeçalho de um carro, instaurou se conselho militar, e, antes de proclamar perguntou se seria possivel arranjarem-lhe um salpicão frito com ovos, e uma garrafa de vinho. João do Reguengo apressou-se a chamar sua mulher, que subst tuira o meu amigo na sineta, e mandou-a amanhar uma boa fritada de salpicões e ovos.

N'este comenos chega um postilhão de Villa Pouca de Aguiar com um officio para o marquez. Silveira não entendia a lettra de sua mulher, e pediu a Castro que lêsse. Era a marqueza de Chaves, noticiando a revolução de caçadores 7, e chamando a toda a pressa seu marido para a coadjuvar no movimento revolucionario. O marquez deu vivas á marqueza, ao bravo batalhão, ao rei absoluto, e não esperou os salpicões, nem congratulou o patriotismo do padre Bento

Tamanca, que acabava de sair da capella, de cruz alçada chamando o povo ás armas.

O meu amigo teve a honra de cumprimentar a marqueza de Chaves, que veiu ao encontro de seu marido, sobre um valente mursello, floreando a espada, e latindo guinchos de sedicioso enthusiasmo.

A marqueza era a mulher mais feia das cinco partes do mundo. Em França denominavam-na «o panorama da fealdade». Tinha um aspecto só comparavel a si mesmo. Rolavam-lhe nas orbitas dois olhos vesgos, que não eram olhos, quando os incendia em viva braza o ardor da guerra. O trom das espingardas, nas refregas a que delirantemente se arremessava, faziam n'ella o effeito do zumbido na orelha do cerdo: silvava assobios terriveis de cólera, e animava os soldados, umas vezes com um «arre para diante», outras vezes chamava-lhes *filhos*.

—Quem é o mocetão?—perguntou ella ao marido, fitando Castro.

—É ainda nosso primo, pelo que me diz o nosso primo Pantaleão, de Amarante.

—E' valente?— replicou ella.

—Desejo mostrar valor—respondeu Castro.

—Sabe jogar a espada?

—Fui cadete de cavallaria.

—Defenda-se lá de um sexto!— disse a marque-

za, e recocheteou com o cavallo para entrar em combate.

Bento não ousou levar mão á espada; mas ella instou, fazendo parar o estado maior que se compunha de alguns capitães-móres, e meia duzia de mancebos das principaes familias d'aquelles sitios. Castro obedeceu com repugnancia. A marqueza fez agilmente quatro botes, e, ao quinto, o meu desastrado amigo tinha uma solenne pranchada no pescoço, que foi motivo para que a marqueza triumphante, especie de Jeanne d'Arc, mais digna de um voltaire zombeteiro do que fôra a outra, mostrasse quatro ordens de dentes caboticos, cariados, esqualidos, impossiveis! Os espectadores felicitaram-n'a pela sua destreza, e o caso é que o ditoso Castro, por se deixar bater, recebeu da marqueza, com a lição de esgrima, provas inequivocas da satanica sympathia da mestra.

Tropa e guerrilhas acampadas em Villa Pouca de Aguiar seguiram a estrada da fronteira, e internaramse em Hespanha. Antes, porém, de sairem, subiu ao pulpito da egreja parochial o padre Albito Buela, e trovejou uma obra prima da eloquencia dos Chrysostomos e Athanasios, em que levou á evidencia quanto era grato a Deus cortar as orelhas aos jacobinos de 1820, herpes venenosas que fermentaram no sangue putrido de Gomes Freire.

Os revoltosos entraram em Hespanha com a marqueza á frente; e o inepto consorte d'esta amazona recebeu, por intervenção de D. Carlota Joaquina, abundante numerario para manter o animo perplexo dos desertores. Os soldados, quando o soldo se demorava, costumavam cantar esta copla:

Com dinheiro, pão e vinho
Sustenta-se o Miguelzinho,
Sem dinheiro, vinho e pão
Sustenta-se a constituição.

A *Megera* de Queluz, como então os malhados denominavam a viuva de D. João VI, informada pela marqueza de Chaves, a quem ella chamava a sua *Jeanne d'Arc*, egualando o filho dilecto a Carlos VII, empenhava-se até ao extremo da usura para espalhar a mãos largas o preço por que ficaram á nação as refregas dos Silveiras, dos Varzeas e dos Canellas. [1]

---

[1] D. Carlota Joaquina morreu, devendo ao conde da Povoa quarenta contos; egual quantia a Antonio Esteves da Costa; vinte contos a João Paulo Cordeiro; quarenta contos a José Antonio Gomes Ribeiro; e egual quantia a João Antonio de Almeida. A usura d'estes capitaes pagou-a o thesouro, e as graças em titulos e commendas. D Carlota era economica até á avareza nos gastos domesticos. Os seus rendimentos da casa da Rainha, e outros muitos, sob diversas denominações, eram enormes. Consumiu tudo em tramar guerras civis; de que foi alma. Nos ultimos annos da

O Silveira era doudo pela banca portugueza; e o meu amigo Bento de Castro, destro burlista n'este ramo dos conhecimentos humanos, empalmou em poucos dias ao marquez e aos fidalgos do quartel general uns seis mil cruzados com que resolveu ir viajar, se o *deus* de Ourique não favorecesse a causa do marquez de Chaves.

Os revoltosos foram protegidos em Hespanha, e receberam armas e auxilio de forças para repassarem as fronteiras.

Chegaram a Amarante em 15 de dezembro, e foram repellidos ahi pelo brigadeiro Claudino.

Emquanto, porém, se dava a sangrenta batalha, o meu intrepido Bento estava em casa do nosso amigo Pantaleão, no goso da mais agradavel fogueira, e do mais saboroso lombo de porco, e da mais fresca moçoila que ainda viram estes olhos que a terra ha de comer. Ahi se demorou um mez, por causa da

---

sua vida, tão abstrahida estava no fito das revoluções, que nem da sua propria limpeza curava. O seu trage caseiro era um gibão de chita, e uma fota de musselina na cabeça. Acocorada entre as beatas suas amigas, era costume seu cantar muitas vezes esta quadra:

> En porfias soy manchega,
> Y en malicia soy gitana;
> Mis intentos y mis planes
> No se me quitan del alma.

convalescença da egua, e foi depois unir-se a Braga ao marquez de Chaves. O marquez de Angeja saíu do Porto na pista dos rebeldes, que se intrincheiraram na ponte do Prado com duas peças de artilharia. O conde de Villa Flor ataca a ponte, desaloja o inimigo, mata-lhe algumas duzias de homens, e persegue-o até á Ponte de Barca, onde soffre uma desesperada resistencia. Villa Flor dispersa, por fim, á baioneta calada, a divisão do Silveira, mata-lhe trezentos homens, e, entre os mortos, fica moribundo o meu amigo Bento de Castro, com duas baionetadas, salvo seja, no costado.

Recolhido a casa de um lavrador, foi caritativamente tratado, e de lá me escreveu, contando-me as suas desventuras, e pedindo-me que as noticiasse a Pantaleão, visto que duas vezes lhe escrevera e não houvera resposta.

Fui a Amarante, e soube que o pae de Hermenegílda, desgostoso da funesta sorte das armas fieis, caira doente da gota sciatica, e retirára com a familia para uma quinta de Baião, onde não podiam chegar as cartas, porque os malhados lh'as interceptavam no correio de Amarante.

Fui a Baião, e lendo a carta ao attribulado velho, fi-lo chorar e praguejar. Logo alli prometteu á Senhora da Rocha levantar-lhe um nicho no portão da quinta, se seu futuro genro tornasse sãosinho e es-

correito para a sua companhia. Pediu-me com grande instancia que o acompanhasse da Ponte da Barca até sua casa, logo que elle se restabelecesse.

Hermenegilda não me pareceu muito afflicta com a triste nova. Quando eu apeei no pateo, vi-a debaixo de uma laranjeira, apanhando no regaço laranjas, que o preto, agatinhado na arvore, lhe lançava, e ella comia de cocoras. Dei-lhe, receando algum desmaio, um ligeiro indicio da desventura do seu Bento e ella abriu os olhos com a mais estupida impassibilidade, e disse:

—Coitado d'elle! Melhor fôra que não andasse por lá a jogar a tapona com esses herejes!

À vista d'isto, a minha vontade era escrever ao meu amigo, e dizer-lhe que seria ignobil o seu enlace com tão estupida creatura. Reservei para mais tarde poupa'-lo a tamanho infortunio, e disse-lhe que Pantaleão o receberia em sua casa como pae, se elle preferia a sua convivencia á de sua familia.

Bento respondeu-me que tencionava convalescer em casa de seu irmão, e passados tres mezes iria definitivamente casar-se, porque havia para isso razões fortissimas.

Estas fortissimas razões, leitor amigo, começou Hermenegilda a senti'-las, quatro mezes depois que saíu da Foz.

Eram as razões do amor immenso, amor que lhe

inturgescia o coração, ampliando-lhe a cavidade thoracica, extendendo-se até ás regiões contiguas, e augmentando-lhe a grossura dos tecidos no local em que as hydropesias, oriundas do amor, perdem grande parte do morbus com o casamento, especie de cura homœopatica.

Na certeza de que ninguem me entendeu, dou graças á minha esperteza, e continuo a merecer a confiança dos paes de familia.

XVIII

Tudo nos leva a crer não tarde ahi o desenlace d'este conto. A moral publica, ciosa das suas prerogativas, e dos deveres em que estamos para com ella, nós, os fabricantes de historias, contos, lendas, fabularios, soláus, e varias outras feições do folhetim —a moral publica, dizia eu, quer que um romance acabe bem. Acabar bem é triumphar a virtude, punir o crime, incitando o coração do leitor á pratica do bem, e ao horror do mal. N'este romance, se tal nome é bem cabido n'uma biographia de personagens ainda vivas, excepto Pantaleão, não ha nada que seduza corações inexpertos, trajando o vicio de galas seductoras, depravando o paladar com o uso do absyn-

tho das paixões licenciosas. Aqui é tudo posto no seu logar, o vicio apresenta-se maltrapido, ascoso, lazarento de lepra, e parecido com o diabo, de quem é filho. A virtude, vestida com singelas louçanias, ènamora as boas almas, amamentando-as no doce favo de seus seios. dulcificando-lhes os nectarios da candida flor da virgindade, segredando-lhes, emfim, as delicias juvenis e puras de que tão farto e nedio trazia o coração de Hermenegilda, e outras creatursa da mesma tempera.

Scenas da Foz é um livro de ouro. Peço licença para dar ácerca da minha obra o meu juizo independente, recto, desataviado de encomios immerecidos, e depurado de emulação mesquinha. O auctor é quem mais convincente testemunho póde dar da obra. Os nossos primeiros litteratos, desde 1830 até 1840, exepto A Herculano—que escreve sempre com a mira posta na paternidade, e crê, como deve crer, na perpetua florencia da sua reputação—excepto esse, os nossos primeiros litteratos, para se pouparem ás avaliações incompletas das suas obras, escreviam elles as criticas. Os elogios appareciam ao mesmo tempo em quatro gazetas; e tão bem escriptos eram, tão portugueza e elegante a phrase, tão bonito para verse o guindaste que topetava com as nuvens a nomeada da obra, que, se os artigos fossem assignados o thuribulario crear-se-ía uma reputação capaz de cor-

rer parelhas com a do idolo. Crearam-se assim muitas nomeadas, que, depois, o consenso universal consolidou; e, se os auctores não tivessem o direito congenito de escrever e julgar, muitos dos nomes gloriosos de Portugal estariam hoje nos limbos da velha academia.

Seja permittido a João Junior crear-se uma reputação tambem. O meu romance é a historia do coração humano. É um miudo exame das vicissitudes do espirito, e algumas vezes da materia. É o telescopio que alcança os astros do universo moral. É uma amalgama de historia, de philosophia racional e moral, de geographia e physiologia, a retina finalmente do grande olho da sciencia, que apanha n'um ponto os raios luminosos de todos os conhecimentos humanos. É esta a opinião do leitor illustrado, e tambem a minha.

Sei que tenho detractores, beliscados da inveja, outros brutalmente soëzes, e outros hypocritamente pudibundos. Os primeiros dizem que o meu romance é uma trapalhice, sem nexo, sem logica, sem verosimilhança, nem idéa fundamental, ou nucleo philosophico. São uns pataratas.

Outros, os segundos, acham que o conto está cheio de palavras extrangeiras, e não é tão bonito como as *historias proveitosas* do Trancos de que falava Hermenegilda a Bento de Castro. Estes fazem-me pena·

Os terceiros censuram as licenciosidades de phrase, a desnudez dos vicios, a descautella com que a parte carnal do indealismo humano se mostra aos olhos das leitoras incautas, menores de cincoenta e seis annos. Guardae-vos d'estes moralistas, paes de familias!

Duas velhas já me disseram que eu sou pouco escrupuloso em revelar fraquezas que postas em lettra redonda, affligem a virtude, ou desvendam a innocencia. Valha-me Deus! Porque nos andamos nós a enganar uns aos outros com meia duzia de palavras convencionaes? *Alphonse Karr* não conhece creanças; o que nós chamamos creanças, chama elle *mulheres pequeninas*. A civilisação tem alterado muito o valor intrinseco de certas palavras antiquissimas, como, *verbi gratia*, pudor, honra, amisade. amor, patriotismo, innocencia, e as demais que o leitor sabe. Eu creio na *innocencia* das mulhres como synonimo de *pureza*; mas de *simplicidade*, não. O conhecimento precoce dos segredos mais rebuçados da vida é um segundo instincto com que vieram á luz as mulheres do seculo XIX. Eu tenho pedido aos paes que me deixem estudar, no collo, as suas filhas de oito annos, e tiro de seus caprichos pueris inducções que me levam á illusão de que tenho no meu collo as mulheres pequeninas do auctor de *Les Femmes*.

Certo d'isto, experiente e feito n'estas dissecações

na alma, zango-me quando as meninas-velhas se picam nos espinhos da verdade—e mais se doem do pungir do espinho que já se lhes não esconde em flores... Lembram-me então aquelles versos de Béranger:

> Prudes, qui ne criez plus
> Lorsq'on vous viole,
> Pourquoi prendre um air confus
> A chaque parole?

Não obrigueis o romancista a escrever os fastos do coração como os chronistas escreviam a biographia dos reis. A historia está dispensada de ser caritativa.

Antes quer com as fraquezas do proximo, inflammar a phantasia com deslustres inexequiveis, do que premunir a razão contra as realidades; querer ignorar o mal verdadeiro, e ir com ancia através de oito volumes buscar o desfecho de um romance, que extra vasa a medida do mal possivel, é renunciar á verdade, perverter o gosto e a razão, crear um mundo que não existe, arriscar-se a todos os desatinos da excentricidade.

O meu romance não fará mal a alguem, não concitará o fogo de alguma paixão perigosa, não arrastará victimas ao abysmo, cavado por uma idéa, e coberto de flores pelas seducções do estylo e sophismas de uma irreligiosa philosophia.

Não farei, como madame de Stael, pretenciosas Corinas, nem Oswalds melancolicamente piegas.

Não verterei nas almas o nectar libidinoso do *Sophá* de Crébillon.

Não farei mulheres tão gárrulas, tão bacharelas, tão fortes da sua philosophia como a Heloisa de Rousseau; e, ao cabo de contas, tão flexiveis, tão dadas aos lapsos da humanidade, como qualquer costureira que não leu o Plutarcho, nem o Tasso.

Não direi, como Gœthe, aos infelizes que se matem; e, se fôr necessario, provarei que Werter foi um tolo, se existiu; Gilbert, Malefilatre, Labras, Moreau, Escousse, Léopold Robert, Labras, Gerard de Nerval, Jorge Arthur [1], não foram mais espertos que o seu modelo.

---

[1] Jorge Arthur é um nome portuguez. Suicidou se em janeiro de 1849, no Porto, precipitando-se da ponte pensil sobre o Douro. Tem um monumento no cemiterio do *Repouso*, com o seguinte epitaphio que não diz nada:

> Saudade perennal, geme, e avalia.
> Thesouro de que é cofre a sepultura.

Estou escrevendo sobre uma pasta que era a d'elle, e tenho aqui um sinete com duas iniciaes: a sua, e a da mulher que lhe inspirava o amor... da morte. Era um moço de trinta e tantos annos. Tinha talento, e publicou poesias, propheticas do seu destino. Teve muitas elegias; foi muito sentida pelos rimadores a

O meu romance, em fim, aconselha a todo o mundo que coma e beba e durma o melher que pudér. Protesta contra as paixões sérias, e quer que a humanidade se submetta pouco mais ou menos aos artigos dos estatutos dados pelo Creador a todas as alimarias do universo. Detesta a philosophia que faz os homens maiores ou mais pequenos do que elles são. Abomina os escriptores que precisam engana'-lo para engrandece'-lo. Sejamos do tamanho que nos deu o primeiro barro: não nos persuadamos que o barro de uns foi amassado em agua choca, e o de outros em Champagne. As paixões são de todos; uns cáem n'um tremedal, outros n'um diwan de molas estofadas. Todos caímos. Caiu David e Sardanapalo, caiu Cleopatra e Margarida de Cortona; depois da quéda de Hermenegilda, nascida e baptisada em Amarante, não ha nada seguro n'este mundo.

O leitor póde passar em claro este capitulo XVIII, que não diz nada importante. O que vem é de certo o melhor de todos.

---

sua morte. Estou-o vendo quando o tiraram, já laccerado, da agua. Era de noite. Eu tinha um archote que lhe projectava no rosto um clarão medonho. Desabotoaram-lhe o casaco; entre o colete e a camisa tinha um boné de velludo preto bordado a matiz. Era uma prenda que não podia legar...

XIX

Não se me desbotaram da memoria, com o envelhecer de mais de trinta annos, as côres vivissimas de um quadro que o leitor vae contemplar. As palavras que então se disseram, ainda as ouço; os mais ligeiros gestos, as miudezas menos reparaveis de tal scena, ainda as vejo. Ai! quem me déra n'esse tempo! É o caso:

Pantaleão foi uma vez visitado por sua prima D. Mafalda, filha segunda da mui illustre casa dos Maldonados e Leites, de Cabeça de Veado, que tinha seis bispos na familía, todos fecundos, vindo, por consequencia, D. Mafalda, a ser quarta neta de um filho sacrilego do ultimo bispo, o qual casou na dita casa de Cabeça de Veado, como consta da *Chorographia* de Carvalho, e da *Historia Genealogica da Casa Real*, e, miudamente, das *Nobiliarchias* ineditas de Alão de Moraes, no appellido «Maldonado».

Pois senhores, esta D. Mafalda, vindo visitar a perna gotosa de seu primo, reparou na nutrição de Hermenegilda, e fez uma careta de pessoa que sabe de sciencia certa o que são legitimas nutrições, e quando o alargamento dos tecidos, accumulados n'uma

região, com detrimento de outras, é uma pseudo-gordura.

Convicta pela experiencia dos seus annos productivos D. Mafalda entrou em averiguações, e soube de seu primo que Hermenegilda ía brevemente casar-se com um illustre cavalheiro de Celorico de Basto. Contou-lhe o começo, e o progresso das relações, excepto o que elle, ainda que quizesse, não poderia contar em estylo oriental.

Iniciada com estes começos, a velha fidalga chamou sua sobrinha a contas, fechando-se com ella na casa dos presuntos.

—Com que então—disse a velha—tu vaes casar, e não me davas parte?!

—O pae, assim comássim, diz que a tia havia de cá vir...

—E gostas muito do teu noivo?

—Podéra não! Tomára eu já que elle viesse.

—Tambem eu queria que elle viesse emquanto eu cá estou para os deixar casados... Mas, dize-me cá, menina, tu fizeste uma grande loucura em te deixares vencer pela tua paixão...

Agora fiz! pois eu não havia de amar com paixão cega meu marido!

Ha cegueiras de cegueiras, Hermenegilda... Ora imagina tu que elle era um malvado que não tornava cá ,e te deixava n'esse estado?

—Pois eu que tenho? disse Hermenegilda muito sobresaltada, descendo machinalmente os olhos sobre o corpo de delicto ou delicto do corpo, como quizerem.

É isso, é isso menina; não preciso dizer-te mais nada. Agora o remedio é apressar o casamento antes que teu pae vá para a Amarante. Aqui ninguem vos visita; mas lá, que vergonha para a nossa familia! É a primeira que acontece na nossa linhagem!.... Pois tu...—continuou a velha inexoravel, em quanto Hermenegilda fazia torcidas nas pontas do lenço do pescoço— poís tu caíste nas fraquezas em que cáem as mulheres da baixa plebe?! Não te lembraste, n'essa hora aziaga. que eras filha do fidalgo mais antigo de Entre Douro e Minho?

—O amor quando é da raíz...—balbuciou a pobre menina, purpureada camo a fêbra do presunto que lhe estava ao pé disputando o carmim.

—Qual raiz nem raiz! Se teu pae—exclamou com violencia D. Mafalda—te tivesse mandado aprender comigo a ser uma senhora dos appellidos que tens, não caírias n'essa deshonra, que faz estremecer os ossos de teus ascendentes na propria campa! O que dirão os nossos primos da Carraça, de Ranhados, de Lamas de Orelhão, sabendo que tu fizeste semelhante affronta á nossa jerarchia?

D. Mafalda saíu arrebatada, e no vivo impeto en-

calhou n'um torno da caranguejola onde estavam penduradas as brôas de unto, que longo tempo ficaram badalando. Hermenegilda saíu cabisbaixa, a procurar a tia para lhe pedir que não dissesse ao pae o mal que o seu *amor de raizes* lhe fizera.

Era tarde, porém. D. Mafalda, exprobrando amargamente a seu primo, a descautella, e liberdade com que educára a herdeira do seu nome, acabou por dizer-lhe que era urgentissimo o casamento, o mais depressa possivel, a fim de sanar o mais estrondoso escandalo que se tinha dado em nove seculos de uma honradez a toda a prova na sua linhagem.

Pantaleão, atordoado pelas invectivas, só depois de ouvir a cousa clara como ella era para todos, é que saíu do torpor, e fez menção de pegar de um bacarmate para arcabuzar a filha.

D. Mafalda susteve-lhe o rancoroso assomo, e pouco e pouco persuadiu-o de que o couce seria mais mortal que a quéda. Disse-lhe que escrevesse a Bento de Castro para que immediatamente viesse esposar sua filha. Pantaleão preferiu escrever-me a mim, chamando-me a Baião, onde cheguei cinco dias depois d'esta pathetica scena, que, de certo arrancou lagrimas aos que as podem ainda chorar por motivos de amargurada poesia.

Eu ainda hoje as verto caudaes nas rugas da tez, quando me lembra a postura afflicta de Pantaleão no

momento em que entrei no seu quarto. Estava de cocoras sobre a cama, lendo a gazeta de Lisboa, e vociferando pragas contra o Saldanha, emquanto o preto tirava os carrapatos de uma cadella perdigueira que tinha a cabeça na travesseira do amo.

O venerando ancião, quando me viu, mandou sair o preto, e falou assim:

Snr. João, saberá que o seu amigo Bento de Castro é nada menos que um bregeiro!

—Como?! V.exc.ª dá semelhante titulo a um cavalheiro que vae ser seu genro?

—É um bregeiro, e se não, faz favor de olhar para minha filha.

—Não entendo! Já tive o gosto de a cumprimentar e ella nada me disse.

—Repare-lhe n'aquellas ilhargas. snr. João!

—Nas ilhargas! que quer isso dizer?!

—Quer dizer que a minha filha, snr. João, ha de casar-se já, senão o meu amigo é mandado para o inferno.

—Pois, n'esse caso... eu escrevo ao meu amigo —repliquei eu, sentindo tambem nas ilhargas alguma cousa que poderia fazer-me rebentar na compressão do riso.

Pantaleão, no auge da sua colera, saltou fóra do leito, e trilhou a cauda da cadella, que soltou um ganido funebre. Proseguiu em raiventas apostrophes a

Bento de Castro. Accommodou-se um pouco por eu lhe prometter ir pessoalmente falar-lhe a Celorico, e terminou por sentar-se, outra vez, na cama aparando com uma navalha de barba a callosidade de um enorme joanete do pé esquerdo.

XX

Fui a Celorico, e descrevi o mais patheticamente que pude a scena lacrimosa que presenceára em casa de Pantaleão. O meu honrado amigo não hesitou um momento em obedecer aos preceitos do dever. Disseme que desde muito seria marido de Hermenegilda, se a má fortuna da guerra lhe não tolhesse o uso do corpo, pelos ferimentos graves que recebera, e a morosa convalescença que lhe custaram.

Acrescentou o meu brioso amigo que, obrigado a uma quasi solidão de quatro mezes, reflectira madura mente no que lhe convinha, e podéra convencer-se de que o casamento com uma mulher supportavel de espirito, excellente de materia, e rica, era a posição que mais quadrava á sua alma, já desenganada das loucas illusões da mocidade. Comquanto o seu amor a Hermenegilda não fosse muito—disse elle—isso não importava, porque o amor-habito viria com o tempo encher o vacuo das grandes paixões. Louvei.

como moralista e humanitario, tão acertado expediente, tão ajuizada philosophia, e falámos largamente em planos de Bento de Castro, fundados sobre os haveres da noiva. É certo que uma imaginação creadora tanto póde erguer castellos no ar como em Amarante.

N'um dos proximos dias, saimos de Celorico, e viemos pernoitar a Baião, onde eramos esperados por um extraordinario successo.

Quando chegámos, disse-nos o preto que a menina estava doente, berrando muito. Appareceu-nos D. Mafalda, e disse-me ao ouvido duas palavras, que eu communiquei ao meu amigo.

Pantaleão saiu do seu quarto, e apenas lobrigou Bento de Castro, que me parecia ter-se commovido com a minha revelação, antes de mais nada, exclamou:

—Não esperava isto de um fidalgo, que ainda é meu parente, snr. Bento! V. s.ª portou-se muito mal, e não é digno de ser meu genro!»

D. Mafalda, prevenida para serenar a colera de seu primo, acudiu aos berros, e disse com senhoril gravidade:

—O mal feito não se remedeia, primo Pantaleão. Do que se trata agora é de chamar cirurgiões, que a menina está muito doente. O snr. Bento está aqui para remediar o mal que fez.

—De certo, minha senhora—murmurou o meu amigo.

—Pois então— acudiu Pantaleão— trate-se já do casamento.

—Já?! não é possivel!— redarguiu D. Mafalda—A menina está... pois tu não sabes como ella está?!

—E então que tem lá isso?!— replicou o fidalgo— Chama-se ahi o abbade ao quarto, dizem-se as duas palavras, e arruma-se o negocio de uma vez.

—Eu estou prompto a obedecer-lhe—disse Bento; —mas eu muito queria que a minha noiva não estivesse a soffrer no momento mais feliz da nossa existencia. Se ella estivesse perigosa, em tão triste caso, de certo seria eu o primeiro a lembrar o cumprimento da minha palavra; mas, se por emquanto não ha receio, porque não ha de o nosso casamento espaçar-se para um dia mais elegre?

—Eu acho que diz muito bem, snr. Bento de Castro...— disse D. Mafalda.

Pantaleão cedeu ás razões do genro, e ás minhas, que tiveram sempre uma tal ou qual preponderancia na opinião dos parvos. Serenou-se a tempestade, e Pantaleão, d'abi a pouco, estava extasiado ouvindo da bôca eloquente de seu primo as proezas de Silveira e as esperanças seguras da queda da constituição.

D. Mafalda veiu dizer a Bento que a menina, sa-

bendo que elle tinha chegado, ficára em grande alvoroço de alegria, e pedira que lh'o levassem ao quarto, se isso não parecesse mal.

Castro foi ao quarto de Hermenegilda. Parece que lhe deu algumas palavras animadoras e ouviu algumas queixas sentidas de sua demora, e da sua ingratidão. O momento, porém, era improprio para arguições e defezas. Hermenegilda estava pagando á natureza o doloroso preço dos gosos maternaes. Bento saiu com semblante melancolico, e propoz-me um passeio no pinhal visinho.

—Sabes tu, João, (disse-me elle com poetica ternura) que começo desde já a sentir o amor paternal?

Agora conheço que os prazeres singelos da vida domestica são os unicos de que posso recobrar a minha felicidade perdida.

—Pois, parabens, meu caro Bento!

—Ha nada mais poetico — proseguiu elle, cada vez mais commovido— que o espectaculo dos soffrimentos da mulher amada, no momento em que se lhe desprende do seio o thesouro de amor que será inexhaurivel de prazeres para mim?!

—Oh! isso é arrebatadamente poetico— Eu pedirei sempre aos santos da minha particular devoção que me não dêem o prazer d'esse espectaculo; mas se um dia eu vier a ser pae, parece-me que hei de ser

um grande pae, e trarei sempre o meu gordo pequeno bifurcado no pescoço...

—Não podes imaginar o jubilo que me enche o peito...— atalhou o meu amigo, que parecia não ter ouvido os doces prognosticos da minha paternidade — Quem diria que eu viria a ser isto que sou?! Posso hoje esperar metade da minha existencia menos infeliz que a outra. Se a Hermenegilda não é a mulher que possa corresponder bem ás precisões da minha alma, o vacuo será preenchido com o amor de meus filhos. Se fôr menina o primogenito, hei de manda'-la educar em Inglaterra; quero provar que se póde ser uma rica herdeira sem ser estupida. Se fôr um rapaz, oh! então. . tu não imaginas o que ha de ser meu filho.

A pratica demorou-se uma hora n'estas pieguices, que o leitor, se é pae, decerto perdôa ao meu amigo.

Ia alta a noite, e a brisa fria do norte, cantando nos pinhaes, fazia-me nas orelhas uma sensação desagradavel. Pedi ao contemplativo Castro que fossemos continuar as doces *réveries* no nosso quarto.

Estavamos ainda a pé duas horas depois. De instante a instante, chegava-nos o echo de um gemido agudo. Eu saía, de vez emquando, a informar-me, e voltava sempre com boas esperanças para o meu amigo. Assistiam ao acto solennissimo de um primogenito, um medico de Rezende, um cirurgião das

Caldas de Arêgos, uma parteira de Canavezes, e D. Mafalda, que parecia mais experiente que todos os outros.

Já de madrugada, passeava eu n'um sobrado proximo do quarto em que Hermenegilda acabava de ter o seu feliz successo, como dizem os jornaes quando annunciam á Europa o nascimento de um menino gordo, filho de tal ou tal commendador, que nunca produz, em regra, meninos enfezadinhos.

Tratei de perguntar o sexo do recem-nascido á primeira pessoa que saíu do quarto: era D. Mafalda. Cousa extraordinaria! A velha fidalga saíu como assombrada; e á pergunta que lhe fiz, respondeu: «Isto é da gente se benzer!»

—Que diz v. exc^a^. minha senhora?—repliquei eu —É menino ou menina?

—Eu sei cá! Santo nome de Deus!—balbuciou ella.

Sabem o que então me lembrou, não podendo atinar com o espasmo de D. Mafalda? Se o recem-nascido seria um pequenino centauro, uma aberração da natureza, um monstro, um hermaphrodita! Instei com anciedade nas minhas perguntas, e imaginei que D. Mafalda estava douda, quando me disse que o nascido era rapaz, mas...

—Mas o que, minha senhora, queira acabar...

—Mas é preto!—disse ella, escondendo o rosto nas mãos.

Bento de Castro appareceu n'este momento. Contempla a estupefacção de nós ambos. Pergunta se Hermenegilda está perigosa. Eu fico perplexo; mas o vilipendio do meu pobre amigo vexa-me, punge-me, indigna-me até ao fundo da alma,

—Tomo-lhe o braço, tiro-o para o patim da casa, e digo-lhe:

—Manda sellar immediatamente os nossos cavallos.

—Pois que é?!

—Já, já, é necessario saír já d'aqui...

—Por quem és, explica-te, João.

—E eu pela honra te supplico que me não interrogues mais. Vamos apparelhar os cavallos.

Bento de Castro seguiu-me como um somnambulo. Viu-me na immobilidade do idiotismo, sellar as cavalgaduras. E quando eu lhe disse: «monta!» não se moveu. Era indispensavel tira'-lo d'aquelle torpôr. Cobrei animo, e disse-lhe:

—Estás disposto a adoptar o filho de Hermenegilda?...

—Se elle é meu filho...—murmurou elle.

—Qual teu filho?! vamos! monta a cavallo!

—Pois de quem?! Tu queres enlouquecer-me!

N'este instante uma creada dizia de uma janella para o quinteiro a uma filha da caseira:

—Nasceu um menino.

E a caseira respondia:

—Que seja para boa sorte.

—E a *sorte em preto* é a melhor...—murmurei eu, segurando o estribo do cavallo de Bento.

O infeliz comprehendeu-me. Não sei como dizer o que vi na cara de Castro. Partimos.

EPILOGO

O preto levou sumiço. Eu creio que o esganaram, e enterraram no entulho de uma mina, que está á esquerda, como quem sáe da porta da cosinha. Quem o esganou não sei, e eu sou muito escrupuloso em aventar supposições de tamanha responsabilidade. O filho do preto levou-o a parteira de Canavezes, e não se sabe o fim que lhe deram. Pantaleão morreu.

Hermenegilda casou cõm o morgado de Castoias, e é hoje uma das mais respeitaveis senhoras de Amarante. Bento de Castro da Gama já foi tres vezes deputado pelo Minho, e está muito gordo. Eu vou vivendo como Deus é servido, pasmado do muito que tenho visto.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO

LIVRO SEGUNDO

DINHEIRO

I

Em 1835, a 22 de agosto, ás sete horas da tarde, pouco mais ou menos, passeava eu, com a imaginação pelos mundos ideaes de Platão, e os pés sobre o terreno saibroso de um cerrado pinhal, no sitio do Pastelleiro, nos suburbios de S. João da Foz.

Distraídamente, de vez em quando, passeava a vista pelas cinco janellas hermeticamente fechadas de uma casa de campo, pintada de fresco a ocre. Impressionava-me o silencio funebre que rodeava aquella casa, e d'essa impressão, metade poesia e metade curiosidade, nasceu-me o desejo de saber quem morava alli.

Perto da noite, vi abrir-se uma das cinco janellas, e divisei um vulto de mulher, que se demorou alguns instantes, olhando para o lado do mar. Ahi começa a phantasia a fazer-me travessuras!

Receoso de afugenta'-la, parçi para que ella me não ouvisse os passos. O ar mysterioso de tudo aquillo, a hora, o sitio, e sobretudo esta minha cabeça fertil de crendices visionarias, fizeram-me crer que tal mulher apparecera então para não ser vista de alguem, e fugiria se alguem a visse.

Não me enganei. N'um lanço de olhos, a amante do crepusculo lobrigou-me entre os pinheiros, e saíu em sobresalto da janella.

«Aquella mulher é necessariamente um romance completo!» disse eu comigo mesmo, e imaginei traça de tornar a ve-l'a, sem ser visto, n'aquella noite. Saí do pinhal, entrei na estrada que conduz á Foz, retrocedi, de modo que o ruido dos meus passos se perdesse na grilharia dos grillos e cigarras.

A mulher da casa amarella estava outra vez olhando para o occidente, com a face encostada á palma da mão. D'ahi a pouco escureceu de modo que eu podia pouco avista'-la.

Permaneci muito tempo immovel, encostado a um pinheiro, com os olhos cravados n'aquelle vulto, que eu estava amando, sem conhecer-lhe as feições,

Os primeiros fulgores da lua, que se revia no seio do mar, vestiram-lhe o rosto de um esplendor alvacento: julga'-la-ieis uma estatua de marmore na solidão silenciosa de uma cidade assollada.

Soaram onze horas no relogio parochial de Lordello. Que saudosa tristeza a d'aquelles sons em hora de tanta poesia! Que estimulo para um coração de cera flexivel a todos os caprichos da phantasia, qual era o meu, por esses tempos!

Onze horas, e eu ainda alli fascinado por aquella mulher, que me não via, que nunca me vira, e eu não veria jámais!

Não se riam da creança que eu era então. Tinham passado trinta annos por mim, mais ou menos tempestuosos, e o coração estava ainda viçoso, florido e esperançoso de fructos que por fim apodreceram antes de sazonarem.

Era aquella a edade das paixões sérias, reflectidas, consideradas. São essas as paixões que lançam raizes, regadas por lagrimas, ao fundo do seio, d'onde só a mão da morte, quasi sempre prematura, póde desarraigal-as.

E por isso aquella mulher do Pastelleiro entrára em minha alma, vaga de tres mezes, porque houvera ahi na face da terra uma virgem refèce e treda que se vendêra a um paparreta rico, vindo não sei d'onde, com anneis de brilhantes em todos os dedos

das mãos, e joanetes enormes em todos os dedos dos pés... que pés, querido padre Santo Antonio! não eram pés; eram miniaturas da Roma das sete collinas gravadas em couro!

Estive muito doente n'essa occasião. Dei sérios cuidados aos meus numerosos amigos, e recobrei lentamente a saude á custa de muita papa de linhaça e oleo de amendoas doces.

Assim atriçoado, vilipendiado, ferido no meu amor, no meu orgulho de sabio, nas minhas aspirações de poeta, resolvera abandonar o céo onde a perfida, nos braços de um marido indecente, respirava o ar balsamico das flores que eu cultivára para ella no seu proprio jardim. Viera á Foz fortalecer os nervos frouxos, contar ao Oceano as minhas agonias, chorar com a lamentosa Alcione, e apiedar os mexilhões.

N'este estado de alma era perigoso provocar as sensações do amor. A chaga era d'aquellas que se curam homœopathicamente, e eu de certo não conheço argumento que mais aproveite ao systema de Hahnemann. Os que dizem que a homœopathia é a medicina que abrange ambos os dominios, o da materia e o do espirito, definiram-n'a de modo que só a má fé poderá ridicularisa'-la, não lhe reconhecendo a efficacia em enfermidades da alma tão graves como era então a minha. As mulheres são essencialmente homœopathicas, e basta que ellas o sejam para que

o novo apostolado se consolide. Ninguem como ellas se cura tão depressa das molestias da alma por suppuração de amor. Eu creio que as valvulas do coração da mulher não são simplesmente peças mechanicas da circulação sanguinea. Em breve tenciono dar á luz um livro de physiologia, em que prometto provar que o coração feminino tem uma valvula por onde sáe um amor, e outra que simultaneamente se abre á entrada de outro. Com estas duas valvulas e um pouco de impudor, fórma-se a mulher á laia d'aquella que me traíu.

Acabem as divagações.

Ouvi ainda baterem as doze horas, sem poder furtar-me á prisão magica d'aquella mulher. Afigurou-se-me que ella se movera da attitude melancolica em que estivera tres horas. Não me enganei. Ouvi o ranger da porta no interior da casa, e um clarão subito illuminou o quarto. O vulto magestoso da mulher sobresaíu no horisonte de luz, em pé, com as costas voltadas para fóra. Escutei, apenas, o murmurio de algumas palavras que duas pessoas trocavam, e pareceu-me, pelos ademanes, que a mysteriosa tambem falára. A luz demorou-se dois minutos, se muito. Com a escuridade, a minha visão amada voltou á sua posição na janella, Eu, espero que me creiam, estava idealmente tolo por tudo que via e imaginava.

Não pararam aqui as visões estupendas.

D'ahi a pouco escondeu-se a lua. Da parte do mar soprava uma aragem que rumorejava nas ramas dos pinheiros um som soturno, que parecia o echo da vaga longiqua. A frouxa claridade das estrellas dava aos montes magestade mais impressiva, um colorido mais triste, um encanto de mais para a minha alma, alli captiva do espectaculo mais grandioso que o acaso podia deparar a um espirito de poeta de força maior.

Maravilha!

Uma voz angelica, trémula como um longo gemido, mas deliciosa como o suspirar de brisa por entre flores, e o murmurar de fontinha no crystal da taça, uma voz que ainda hoje entra no tympano da alma, uma voz que nunca mais saíu da memoria do meu coração... foi a voz que ouvi... era ella cantando, era o anjo que segredava ás estrellas as máguas do seu exilio, era a fada que invocava as magicas apparições da noite, era o espirito aerio, como o não sonharam Wieland, Hoffman, nem Gœthe, a descer das regiões ethereas para encher a terra das harmonias santas que foram a linguagem humana antes da quéda da primeira mulher.

Extatico, alheado, eu não podia recolher ao coração, ao mesmo tempo, a lettra e o canto. O hymno, variado de modulações divinas, talvez improvisado, musica para mim de uma arrebatadora originalidade continuava. Habituado ao espasmo da primeira

sensação, tentei distinguir as palavras, e apenas pude recolher dois versos com ligação.

Dae esmola d'amor á desgraçada,
Ó anjos que o meu anjo tendes lá.

Houve uma longa suspensão. Os olhos da minha alma viram aquella mulher enxugando as lagrimas. Soou ainda outra vez a melodia triste, cada vez mais triste, mais trémula, mais ferida dos tons, ora brandos de adoravel melancolia, ora frementes como gritos abafados. Por fim faltava a tristeza augusta do silencio da noite para proferir as ultimas notas d'aquella aria no gemido das selvas, no cicio da folhagem, no susurro das correntes, e no manso espreguiçar da onda sobre as algas dos rochedos.

Calou-se o canto. Fugiu-me a visão. Fechou se a janella. Eu pendi a cabeça triste sobre o seio e perguntei aos espiritos da noite se não era aquella a mulher dos meus sonhos de trinta annos.

A natureza ouviu-me em silencio.

Porque não ha de a natureza responder ás perguntas dos tolos que ella faz?

II

No qual tempo tocava eu viola franceza, com alguma graça, e a minha mania creadora era compôr trovas elegiacas, ao sabor da minha amargura, e canta'-las acompanhadas de harpejos melancolicos. A minha voz era um soffrivel *baritono sfogato.* Principiei cantando lições da semana santa, a duas vozes. Aprendi depois o cantochão, cheguei a cantar n'uma missa de cinco vozes em côro de aldeia, e com estes rudimentos consegui tirar da viola franceza harmonicos de que ainda hoje se fala em S. Gonhedo e Trabanca de Panellas.

Era, pois, lugubre o meu cantar como o do captivo de Israel, saudoso das margens do seu rio.

E, na noite seguinte á da minha visão, eu fui sentar-me entre os pinheiros, com a harpa das angustias debaixo do braço, esperando a hora desejada em que os espiritos desciam a pousar nos labios d'aquella espiritual mulher.

Presenciei o mesmo espectaculo da noite anterior: a mesma attitude, a mesma luz, e á mesma hora o canto funebre e as palavras dulcissimas de tristeza.

Eu tambem fui poeta, e improvisava, na exuberancia do amor, endeixas sentidas, que nunca púde reproduzir com animo frio sobre uma tira de papel. A fada acabava de cantar os dois versos tão lindos:

Dae esmola d'amor á desgraçada,
O' anjos, que o meu anjo tendes lá.

E eu feri as cordas do meu alaúde nos tons mais lugubres de um preludio, e cantei:

N'este ermo, triste, e só, e abandonada,
Quem d'esta alma o gemer escutará?
Dae esmola d'amor á desgraçada,
O' anjos, que o meu anjo tendes lá.

A mulher estava de pé; erguera-se com impeto; buscára nas trevas o mysterio d'aquella surpreza. E eu continuei, tremendo com o receio de a ver:

São horas mortas; vem, ó meiga fada,
E um beijo para o céo leva de cá,
Dae esmola d'amor á desgraçada,
O' anjos, que o meu anjo tendes lá.

Ella estava immovel, ainda; e eu sentia a fronte calcinada ao fogo do estro. O *Deus, ecce Deus* do famoso poeta, experimentei-o então. As cordas da cithara, febris como eu, soltavam vertiginosas harmo-

nias em melancolica toada. Era a hora das expansões, e eu prosegui:

> Teu canto amargo ouvi, sombra adorada
> Meu hymno, triste, como o teu dirá:
> Dae esmola d'amoı á desgraçada,
> O' anjos, que o meu anjo tendes lá.

A' ultima palavra d'esta quadra, sumiu-se a visão; mas a janella ficou aberta. Decorreu uma longa hora. As orlas do mar arraiavam-se da luz da aurora. A flôr da giesta, as margaridas do prado, e a candida florescencia da urze recebiam nas suas urnas o aljofar do céo.

E a janella ainda aberta.

Aclarou-se a manhã: eu não despregava os olhos anciosos da janella vasia, da escuridão interior da casa. Na perplexidade de saír do saudoso sitio, vi desenhar-se no fundo escuro um vulto vestido de branco, vaporoso como as tenues nuvens do oriente que se rarefaziam ás primeiras lufadas do sol que ia nascer.

Ver-me-ia ella?

Oh! de certo viu! O coração bateu-me no peito. Lancei-lhe um olhar de quem dá um adeus e pede uma piedosa saudade. Atravessei os pinhaes por longos desvios da estrada; entrei no meu quartel, onde tudo me parecia negro e indigno de mim.

Que dia aquelle! Que côr tão linda a da atmosphera! que azul tão encantador o do mar!

Como todas as mulheres me pareciam feias, e todos os homens importunos!

O' amor, fonte caudal de ephemeras alegrias, quando tornarás a orvalhar esta alma arida!

III

O sol deitára-se no seu leito de purpura, quando eu entrei no pinhal do Pastelleiro. A anciedade não me deixava esperar a noite. As janellas estavam fechadas. O amor nascente é tão melindroso, pueril e timido, que receia desagradar até com o pensamento ao idolo da sua concentrada adoração. Eu temia destruir o meu tal ou qual prestigio, apparecendo de dia áquella mulher, que poderia adorar-me no silencio da noite, na hora das lagrimas, em presença das estrellas.

Mas o amor arrebatado tem afoutezas que tiram animo da mesma timidez.

A mulher não apparecia. O crepusculo da tarde vinha descendo das cumiadas das serras. Eu não podia reprimir a ancia do coração; precisava ve'-la, e

dizer-lhe, no silencio da surpreza, que amor de vida ou morte ella me inspirava.

Rodeei a pequena quinta da casa amarella. Achei, ao longe, uma pequena porta, que abria para um matagal. Buli, tremendo, no ferrolho, e a porta deixou-se abrir. Dei um passo vacillante dentro da quinta, e vi a fachada trazeira da casa, uma longa varanda de pedra, e duas mulheres, uma sentada, a ler, outra fiando. Reconheci-a! era ella a que lia. As pernas senti-as tremer frouxas e como vergando ao peso do tronco. O sangue em lume subiu-me em borbotões ás fontes, quiz esconder-me, e não pude. O latido de um cão denunciou-me aos olhos da mulher que fiava. Não sei o que ambas se disseram. E' certo que a velha, sustendo o rodopio do fuso, perguntou-me, em sinistro falsete, quem procurava eu. Engasguei-me, tartamudeando não sei que desculpa. A velha redarguiu, emquanto a moça, já de pé, cravando me os olhos immoveis, parecia increpar-me a audacia de profanar o seu santuario.

Respondi:

—Não procuro alguem; andava passeando, e cuidando que não incommodava, entrei por aquella porta com intenção de ver esta quinta.

—Então vocemecê—tornou a velha—está a banhos?

—Sim, senhora,—respondi eu com muita meiguice, abençoando a curiosidade de todas as mulheres,

e particularmente a d'aquella que me proporcionava uma demora justificada.

—A quinta tem pouco que admirar...—disse a filha dos meus sonhos.—Mas, tal qual é, está ás suas ordens.

Leitor, se toma rapé, sorva uma pitada, e dê-me attenção, que eu não lh'a dispenso na mais insignificante virgula do que vae ler.

A mulher que acaba de falar, com um timbre de voz só comparavel ao seu canto, era um milagre de formosura, como eu a entendo, como eu a tinha sonhado, como eu a tinha organisado das bellezas dispersas em quantas mulheres bellas encontrára.

Eram negros os cabellos, ornamentos dignos de uma fronte larga.

Negras as sobrancelhas, ajuntando-se na base do nariz mais fino e transparente que inventaram os pinceis famosos que, de seculo em seculo, apparecem para completar as formosuras que a natureza nos dá incorrectas.

Olhos da côr dos cabellos, rasgados, nem morbidos nem vertiginosos, menos serenos que a limpidez do lago, e mais amortecidos que o vulgar dos olhos negros.

Pallida, muito pallida, sem mancha de rubor, sem beta de outra luz que não seja a que os brandões mortuarios reflectem no crepe da eça.

Era magra de faces, sem que se lhe vissem as proeminencias malares, especie de balisas que se levantam naturalmente onde acaba a formosura.

Devia ser muito delicada e breve a construcção ossea d'aquella mulher, que no melindroso das fórmas exteriores, mostrava ser apenas o involucro material de um grande espirito.

A pequenina bôca era assombrada por um buço avelludado que sobresaía a custo do fundo pallido em que parecera planta'-lo n'um beijo o amor das voluptuosidades, filhas do coração, e desconhecidas á sensualidade grosseira.

Airosa, no primor da estatuaria, as largas vestes casavam ás fórmas as caprichosas ondulações, de modo que as bellezas occultas pareciam desafiar a imaginação mais fertil para vence'-la com realidade.

Estes fugitivos traços ficaram-me indeleveis na memoria Creio que o leitor mais imaginoso não creará com elles no mundo dos phantasmas a sombra sequer da minha heroina. O pincel caíria desanimado na presença d'ella; que fará a penna, sempre desobediente ás vagas expressões da alma! Não sei pinta'-la de outro modo. Tenho-a ha tantos annos ao pé de mim, sempre no logar da minha sombra, rindo e chorando comigo, entoando-me sempre em voz sepulchral os dois fatidicos versos:

Dae esmola d'amor á desgraçada,
O' anjos, que o meu anjo tendes lá.

Sempre a voz, sempre a imagem, em tudo, por toda a parte, e não sei descreve'-la, nunca pude arranca'-la da palheta dos artistas mais lucidos, d'aquelles que compreenderam o aspecto melancolico de Camões, e o adivinharam, d'aquelles que idealisam a formosura correcta, respigando-a nas Heloisas, nas Leonores, nas Fornarinas! Ai! o meu ideal foi d'este mundo, e a arte não póde restituir-m'o!

O que és tu, sciencia humana! Pintor, subtilisa a tua alma com a lucidez magnetica, e dá-me o retrato d'aquella mulher, que eu dou-te a immortalidade, morrendo abraçado ao teu milagre, á tua segunda creação!...

....

Não soube responder ao offerecimento de... Como se chamava aquella mulher? Vamos sabe'-lo. D'alli perto está uma camponeza, segando herva. Vou falar com esta mulher, de modo que me não vejam da varanda; receio magoa'-la, se ella suspeita da minha indiscreta curiosidade... Ainda bem que não sou visto.

—Pertence áquella familia que mora alli?—perguntei eu.

—Não, senhor; sou caseira d'esta quinta, e aquella familia alugou esta casa pelo S. João.

—De onde é a tal familia, póde dizer-me?

—Não lhe sei dizer. Parece-me que são lá de cima da provincia. Quem alugou a casa foi um senhor que veio cá sósinho, e não tornou a apparecer.

—Seria marido d'ella?—interrompi com sobresalto.

—Não tinha geito d'isso; e se fosse marido, a creada falava-me d'elle.

—E que diz a creada?!

—Pouco mais de nada; e eu, como não sou intromettida, tambem não pergunto. Elles vivem na sua casa, e eu vivo na minha.

—E como se chama a tal senhora?

—E' a sr.ª D. Felismina, e a creada é Thereza.

—E ella não toma banhos?

—Nunca sae de casa de dia; algumas vezes sae de noite, mas não passa do pinhal, ou vae até lá abaixo áquella moita de carvalhos.

—Desculpe-me tanta pergunta, e em paga do seu bom modo ha de ter a bondade de acceitar-me uma pequena quantia para um lenço.

A mulher, maravilhada, acceitou não sei quê, de que a amabilidade do rosto immediatamente se resentiu. Devo confessar que a minha generosidade foi tão interesseira quanto a seguinte pergunta vae denuncia'-la.

—Vocemecê vae aquella casa?

—Só lá vou á tarde buscar a lavagem para os cevados.

—E quem lhe faz os recados?

—Vem todas as manhãs um homem do Porto trazer-lhe as compras; pouco se demora, e sae sem ver a senhora. Foi elle que me disse que nunca a vira, nem sabia quem era; mas que seu amo o mandava todos os dias trazer o mantimento, com ordem de não falar a ninguem. Emquanto a mim—concluiu a informadora, pondo á cabeça o cesto da herva—emquanto a mim, anda aqui mandinga, por mais que me digam.

Disse adeus á mulher, e voltei pela mesma direcção até á pequena porta. Não vi Felismina, nem a creada.

Era quasi noite. A minha existencia phantastica ia recomeçar.

IV

Do poente desennovellavam-se rolos de nuvens pardacentas que se acastellaram sobranceiras á Foz. Pouco a pouco, distenderam-se pela superficie do céo, formando uma abobada de chumbo, onde não

luzia a crispação de uma estrella. Estava, pois, medonha a noite, e os urros do oceano vinham de longe a gemer na praia um lugubre lamento. Cruzavam-se de norte a sul successivos relampagos, e o trovão bramia do nascente, menos retumbante que o mugido das vagas. As franças dos pinheiros ramalhavam com impetuosas sacudidellas de uma nortada supita.

E eu, immovel e sereno como o archanjo das tempestades, contemplava este espectaculo grandioso, nos visos do Pastelleiro. De vez em quando observava a massa escura da casa de Felismina. Pareciam-me fechadas as janellas. Pobre cantora de amarguras, não era aquelle o seu lindo céo, povoado de estrellas, que lh'as ouviam! A brisa, que bebia dos labios d'ella as endeixas tristes, indo-se pelos valles a dize'-las aos echos, fugira espavorida ao açoute do bulcão do mar. Talvez que a timida senhora, de joelhos com a aterrada Thereza, estivesse resando a *Magnificat* e jaculatorias a Santa Barbara! Alli, sósinha, na crista de um monte, tão visinha dos raios, cercada de trovões, transida de pavor... não a verei hoje!

Assim pensava eu, resolvido a não esperar o aguaceiro da nuvem prenhe que, sobranceira a mim, superava em negrura as outras.

Antes, porém, de deixar o saudoso sitio, quiz satisfazer a um desejo pueril, a uma d'essas creanci-

ces ditosas de que o coração se emancipa quando os cabellos alvejam, ou a alma amadurece temporãmente,—o que é peor ainda... Fui ao pé da casa, muito ao pé, quasi rente com a parede, e... á luz de um relampago... vi-a! vi-a... era ella, debruçada no peitoril da janella!

Outro relampago... Estava ainda! não me fugiu, não se moveu, tinha os olhos mergulhados nas trevas onde me vira.

Caíam as primeiras gottas de chuva, e eu não as sentia. O que eu queria era relampagos; queria o facho sulfureo da tempestade; queria a erupção de uma cratera; queria o incendio do mundo para ve'-la, maior do que a minha imaginação a creára, maior do que o terror d'aquelle quadro!

E a chuva caía a torrentes. Eu recebi-a impassivel, inabalavel, na face, erguida para a janella, de onde as trevas já não podiam roubar-me os traços d'ella. N'isto, pareceu-me ouvir a sua voz. O estrepito da chuva, do furacão, e dos trovões não me deixavam entende'-la. Pensei que fôra um engano. Ai! não era, não!

—Póde abrir—disse ella—esse portal grande, e recolher-se da chuva.

—Não a sinto, minha senhora—balbuciei eu.

—É impossivel que não esteja muito molhado! Recolha-se que a chuva não pára tão cedo—tornou ella.

—As tempestades do coração não deixam ao corpo sentir as da natureza...

—Como?!—interrompeu ella.

Eu repeti, com medo, as mesmas palavras. Tinha razão para temer. Felismina saíu da janella, e eu ouvi o descer vagaroso da vidraça.

Estava eu, pois, molhado como um frango que saíu de um tanque. A agua encaleirava-se-me pelos canos das botas. Catarata humana, sacudi as jubas, limpei a cara a um lenço que a molhou ainda mais; e, perdida a esperança de tornar a ve'-la, fui para minha casa estripando charcos, e scismando nas imprudentes palavras com que me denunciára.

Tive uma noite de insomnia, e um catarrho cujas consequencias ainda hoje sinto. Tomei apenas alguns xaropes de figos e ameixas. Transpirei suffocado entre seis cobertores; não fiz caso de uma dôr tibio-tarsica, aurora do rheumatismo que hoje me tolhe, (aprendei, mancebos incautos!) e, no dia seguinte, apenas um bello sol mosqueou de betas douradas as costas carunchosas do meu leito de pinho, saltei de cuecas para o sobrado, e meditei, de cocoras, no que devia fazer.

A minha tratadeira (pessoa velha, já mencionada no Livro primeiro, a folhas...) veio encontrar-me n'esta attitude, se não romantica, ao menos desambiciosa.

—Credo!—exclamou ella—o senhor está de menores! isso é feitio? Olha qne preparo!

—Não fuja, tia Poncia—disse-lhe eu, meditativo e funebre como o fidalgo manchego, depois da aventura dos ôdres.—Venha cá, tia Poncia, que eu preciso das suas consolações.

—Valha-o Deus!—tornou ella.—Suou tres camisas, e pranta-se no meio do soalho com o *cadablc* ao ar!

—Diz bem, tia Poncia, isto já não é senão um cadaver, lançado á margem, exposto aos corvos e abutres das paixões carnivoras.

—Que está ahi a *alanzoar* o sr. João? Se eu o percebo, cebo! Ora vá-se vestir, ande-me depressa, que está o café prompto, e toca a comer para arrijar.

—Comer, tia Poncia...! O que é comer, sobre a face da terra, quando a vida vegetal paralysou! O meu alimento é o absyntho das lagrimas. Sou o Ugolino da fome do espirito, o Tantalo, o Prometheu devorado pelo abutre incessante.

—Que bruto está o sr. João ahi a dizer? A apostar que lhe fizeram alguma os brutos cá da Foz! Eu sempre tive zanga a esta gente! Está tudo caro pela hora da morte! O carniceiro manda-lhé a gente pedir carne da cernelha, e o berzabum de não sei que diga manda rabada, e quando Deus quer é cada osso que te parto! A lenha isso então é uma ladroeira que

clama justiça ao céo! Quatro gravatos que não dão para aquecer uma agua é um patacão. Má breca os tolha!

—Accommode se lá, tia Poncia. Eu não falo n'isso. Vocemecê é mulher experiente, e ha de aconselhar-me a respeito de certa cousa... Chegue-me cá aquellas pantalonas e falaremos.

—Ora diga lá... bacoreja-me que temos pataviнice de namoricos. Ora queira Deus que não esteja por ahi alguma como a Vicencia do outro anno que lhe pôz o sal na moleira...

—Ora olhe, tia Poncia... ha uma mulher que não pertence a este mundo.

—Coitadinha! rezemos-lhe por alma! foi por ella que tocaram hontem os sinos a defuntos?

—Não me corte o discurso. Esta mulher vive...

—Ah! sim? inda bem, inda bem!

—E vocemecê a dar-lhe! Ouça e fale quando dever responder. Esta mulher vive n'uma casa aqui perto da Foz; tem comsigo uma creada; não tem homem nenhum: não apparece de dia, só se vê de noite a falar com as estrellas...

—Anjo bento! isso é bruxedo! Cruzes, canhoto! Terá ella fadario.

—Fadario tem vocemecê de toleima, tia Poncia! Vive comigo ha tantos annos, e parece que está cada vez mais tonta!

— Quem? eu! tonta eu, porque lhe digo as verdades, sr. João! eu não lhe disse que a Vicencia era uma trapalhona que lhe dava volta ao miolo!? Diga, sr. Joãosinho, quando vocemecê andava atraz da filha do letrado, com a beiça caída, não lhe disse eu que a rapariga, ás duas por tres, se lhe apparecesse marido com chelpa era como se nunca nos vissemos!? E agora queria que eu lhe dissesse mundos e fundos de uma feiticeira que só apparece de noite a dizer anzonices ao sete-estrello!? Deixa-me benzer, e Deus me tenha da sua mão, e mais a vocemecê que o vi nascer, e desde que anda por cá á sua vontade arranja sempre bruxedo que o tolhe. Sabe que mais, sr. João? Coma e beba e tome os seus banhos, que é ó que veio; o mais leve o diabo, Deus me perdôe, as mulheres, e quando houver de casar arranje filha de lavrador que saiba amanhar a vida, e não olhe para estas fuinhas da cidade que parecem mesmo o peccado!

Tïa Poncia disse muitas outras cousas razoaveis. Exhaurida a torrente, foi buscar o café, e pediu-me que pendurasse no pescoço uma figa de azeviche, e uma conta que fôra tocada no corpo do martyr S. Cypriano—tudo para vencer os sortilegios da bruxa, contra quem a minha pobre Poncia, durante o almoço, proferiu um discurso, intermeado de orações *ad rem*.

V

Fui, nas tres noites immediatas ao pinhal do Pastelleiro, esperei a apparição até ás onze horas, mas nenhuma das janellas se abriu jámais! Pude uma vez, encontrar a caseira: perguntei-lhe se a senhora se retirára, ou estava doente; respondeu-me que a tinha visto na varanda todas as tardes, acrescentando que a porta travessa, por onde eu entrára na quinta, uma tarde, fôra trancada por ordem da sr.ª D. Felismina. Esta providencia apertou-me o coração, e feriu a susceptibilidade do meu amor proprio.

A' quarta noite, demorei-me até depois da uma hora, suppondo que Felismina appareceria mais tarde, certa de não ser importunada no seu colloquio amoroso com as estrellas. Eu queria dizer-lhe que me perdoasse o atrevimento de ter sido indiscreta testemunha dos seus extasis: pedir-lhe-ia que não se privasse d'esse poetico prazer, porque eu não viria alli mais, ainda que essa privação me custasse torturas de saudade. O coração offendido tem d'estas generosidades. E' sempre a fabula das uvas e da raposa... N'essa quarta noite, pois, seria hora e meia, quando tres vultos, vindos do lado de Lordello, pas-

saram defronte da casa de Felismina, e falaram baixo entre si. Abafei a respiração para me não denunciar, e senti o prazer de encontrar as minhas pistolas que machinalmente mettera nas algibeiras. Os vultos eram homens de jaqueta, e chapéo desabado. Um d'elles trazia uma escada de mão, e os outros pareceram-me armados de paus.

Emquanto elles observavam, cosidos com a parede, a segurança das portas. avisinhei-me eu da estrada, e colloquei-me, sem ser sentido, a distancia de um tiro de pistola. Vi pôr a escada a uma columnata do patim, que formava para o caminho uma pequena varanda. Vi um dos tres marinhar lestamente por ella; porém resvalou da aresta do balaustre, e viria abaixo com o homem, se os companheiros a não sustentassem a prumo. Não obstante, este movimento fez rumor, e uma das janellas foi subitamente aberta.

Eu estava em ancias por saber se estes homens eram ladrões. Felismina deu-me a certeza da minha suspeita, e inspirou-me arrojos de bravura. Apenas ella appareceu na janella, e bradou: «Thereza, Thereza. chama o caseiro!» eu saltei de um pulo á estrada, e disparei sobre o grupo uma pistola: O resultado do tiro foi maravilhoso! Os ratoneiros davam saltos de corça por aquella estrada fóra, deixando a escada, e uma fouce encavada n'um páo.

Em casa de Felismina ia grande reboliço. Ouviam-se os grasnidos de Thereza, os latidos dos cães, e os gritos ameaçadores do caseiro. Ella, porém, não saíra da janella, presenceando a fuga dos salteadores.

Radioso de heroismo, fui debaixo da janella de Felismina, a disse-lhe:

—Não se assuste, minha senhora; eram tres miseraveis ladrões que fugiram a um homem só.

A este tempo, abriu-se a porta-de-carro, e o caseiro appareceu em fralda, com um bacamarte engatilhado. Vendo-me, veio direito a mim na melhor disposição de m'o despejar na cabeça, quando Felismina bradou: «Os ladrões já fugiram; foi esse senhor quem os fez fugir.»

O bravo em fralda poz a arma em descanço. A mulher, com o saiote vermelho pelos hombros, reconheceu-me, e disse para a janella: «Este senhor é aquelle que andou outro dia na quinta.» O silencio de Felismina provava que ella não carecia d'esta novidade.

Contei então o que presenceára do pinhal visinho. O caseiro interrompeu-me grosseiramente: perguntando-me o que fazia eu por alli áquella hora. Tartamudeei na resposta. Felismina, porém, atalhou, pedindo-me que não fizesse caso da rustica pergunta do caseiro. O boçal desfez-se em satisfações, e ins-

tou para que eu bebesse uma pinga de aguardente porque estava fria a noite. Não respondi ao offerecimento, que fez rir Felismina; despedi-me com palavras muito delicadas da senhora: soceguei o animo aterrado de Thereza; e fui para minha casa, cheio de gloria, de alegria e de esperanças. A gloria era uma tolice; sou eu o primeiro a confessa'-la; mas as esperanças alegres fundavam-se na opinião elevada que Felismina faria de mim. Não era só defende'-la dos salteadores; era estar defronte da sua janella, ás duas horas da noite, como guarda vigilante da sua tranquillidade, com os olhos fitos na cupula celeste que a cobria, expiando a imprudencia de lhe haver dito algumas palavras apaixonadas. Isto devia impressiona'-la.

Contei, em casa, esta aventura á minha Poncia, que me esperava ainda a pé. Aqui é que foi o benzer-se e tregeitar de mulher sabia em agouros e feitiços. Quiz-me convencer de que tudo aquillo eram artimanhas da bruxa; e saltou-me ao pescoço para vêr se eu tinha a figa de azeviche. Não a encontrando, chamou-me herege, e não me deixou sem eu pendurar o bento guizo no pescoço. Deitando-me, pareceu-me que o ar do quarto estava impregnado de um cheiro acre, que era mais forte na cama. Erguendo o travesseiro, encontrei um molho de arruda, e um alho que tem na Flora popular, um adjectivo desgra-

çado. Eram exorcismos da tia Poncia, que tinha em menos conta o nariz quando se tratava de curar a alma de um possesso de bruxedos. Atirei o deposito de hervanario á rua, e consegui adormecer embalado pelas minhas esperanças.

No dia seguinte, seriam onze horas, estava eu na praia, esperando a maré, quando vi Thereza, procurando alguem entre os grupos. Palpitou-me o coração. Serei eu quem ella procura?... Saí-lhe como por acaso ao encontro, e ella, que mal me vira na quinta, olhando-me perplexa, parecia esperar que eu a conhecesse. Dei-lhe um ar de riso, Thereza fez me signal que a seguisse. Parou na praia dos Inglezes, olhou em redor com desconfiança, e disse-me:

—Aquella senhora manda-lhe agradecer muito o que v... fez esta noite; e pede-lhe que faça o favor de acreditar que a porta travessa da quinta foi fechada porque não havia remedio senão fecha'-la.

Eu fiquei-me a olhar para a velha, pasmado da segunda parte do recado! Thereza, sempre sobresaltada, ia retirar-se sem resposta, quando eu, caminhando com ella, lhe disse:

—A porta da quinta foi fechada para eu lá não entrar?

—Foi, sim, senhor, porque... não lhe posso dizer mais nada. A senhora o que quer é que v... saiba que por vontade d'ella não foi que a porta se

fechou; emfim, ha cousas que se não podem dizer. A sr.ª D. Felismina custou-lhe bastante a mandar fechar a porta; mas se se soubesse... Adeusinho, meu senhor... que tenho medo que me conheçam.

Não esperou resposta.

Fiz mil conjecturas, e nenhuma só que se approximasse da verdade. Desafio o leitor mais esperto, para que anteveja a solução d'este problema.

VI

O segredo picava-me a curiosidade; todavia, o coração era o que menos treguas dava á minha ancia.

Ao escurecer d'esse mesmo dia passei no Pastelleiro. Vi, de relance, Felismina através da vidraça. Levei ainda a mão ao chapéo para corteja'-la; mas ella não esperou a cortezia. Estanciei nas visinhanças d'aquelle sitio, até alta noite; e só depois das onze horas pude vencer a resistencia magnetica que me lá prendia.

Passando outra vez defronte da casa, vi uma janella corrida, e um vulto n'ella. Eu passava tão subtilmente que Felismina só me viu quando eu estava em frente d'ella. O encontro fôra uma surpreza para

mim. Muitas cousas imaginára eu dizer-lhe, encontrando-a; mas esqueceram-me todas. Parecera-me facil e até natural perguntar-lhe a causa de me ser prohibida delicadamente a entrada na quinta; achava do meu dever, depois do recado pela creada, examinar o que fizera eu para merecer semelhante prohibição; porém, chegado o ensejo feliz de saber tudo, pareceu-me atrevimento dirigir-lhe a palavra sem ella m'a consentir.

A perplexidade durou alguns minutos, e Felismina esperava que eu me saisse d'ella de um modo muito contrario. Nada lhe disse, segui o meu caminho, e confesso que me sentia tremer. O coração tem cousas!...

O arrependimento veio logo com a reflexão. Retrocedi por outro caminho, e entrei no pinhal. Estava ainda aberta a janella; mas desoccupada. Esperei muito tempo, animando-me a falar-lhe, quando ella tornasse. Avistei dois vultos e senti despegar-se-me o coração do peito. Não podia distinguir se um d'elles era homem; e receava, approximando-me, causar-lhe desgosto, se por desgraça ao pé d'ella estivesse um amante.

Que desafogo senti eu, quando conheci a voz gosmenta da creada! Escutei e ouvi-as falarem de ladrões. Thereza dizia que se não salvava se estivesse alli muito tempo, e promettia um arratel de cera á

Senhora da Luz, se os ladrões não tornassem a assaltar a casa. Accrescentou ella: «Se não fosse aquelle destemido rapaz, a estas horas estavamos nós feitas em pedaços, sem confissão, nem sacramentos.»

Felismina falava tão baixo, que toda a minha attenção foi baldada. Por fim, disse a creada: « Menina, não esteja muito tempo ao relento da noite. Eu vou-me deitar, que passei em branco a outra noite; se sentir alguma cousa, chame, que eu acordo logo, se Deus quizer, e o meu padre Santo Antonio, que nos tenha da sua benta mão. »

Felismina saiu com a creada, e o quarto illuminou-se de repente. Era a primeira vez que eu via tanta luz áquella hora. Conjecturei que a timida senhora, receando outra assaltada, quizera com a luz obsta'-la. Eu contemplava-a a ella, que atravessava passando por diante da luz, com ligeiros passos. Achava-me resolvido a falar-lhe, fosse qual fosse o exito. Acerquei-me da casa, para encurtar á minha timidez o tempo da reflexão. E' verdade que me não occorria uma só das bellas idéas com que de dia compuzera o meu exordio; porém atido ao improviso do coração, iria esperando que ella com uma só palavra, esperançosa ou desanimadora, me sangrasse a veia da eloquencia.

Effectivamente, apenas Felismina surgiu na janel-

la, estava eu seis passos distante. Diga-se a verdade: formigaram-me umas caimbras nas pernas, e estive vae não vae, a rodar sobre os calcanhares, e fugir antes de ser conhecido. Li, ha pouco tempo, em um romance de Alphonse Karr, uma imagem que pinta exactissimamente a minha situação n'aquelle instante. Um tal *Estevão*, em presença de uma tal *Magdalena*, não podendo vencer o susto do primeiro encontro, *faz um esforço como um homem que fecha os olhos para saltar um fôsso.* E' bem dito isto; não se diz melhor o arrebatado movimento que eu fiz para chegar debaixo da janella onde Felismina, immovel, parecia esperar-me como se tivesse a certeza da minha ida.

—Boas noites, minha senhora —disse eu: era o mais frivolo que podia dizer, depois de uma investida tão vehemente.

—Boas noites —murmurou ella com voz abafada e trémula.

—V. ex.ª conhece-me? — tornei eu, querendo dar á pergunta um tom melodioso, que o meu sobresalto tornava rispido e secco.

—Parece-me que é a pessoa que hontem...

—Sim, minha senhora, sou a pessoa que hontem teve a felicidade de estar perto d'esta casa... quando foi necessario livrar v. ex.ª de um susto....

—Devo-lhe um grande favor — atalhou ella, não

menos agitada que eu—e por isso mesmo é que hoje mandei a minha creada...

—Eu não pude entender a sua creada, minha senhora; e espero que v. ex.ª me diga se eu devo pedir-lhe perdão...

—De que?!

—Da imprudencia que fiz, entrando sem licença na quinta...

—A causa do meu recado não foi a sua imprudencia, foi, e será sempre... a minha desventura... Tenha v. a bondade de espreitar á fechadura do portão, que não vão andar pelo quinteiro os caseiros... Seria uma desgraça, se o vissem ou escutassem...

Espreitei, e não vi nem ouvi signal de gente. Tornando, Felismina acabava de apagar a luz, e estava já na janella.

Mal sabem que prazer me deu o ar de mysterio que ella dava assim á nossa entrevista nocturna! O amor, quanto mais recatado, mais amor. Ama-se mais n'um colloquio, por noites de completa negridão, que á luz das serpentinas dos bailes, e ao clarão de um bico de gaz, que n'estes tempos malditos da poesia, vos dá á cara do namoro do primeiro andar uma côr sulfurea e phantasticamente prosaica.

Não faço agora ácerca do gaz uma dissertação, porque me sinto abalado pela memoria das seguintes

palavras que a mysteriosa mulher me disse, logo que eu voltei de espionar o quinteiro:

—O senhor de certo me não conhece...

- Não, minha senhora: apenas sei o seu nome; todavia, se me deixasse dizer como eu a conheço...

—Queira dizer...

—Conheço-a como se conhece a mulher que se ama ha muitos annos; como se conhece a omnipotencia de Deus sem se conhecer a sua essencia divina; como se confessa a existencia dos anjos, sem nunca se terem mostrado aos homens na sua fórma celestial; como se conhece a possibilidade de encontrar a perfeita ventura, sem nunca a ter experimentado; como se conhece, pela luz que derrama, a existencia do sol, sem poder fita'-lo nas alturas do céo.

Ainda disse muitas outras maneiras de conhecer sem conhecer; porém, não disse todas quantas sabia, e quantas estudára em casa (penso que foi no *Renegado*, de Arlincourt, não estou bem certo), e lhe teria dito se ella me não interrompesse com vehemencia.

—Bem se vê que não me conhece pela maneira que me fala...

—Como?! explique-se por quem é, sr.ª D. Felismina!

—*Felismina*!—disse ella, sorrindo.—Cada vez

me convenço mais de que me não conhece... Sabe que me chamo Felismina, porque lh'o disse a caseira, não é verdade?

—Sim, minha senhora.

—Pois bom é que não saiba mais que o meu nome...

—E não devo esperar outra revelação da sua boa alma? Não sou eu já o depositario de alguns segredos que v. ex.ª confia das estrellas? A mulher que pedia aos anjos o anjo que elles lá teem...

—Não me surpreende...—tornou ella vivamente commovida.—Eu sei que me ouviu; ouvi tambem os seus versos; pareceu-me um sonho tudo o que n'aquella noite aconteceu. Se eu tivesse a certeza de que o homem que cantava era tão infeliz como eu sou, e vertia lagrimas de tão dolorosa saudade como as eu chorava então ..

—Que faria a esse homem?

—Fizera-o meu confidente; dera-lhe o mais que posso dar-lhe: a minha fé... a amizade santa dos infelizes áquelles que se compadecem... Não queira saber quem sou; essa sua esteril curiosidade o mais que póde é trazer-me desgostos novos, e eu mal posso soffrer o peso dos que tenho sobre o meu coração para jámais se alliviarem...

—E o coração não lhe diz que eu serei um homem digno das suas confidencias? e que, em troca, po-

derei fazer-lhe quantos serviços, até com risco da existencia, podem ser feitos a uma pessoa que soffre?

—Nada póde. O circulo de ferro em que a minha vida está apertada, não póde ser quebrado por humanas forças. Podendo eu mover a sua compaixão, dar-lhe-ia grandes penas, por não poder valer-me. O coração diz-me que falo com uma alma nobre e generosa; é o coração que lhe fala com tanta franqueza e simplicidade. Tambem eu estou conversando com v. como se o conhecesse ha muito. Isto parece providencial; mas não vá a minha sina fatal enganar-me.

—Engana'-la...—interrompi eu com exaltado resentimento.

—Enganar-me, sim, não se offenda, que não tem razão para isso. Eu posso julgar muito natural e innocente este curto conhecimento que temos; e d'aqui seguirem-se grandes desgostos, como se elles fossem a expiação de um crime... Deixe-me pedir-lhe um favor, sim?... o senhor promette não voltar aqui?

—Se prometto não voltar aqui?!—respondi eu aturdido da voz segura com que a pergunta me era feita.

—Sim, senhor: é necessario que acabem n'este instante as nossas curtas relações. V. vae convenci-

do de que encontrou uma mulher muito infeliz; eu fico tambem convencida de que encontrei um cavalheiro generoso. Não podemos ser nada um para o outro; e tão grande é a dôr que eu sinto d'esta certeza... que, por compaixão de mim propria, não quero habituar-me á sua voz.

—Só por compaixão de si mesma?—atalhei eu, sinceramente commovido.—Não será antes pena de mim?

—De quê? Se algum de nós ha de soffrer... serei eu, pobre mulher, que não tenho distracções, e de qualquer pequena saudade faço uma grande dôr... tal é o condão da minha desgraçada sensibilidade.

—E não podemos ser nada um para o outro... disse v. ex.ª... Nem sequer *irmãos?*

—Deus sabe que precisão eu tenho de um amigo... quantas vezes eu lhe peço uma alma sensivel, como premio do muito que tenho penado, muda e virtuosa... Desculpe-me esta fraqueza; será temeridade dizer tão afoutamente que a minha virtude é o unico esteio em que me amparo... Creia-me, se puder.

—E porque não hei de eu cre'-la, minha senhora? que fez v. ex.ª para que eu desconfie da sua virtude? Julgo-a infeliz; dera a minha vida para suavisar as penas da sua; presumo que a sua existencia aqui, tão erma da vida que se ama na sua edade, deve ser o

desfecho de um lance muito desventuroso. Pudesse eu entrar no segredo do seu desgosto, sr.ª D. Felismina, e pediria á Providencia os dons que me faltassem para lhe acudir.

—Não póde, não póde...—interrompeu ella soluçando.—O mais que póde é compadecer-se.

—E não é a compaixão um lenitivo?

—É, e nem eu já agora tenho direito a outras consolações; porém, não imagina os resultados tristes que póde dar esta nossa innocente entrevista, se fôr muitas vezes repetida. Creia que sou vigiada, e serei martyrisada se alguma vez se descobrir a sua vinda. Vá comprehendendo o melindre da minha infelicidade...

—E, porventura, já me fiz suspeito aos olhos de alguem?

—Creio que não. A estas horas estaria eu amargamente punida do meu delicto. Creia que sobre o meu seio está suspenso um punhal ameaçador.

—Como?!—interroguei eu, sentindo pela espinha dorsal os calefrios da bravura, e não sei que outros calefrios, metade de Amadis de Gaula, e metade de D. Quixote de la Mancha.—Como?! pois ha, para vergonha da minha especie, um braço de homem que ouse levantar um punhal sobre uma victima tão resignada!

—Fale baixo, senhor... Tenho medo que o escu-

tem... Repare que não haja luz n'uma casa que está ao fundo do quinteirão. Quem sabe se os caseiros estão comprados? Veja, veja.

Eu fui ver, não vi luz, mas ouvi um arruido singular. Eram umas pancadas rispidas e seccas como o embate de duas taboas. Demorei-me na averiguação, e Felismina perguntou-me assustada se via alguma cousa. Vim dizer-lhe o que ouvia, e ella quiz logo fechar a janella, sem estabelecer ao menos uma hypothese ácerca da extraordinaria bulha. Pedi-lhe que suspendesse o seu juizo por instantes, tornei ao posto de observação, e voltei tranquillo por ter descoberto que o estrupido extranho era a simples brincadeira de duas cabras, que se divertiam a marrarem-se reciprocamente ao clarão da lua: recreio sobre modo poetico para duas cabras prosaicas e estupidas, como dizem que ellas são.

A entrevista, leitores pios, demorou-se até ás tres horas da manhã. Banhavam-se as montanhas da frouxa luz do crepusculo, chilravam os passarinhos por aquelles silvedos e restolhos, quando Felismina, a disputar bellezas com a matinal estrella, sympathicamente pallida, e como enlanguescida do beijar incessante das brisas nocturnas, murmurou, em harmonia com o hymno festival dos passarinhos, estas palavras, que eu escrevera aqui em musica, se esta typographia tivesse colcheias e fuzas e sustenidos, e

as outras garatujas tão necessarias a quem imprime romances cuja linguagem é a pura e genuina do coração. Foram estas as suas palavras:

—É dia; e agora peço-lhe eu que se retire. Leve a certeza de que me deixa saudades, e tantas que só poderei consola'-las, vendo-o muitas vezes; mas não posso aceitar esta consolação. Seja meu amigo, sim? não me sacrifique, por quem é. Eu não sou d'aquellas mulheres que lhe querem persuadir que o amam muito, e, comtudo, incapazes de sacrificarem o seu bem estar ao seu amor, pedem-lhe que respeite as suas posições, e não as colloque em desagrado do mundo. Se lhe digo que me não sacrifique, é porque o sacrificio seria inutil, e a pena injusta seria egual á pena de um grande crime. Que lucra v. fazendo-me soffrer maiores afflicções? E' preciso que eu lhe conte a minha vida; sem isso, tudo o que eu lhe digo deve parecer-lhe uma invenção de novella, um ar de mysterio com que muita gente quer armar á admiração. Ha de saber a minha vida, se primeiro me jurar pela sua honra, e pelo bem das pessoas que mais preza, nunca, emquanto eu viva fôr, proferir uma só palavra das que eu lhe confiar. Não sei que sentimento de irmã é este que v. me inspira! Nunca esperei encontrar uma amiga a quem dissesse «aprende a soffrer comigo.» Menos ainda esperei encontrar um homem, quasi extranho, a quem dissesse, sem

reserva, o resumo dos padecimentos de tres annos... A'manhã, depois da meia noite, encontra-me aqui. Se quizer, venha, meu amigo; mas de tarde não passe aqui, porque eu receio toda a gente, menos a minha boa creada, que me viu nascer, e respeita as minhas acções, porque me julga incapaz de as praticar indignas de mim. Adeus.

Ora aqui têem como a cousa se passou, tal e qual.

Entrei no quartel com o coração tumido de romances. Olhei-me de alto a baixo, por uma intuscepção peculiar dos grandes tolos, e vi-me grande, extraordinario e fadado para grandes lances.

Chamado ao santuario dos segredos d'aquella mulher, eu não podia estremar a confiança do amor. De que natureza seriam esses segredos? Que Felismina era victima, isso estava provado. Cumpria-me resuscitar os brios cavalleirosos que o ominoso romance de Miguel Cervantes matára com a zombaria? Cumpria-me offerecer o meu braço, debil instrumento de uma alma forte, á opprimida emparedada do Pastelleiro? Taes interrogações me fiz durante o dia, contemplativo sempre, sempre poeta scismador, não obstante as interrupções da minha Poncia, que, vendo o meu fastio ao jantar, obrigou-me a tomar um chá de fel da terra para limpar o estomago.

Poncia era uma creatura de singular chateza. Falar-lhe n'esse amor vulcanico, que ella trocava em

mal de estomago, era força'-la a esconjuros e benzedellas que me aguavam toda a poesia da expansão. Quando eu lhe disse que havia uma mulher, suffocada sob a pressão de um tyranno, escondendo as lagrimas para não irritar a colera do seu verdugo, Poncia, depois de sorver uma pitada de esturrinho, exclamou:

—Sabe vocemecê o que essa rapariga ha de fazer? que rese uma novena ás almas, e prometta uma romaria á Senhora da Guia, para que a guie bem; e o sr. João deixe-se de palanfrorios; não se metta na vida alheia, e trate do comer bem e tomar os seus banhos em paz, que é o mais acertado.

Dito isto, sentou-se de cocoras, e poz-se a torcer linhas.

VII

Trato de afivelar já uma mordaça á maledicencia. Muita gente cuida que o meu namoro com a mysteriosa senhora do Pastelleiro ha de ser um conto muito bonito, em que eu hei de dizer cousas muito galantes, em que ella ha de fazer tregeitos de pudicicia

até que finalmente acabemos ambos por nos adaptarmos ás fórmulas vulgares de uma rotineira paixão das que morrem no inverno, se nascem no verão ao pé de um pinhal, cuja poesia não resiste ás primeiras nortadas de outubro. Agora tomem fôlego que o periodo é uma especie de machina pneumatica.

Pois saberão que não tive namoro com a sr.ª dona... ia dizer Felismina; mas a mulher chamava-se Leocadia. A razão do pseudonimo virá em seu tempo. Por ora, saiba-se a figura que eu fiz, a figura que ambos fizemos. E o leitor, duro de alma, o leitor-leão que retorce o bigode e enruga a fronte, encarando com visos de tyranno todas as mulheres, suas imaginarias victimas—esse, que a maior parte das vezes é um pobre homem, não leia isto, porque de certo não aprenderá aqui a receita com que se fascinam as mulheres.

Declaro, pois, que não namorei a sr.ª D. Leocadia, moradora no logar do Pastelleiro, suburbios de S. João da Foz, em 1848.

Declaro, outrosim, que nunca lhe disse cousa que duvida faça á virtuosa commemoração de sua memoria, nem consta que as más linguas sujassem a reputação d'esta senhora.

D. Leocadia contou-me a sua vida, e, desde o preambulo de tão triste historia, confesso que senti abalar-se-me a alma de commoções que não eram is-

to vulgarmente chamado amor dos homens. Conheci que não estava no seio d'ella coração que pudesse ser meu. Grande coração ella tinha, mas o amor de que extravasava era o amor espiritual dos anjos, o perfume continuo de uma adoração, que não podia deixar caír n'este chão maldito um só bago de incenso. Depois de ouvi'-la uma hora sem ousar interrompe'-la, comecei a sentir não sei que terror de ter tentado disputar a alma d'aquella mulher a um homem que dormia o somno eterno, cujo espirito, porém, dizia ella, adejava entre nós, quando proferiamos o seu nome.

Eu fui sempre creança n'isto de superstições O ether para mim foi sempre, e ha de se'-lo sempre, um infinito vacuo que os olhos da alma contemplam cheio de espiritos. As almas das pessoas que amei, que estimei, que vi partirem-se d'aqui successivamente, deixando em redor de mim o ermo do desterro, a insulação medonha do extrangeiro em solo de barbaros—essas almas revoam nas florestas, deslisam-se-me nos cabellos que o terror encrespa, gemem aos meus ouvidos como o suspiro do mar dormente... essas almas... perdoem-me a divagação... Eu cuidava agora que estava a escrever no meu album uma de muitas paginas que virão algum dia confirmar posthumamente a minha reputação de grande piegas, ou de grane pateta, legado unico

que preestabelece e assegura a boa paz entre os meus herdeiros.

Vinha eu dizendo, pois, que a vida de Leocadía foi uma triste vida. Vou conta'-la; saibam, porém, que D. Leocadia morreu já. Este preliminar aviso é necessario para muitos effeitos, sendo o mais valioso ter-lhe eu promettido a ella sigillo de confissão durante a sua vida. Então, pensava eu ir primeiro a descançar das minhas fadigas; espera'-la a ella rodeada de anjos, lá, cortando a immensidão do céo, no dia do seu resgate- Enganei-me. Leocadia fugiu na edade em que os olhos descem a procurar na terra os vinculos que no'-la podem fazer querida. Voou d'este baixo repositorio de escorias para a limpida estancia da sua patria; e eu, velho e enfermo, ralado de saudades do coração que consumi, vestida a alma dos andrajos que troquei pelas galas de uma poesia que só eu tive, e toda a gente porfiou em destruir-me, eu, mytho de outras eras, esphinge posta em altar de lama n'um templo de vendilhões torpissimos, eu, finalmente, fiquei por cá, quinze annos depois d'ella, sem poder atinar com a intenção providencial que por aqui me traz entregue aos baldões de um destino, que umas vezes me parece cruel, e outras patusco.

Ahi vae agora o conto:

Leocadia nascera em uma notavel villa de Traz-os-

Montes. Seu pae era official de cavallaria, e senhor de uma casa mediocre. De Bragança passára a Lisboa a commandar um regimento, e levára comsigo sua filha de nove annos já sem mãe. A menina entrou n'um collegio, onde esteve até aos dezenove annos. Saiu para a companhia de seu pae reformado em coronel, e completou a sua educação na convivencia de algumas poucas familias exemplares.

Leocadia, ainda no collegio, maravilhava-se de sentir no peito uma ancia como se não fosse o ar bastante para encher-lhe um vacuo oppressivo. Bem conhecia ella que a sua queixa era um singular ataque dos que o instincto ensina a curar. As mestras, que a viam scismadora a esconder-se entre as murtas e as tilias do jardim, graças á experiencia, entendiam melhor a molestia da discipula do que entenderam a sua dos dezenove annos.

N'esta anciedade vaga, saiu Leocadia do collegio, entrou na roda de pessoas bem procedidas, e viu que os dois sexos se mixturavam nas salas, e conversavam sem desaire, muito a beneplacito da sã moral. Um dos dois sexos causou-lhe uma extranheza em que as faces davam o signal, rosando-se, pintando-se da mimosa purpura que, rara, em nossos dias, reçuma em rosto de dezenove annos, por uma razão que o leitor sabe, e mais eu.

O sexo, porém, que mais a constrangia (sempre a

natureza tem cousas!) era, quer m'o creiam quer não, o sexo que mais gratas scismas lhe dava nas suas contemplações, sósinha.

Havia ahi na sua roda um rapaz, tão acanhado como ella, o que menos palavras lhe dizia, e essas palavras custavam-lhe tanto ao pobre moço, e tão frivolas eram, que se os olhos não dissessem mais que elle, Leocadia julgar-se-ía entre todas a mais indifferente ao timido Vasco — chamava-se elle Vasco, se bem me recordo.

Amou-o ella: é o que não soffre duvida; e elle amou-a, como... deixemo-nos de metaphoras — amou-a como hão de ver que elle o prova depois.

O tal Vasco era pessoa de bem; quero dizer que tinha duas costellas, ou tres, parece me que eram tres as costellas nobres que elle tinha. Não obstante, como as acções do banco eram menos que as costellas nobres, o meu pobre Vasco andava por alli entre aquella gente, e ninguem dava fé se elle entrava ou saía, excepto Leocadia, que o não perdia da vista dos olhos, e da outra vista do coração, de maior alcance ainda, se o coração não é myope ou zarolho, peor mil vezes.

Corações zarolhos, dou-lhes a minha palavra de honra que os conheço até pelo cheiro. Descobriu-se ultimamente a operação do estrabismo para elles. E' infallivel nas mulheres que vieram com esse aleijão

a este mundo. Havemos de falar a este respeito no oitavo volume d'esta edificativa obra.

Bom coração era o de Leocadia, coitadinha! Umas senhoras velhas, dando no segredo dos olhares que os dois se cambiavam com certa finura que o amor ástucioso ensina, as taes velhas solteironas foram dizendo á menina que o rapazinho era bello moço e de boa familia; mas a respeito de haveres não tinha nada. Conclusão de velhas: «deixe-se a menina de gastar o seu tempo mal, porque a mocidade anda a galope, e quando a gente mal se precata, deixou perder a occcasião de arranjar noivo conveniente, e acha-se velha.»

Esta linguagem corruptora, hedionda, asquerosa, doutrina qne prostitue a mulher, que a enfeita para se expôr em leilão torpe, esta linguagem fez córar Leocadia.

Vasco cobrou animo com a familiaridade, e gaguejou o prologo de uma declaração amorosa. Leocadia, que lhe havia adivinhado o segredo aprazivelmente, acceitou-a, córando e sorrindo de modo que nunca foi tão linda como então, nem houve sorriso e pudor que tanto alindassem um rosto innocente.

Reanimado pelo bom acolhimento, o nosso Vasco, pouco e pouco, deu liberdade ao coração; e disse quanto podia; mas quanto sentia, isso não se consegue aos dezoito annos. Escreviam-se todos os dias,

davam-se reciprocamente uma edição diaria do seu amor em duas ou mais folhas de papel, e, depois da vigesima carta, escreviam o prospecto do seu futuro, com a riqueza de imaginação usual de todos os prospectos.

Deviam ser formosissimas as perspectivas do magico amor d'aquellas almas, ambas poetas, innocentes ambas, desferindo na corda virgem do mesmo som o primeiro hymno de saudação á vida, cheia de nova luz, especie de bemaventurança ephemera posta entre o dormir da razão na infancia e o despertar d'esse terrivel dom na adolescencia! Bellas deviam ser essas esperanças, porque o pensamento de ambos era santificarem pelo casamento a sua identificação n'uma só alma, irem ambos n'essa alma unica habitar uma casinha campestre, rodeada de arvores, onde os passarinhos tivessem as suas luas de mel, e os seus ninhos, e os seus filhinhos palpitantes. Queriam ao pé d'essa casinha uma fonte, derivando em fios de prata por sobre a relva as suas aguas, e n'essa relva havia de pastar um cordeirinho branco, malhado de preto, com laço escarlate no pescoço, o qual cordeirinho andaria sempre atraz de Leocadia, e daria cabeçadas no cão de Vasco; que havia de ser um cão do Monte de S. Bernardo, que se enroscaria (o cão) aos pés de sua ama, lambendo-lhe a ponta do sapato de carneira côr de flôr de alecrim.

Que vida, que esperanças tão bonitas! Nas manhãs de estio, quando o pintasilgo, o pisco, a calhandra, o cochicho, e toda a orchestra dos musicos do bosque dessem a alvorada de um bello dia, Vasco e Leocadia, espreguiçando-se ainda de deliciosas insomnias, sairiam para o ar livre, sorveriam abraçados o primeiro halito da atmosphera, perfumado de alecrim e rosmaninho, rever-se-iam em ir á fontinha buscar burrifadores de limpida agua, regariam os canteiros, as balsas, os vasos; e depois, botariam milho ás gallinhas, enxotariam a gata que se encarapitou n'um ramo de romanzeira para agadanhar um passarito que ensaia os primeiros vôos; depois chamariam o cão e o cordeirinho, iriam para ao pé do rumorejar da fonte. Vasco leria os seus poemas italianos, o seu querido Petrarcha, e Leocadia, chorosa pelo tão mal recompensado amor do infeliz poeta, abraçaria o seu tambem fadado das musas, exclamando: «que nos vejam do céo esses desgraçados amantes que não acharam cá em baixo o nosso paraizo».

Isto é bonito, digamos a verdade; e mais ainda se não disse tudo.

Emquanto ao almoço, jantar, e ceia, e merenda nos dias grandes, (cá estou ao vosso alcance, sisudos leitores, que estaveis a adormecer no periodo anterior) emquanto a esses solennissimos actos da

vida ides por força vascolejar nas mandibulas a mais regalada das gargalhadas, que ainda estourou de vossos alegres queixos! Deveis de saber que os pobres amantes projectavam estes grandes melhoramentos na sua vida como por cá se projectam os melhoramentos materiaes do paiz, isto é, não cuidavam da receita, nem do orçamento, nem do *deficit*, nem... eu sei cá como se chamam essas cousas que por ahi dizem os que sabem lá da salvação do paiz! O que eu sei é que este par de creaturas bemaventuradas, comquanto fossem muito anteriores ás importantes applicações do magnetismo, attribuiram ao magnetismo propriedades que os modernos ainda não sonharam, tendo sonhado quanto ha de tolice sub-lunar. Entenderam elles, pois, que o magnetismo era uma substancia nutritiva como vacca e arroz, como *roastbeef* e almondegas, como esparregado e pudim de batata! Que parece esta sandice ao leitor circumspecto, que tem o seu estomago na devida consideração, e crê que isto de poesia e poetas, de idealismo e espiritualismo, são o que realmente são: *indróminas?* Pois é verdade, como lhe vinha contando, amigo, senhor meu, cuidavam elles que o trivial e velhissimo facto de se amarem os separaria d'essa lei commum, lei estupida por isso mesmo que é para todos, praxe, tão velha como o amor, de attender ás justas reclamações d'este ser intimo que faz os gran-

des estadistas, os eximios patriotas, os jornalistas preclaros, e particularmente os homens gordos: quero dizer—o estomago, viscera-rainha, orgão dos orgãos, potencia sempre discutida, sob um pseudonymo qualquer, no discurso do throno, aganipe das locaes mais chorudas do jornalismo, irmão gemeo da soberania do talento, o estomago, oito letras a cujo serviço estão as outras dezeseis, porção, emfim, do homem notavel, que mais se lhe venera, por isso que a chegada de uma summidade a qualquer terra é logo celebrada por tres, quatro, cinco jantares, em que uma concava terrina de sopa e uma pyramide de boi assado substituem os presentes de ouro e pedrarias com que na antiguidade se regalavam os adventicios de longes terras.

Era preciso todo este palavriado para saber-se que Leocadia e Vasco não scismavam com o que haviam de entreter o fogo sagrado d'essa mola por excellencia do machinismo humano. Dar-se-ia por injuriado o coração, se o torpe raciocinio lhes argumentasse *a priori* com as villãs necessidades da materia, cousa de que elles tinham apenas a necessaria para se amarem.

Não pensava, porém, assim, o sr. Gervasio Leité, pae de Leocadia, nem a sr.ª D. Fortunata Proença, madrasta da mesma menina, casada tambem em segundas nupcias com o militar, e mãe de um rapaz

estragado, senhor de uma boa casa no Alem-Tejo de que sua mãe era ùsofructuaria.

D. Fortunata, casando com o coronel, promettera-lhe empregar a sua auctoridade maternal sobre o filho para que elle, ultimada a sua formatura na Universidade, casasse com Leocadia. Este casamento assegurava á enteada, se não um digno esposo, ao menos uma boa casa, e, a todo o tempo, um dote que ella poderia levantar, se os maus costumes do marido fossem incorrigiveis.

VIII

O coronel, informado dos amores da filha por suspeitas da madrasta, resolvéu curar heroicamente a enfermidade moral da menina. Francisco de Proença, que estava a completar a formatura, annuira á proposta da mãe, conhecendo apenas de vista a noiva, e as necessarias dispensas estavam já em poder do coronel.

Leocadia foi chamada ao quarto de seu pae, e recebeu a noticia do seu proximo casamento. Fez-se escarlate, faltou-lhe o ar, e nem sequer poude balbuciar uma supplica a seu pae. Passados os momen-

tos de offegante snrpreza, Leocadia, cobrando animo do ar compassivo do coronel, ousou dizer que já não podia dispôr do seu coração, porque amava outro homem. O militar riu se da infantil pieguice de sua filha, achando que não valia a pena zangar-se por uma creancice sem consequencias. A menina tomou o riso por carinho paternal, e lançou-se de joelhos aos pés do pae, suffocada pelas lagrimas que lhe saíam do coração agradecido e venturoso.

—En ão que é isso?—disse o coronel, tomando-a nos braços, e sentando-a ao pé de si.—Cuidas tu, creança, que eu sou tão creança como tu? Achas que eu deixarei á tua vontade inexperiente a escolha do destino da minha querida filha? Essa é boa! Eu rio-me d'esse amor patetinha que tens ao Vasco da Cunha, tão tolo como tu, e que não sabe melhor do que tu o futuro que vos espera. Olha, Leocadia, não se póde ser pobre n'esta sociedade. A nossa casa é muito pequena, bem o sabes; e Vasco é um filho segundo, sem habilitações para modo de vida algum. Estes fidalgos cuidam que ser fidalgo é uma profissão. Os filhos segundos, se lhes faltam as sopas do primogenito, não servem para nada, não teem em si recursos para subsistirem fidalgamente, e julgar-se-iam réos de leso-brazão se pedissem uma occupação plebêa. Meus irmãos, Leocadia, foram para o Brazil, logo que a razão lhes disse que a pequena casa onde

viviam era minha. Trabalharam como se nascessem no populacho, e estão ricos, riquissimos, e serão mais fidalgos na sua patria, se voltarem, do que o eram quando de cá saíram. Quem saberá melhor o que te convém do que eu, minha filha? Sei em que tempo estamos, e quero deixar-te preparada para um tempo que ha de vir, muito peor do que este. Espero ainda ver em minha vida desapparecer o rendimento da commenda que faz a nossa casa mediana; ido esse, o resto bem sabes o que é. Se casas com esse rapaz, que não tem nada, quem vos sustentará? Eu não poderei, nem, se pudesse, quereria. Para que reconheças quanto me tenho a ti sacrificado, lembra-te que por teu bem casei com esta senhora que te quer como a filha. A condição de casares com Francisco, acceite por ella, explica o meu casamento n'esta edade, em que ainda choro saudades de tua mãe, cuja memoria me não deixou jámais encarar com bons olhos outra mulher. Depois d'isto, dir-me-has se eu não devo esperar que tu espontaneamente acceites a sorte que eu te preparei. Serias má filha se recusasses; e eu seria um pae muito infeliz, se me desobedecesses. Nunca o imaginei; e, tão firme estava na união das nossas vontades, que sem te consultar, pedi as dispensas necessarias para o teu casamento com o meu enteado. Enganar-me-ia eu, Leocadia?

A menina soluçava com os labios collados na mão do pae, cobrindo-lh'a de lagrimas. O coronel apertou-a ao seio com amor, e tinha os olhos aguados. D'aquelle modo Leocadia fazia a seu pae o sacrificio do seu coração, o maior de todos, porque o menor era de certo a vida.

—Não respondes, filha?—dizia o coronel, levantando-lhe a face que ella escondia no seio do pae.

—Já respondi...—balbuciou ella.

—O quê? que respondeste, Leocadia?

—Farei o que fôr da sua vontade, meu pae...

—És a minha Leocadia...—disse elle com apaixonada meiguice.—Reconheço a filha da minha chorada mulher... Agora, falemos nos teus amores com Vasco... Senta-te, menina. Dize-me cá: ha que tempa andam vossês com essa brincadeira?

—Brincadeira... não era brincadeira, meu pae.. Nós amamo-nos muito... ha dois mezes.

—Já ha dois mezes? Está feito! mas eu não tenho dado fé... como se entendiam vossês? falavam ás escondidas, ou...

—Nunca falámos ás escondidas...

—Então, escreviam-se, sim?

—Sim, senhor.

—E as vossas tenções?

—Eram sentar elle praça, e, quando fosse official, pedir-me ao pae.

—Está bom... E porque me não falaste d'esse teu namoro?... Diz, filha, tu guardavas de mim o segredo; é signal de que a tua consciencia não o approvava como digno de contar-se a um pae...

—Foi porque algumas senhoras, que deram fé logo no principio, me disseram que eu não fazia bem em gostar de Vasco porque elle não era rico, e eu só devia gostar de pessoas que tivessem um grande dote. Se não fosse isto, eu seria a primeira a dizer ao pae....

—Está bom, filha. Agora é necessario que tu escrevas, e lhe digas que teu pae deseja falar com elle.

— O pae!?

—Sim, menina. Quero eu falar-lhe, porque, se até aqui o estimava pelas suas qualidades, e por elle ser filho de quem é, mais o estimo hoje por elle ser amigo de minha filha. Ingrato e villão seria eu se lhe quizesse mal porque minha filha o impressionou, inspirando-lhe a resolução de seguir uma carreira até ganhar a subsistencia d'ella. Poucos ou nenhuns paes assim pensam, bem o sei; mas eu, que devo a Deus uma filha docil, não quero esquecer-me de que sou o seu primeiro amigo pelo coração, e o seu primeiro conselheiro pelo dever. Vasco, depois de ouvir-me, ha de transigir com as tuas circumstancias e com as d'elle. Ficará amando-nos a ambos, e ficaremos todos amigos, de modo que jámais elle possa

queixar-se da ingratidão de uma filha grata e submissa a seu pae.

Leocadia beijou-lhe a mão, e retirou-se, obedecendo a um gesto do coronel. O velho militar ficou enxugando uma teimosa lagrima que lhe caíra sobre o bigode, no momento em que a filha, saíndo do quarto, desentalava a dôr oppressiva do seio por um ai.

Na tarde d'esse dia, Vasco recebia um bilhete de Leocadia, assim conciso: «Meu pae quer falar hoje ao amigo de sua filha.—*Leocadia.*»

Que surpreendente, e que mysterioso bilhete! O pobre moço não podia imaginar o meio termo entre a completa ventura, e a absoluta desgraça. Faltava-lhe o animo e o desembaraço para apresentar-se á ventura, diante do pae de Leocadia.

Não ir, porém, seria desobedecer ao homem que respeitava como pae, e ennegrecer aos olhos d'ella a candura das suas intenções.

Foi; e o leitor, se é curioso, póde espreitar comigo a scena que vae passar-se na sala do coronel.

IX

Vasco entrou na sala, encolhido, como se o frio o arrepiasse. Não viu alguem, e parou, ao segundo passo, com as mãos juntas na aba do chapéo, e os

olhos fitos na porta por onde havia de entrar o coronel.

A porta abriu-se, e Vasco estremeceu. O pae de Leocadia, com a mão direita extendida ao hospede, e com a outra indicando-lhe o canapé, entrou, affavelmente encarado, como Vasco o não vira nunca.

—Sente-se aqui, sr. Vasco, e conversemos como dois rapazes, ou como dois homens velhos—disse o coronel, apertando um cigarro, e offerecendo outro ao mancebo.—Já fuma o seu cigarro? A apostar que sim?

—Não, senhor, não fumo.

—Pois admira! Este sujo prazer de soldados e marinheiros começa a ter boa hospedagem nas classes mais limpas da nossa sociedade. Por ahi, a mocidade, apenas deixa o guizo que lhe deu a ama de leite, pega do cigarro, e aprende logo a resfolegar o fumo pelo nariz. E' o tom, dizem elles, desde 1820 para cá. Parece-me que esta geração saída do ovo, e a outra que está no chôco, hão de ser, meu caro senhor, uma cousa assim a modo de nabal espigado. Não sei se me entende: quero dizer que a seiva forte dos nossos paes, em vez de medrar as vergonteas, produzindo flores e fructos, cada cousa em tempo proprio, dará fructos temporãos, bichosos, d'esses que passam sem termo medio do verde ao podre. Não acha?

—Ha de haver, como sempre, o bom e o

mau, penso eu—disse modestamente o moço.

—E pensa bem para a sua edade. Os vicios são de todas as épocas, mas o do cigarro é muito moderno entre nós, ha de confessar!

Vasco sorriu involuntariamente á visagem comica do coronel, de proposito arranjada para se ajustar á solennidade com que sorvia, deliciando-se, um d'aquelles sadios e gordos cigarros da herva santa de 1828, que não era de certo a herva satanica do contracto de 1857, congresso de Borgias, que envenenam a gente, reservando só para elles as esplendidas orgias dos outros...

—Está o meu caro sr. Vasco da Cunha morto por saber—disse Gervasio Leite—o que é que eu lhe quero. Lá vou já. Minha filha Leocadia...

Vasco fez-se vermelho, côr de rosa, amarello, branco de marmore, tudo em menos tempo do que o necessario para articular as cinco syllabas d'esse nome.

—Minha filha Leocadia—proseguiu o militar, accendendo o terceiro cigarro na ponta do segundo—tinha lá um segredo no coração, mas não segredo para o sr. Vasco; era-o só para mim, porque os paes parecem-se ás vezes muito com os maridos em serem os ultimos informados do que lhes toca pela roupa. Este ruim vezo da humanidade é que é muito mais antigo que o cigarro.

O orador riu-se com militar modestia do seu gracejo; Vasco, porém, não tinha recuperado ainda o animo frio para saborear o chiste do equivoco, ou parecera-lhe grosseiro de mais o confronto do segredo santo da filha com o perfido da adultera.

Gervasio Leite, satisfeito com um aceno affirmativo do interlocutor, continuou:

—Disseram-me que minha filha e o sr. Vasco se amavam. Não extranhei a cousa: achei-a mais humana e natural que o contrario d'isso, por duas razões respeitaveis e persuasivas ambas: Leocadia é rapariga, o senhor é rapaz, ambos saídos do collegio, cegos ambos, conduzidos por outro cego, valha a verdade, que dizem ser cego o sr. Cupido, e eu quero que elle seja mais do que cego... emquanto a mim é surdo, porque não ouve razões, é cego porque não vê principios, é mudo porque só tem lingua para falar a linguagem que não está nos diccionarios, nem póde applicar-se a estes objectos da vida real que se vêem, e apalpam, e sentem, como, por exemplo, o vestir, o calçar, o ignobil cortejo da realeza despotica do estomago, e outras miserias adjuntas. Deixe-me cortar a direito, sr. Vasco, e dizer as cousas como eu sei. Isto resabe ao meu genero de estudos: formei-me em mathematica, e affiz-me a estudar a vida como se estuda uma raiz, problemas sobre problemas, e para todos o mesmo X, dinheiro, sempre

dinheiro, com mil diabos!... desculpe-me esta rhetorica de tarimba.

Quando, pois, me disseram que minha filha amava o sr. Vasco, o neto do meu general na guerra peninsular, e o filho do meu camarada no quartel do general Beresford, tive sincera pena de ambos! Não entende, não. E' necessario ter cabellos brancos, e mais brancos ainda os cabellos da alma, para conciliar duas idéas contrarias: ter compaixão de duas pessoas que se julgam felizes unindo-se. Ora, eu me explico, e, quando não entender o meu vocabulario cá de baixo do mundo real, fale.

A minha casa é insignificantissima. Posso dizér que o rendimento d'ella, junto ao meu soldo, difficilmente tem chegado para a educação de Leocadia. Minha filha é pobre.

—Oh, senhor!—interrompeu Vasco agitadamente, e susteve-se.

—Diga, diga o que ia dizer.

—Eu... não perguntei a v. ex.ª o que sua filha tinha.

—Isso está claro. Quem é que se lembra de perguntar o que tem a mulher que se ama? O amor, meu amigo, recordo-me ainda do que elle é. Eu tambem amei uma mulher, casei, e, só depois de tres mezes de casado, é que me levantei uma bella manhã com a idéa de saber o que ella tinha. Soube que

tinha umas leiras que renderiam, em anno de boa colheita, cincoenta mil réis, o maximo. Confessar-lhe-hei que não fiquei contente, por uma razão das mais racionaes que eu conheço. Minha mulher precisava vestir-se para apparecer n'um baile em Lisboa, e a minha gaveta estava ferida da esterilidade de Sara. Desde esse dia, meu caro sr. Vasco, quiz-me parecer que a minha situação de solteiro era melhor que a de casado. Entraram comigo receios de collocar minha mulher n'um posto inferior áquelle em que a encontrára na casa paterna, e as minhas doces chimeras de noivo fugiram como um bando de andorinhas quando as primeiras nortadas lhe embaraçam o vôo. Nunca minha mulher conheceu a tristeza que me descoroçoava por dentro, isso é verdade; mas o que lhe valeu para viver e morrer feliz foi eu ajuntar á delicadeza com que sempre a tratei, algumas dividas que ainda estou pagando hoje.

Morreu minha mulher... attenda agora, sr. Vasco: morreu minha mulher; e eu, com quarenta e cinco annos de edade, ralado por desgostos de todos os generos e feitios, herdava da mãe de minha filha o maior de todos: essa creança sem mãe, filha de um major quasi pobre. Educa' la ainda eu poderia; mas legar-lhe um patrimonio, como é preciso que uma senhora o tenha, para poder escolher um marido, não podia. Um pae, que ambiciona avaramente para

seus filhos o bem-estar que elle não quer para si, é desculpavel, é victima do seu amor de pae. Sacrifiquei-me, sr. Vasco; e sabe como? Sacrifiquei-me como pae nenhum. Casei-me com uma mulher aborrecida, porque essa viuva, mais velha do que eu, tinha um filho, herdeiro de um grande casal, e além de todas as probabilidades favoraveis ao meu pensamento, estipulámos, eu e ella, a condição de que Leocadia seria mulher de meu enteado.

Vasco ergueu-se com sobresalto; encostou-se ao espaldar de uma cadeira, branco de neve, trémulo, que até os cabellos se lhe irriçavam, pasmando os olhos nos olhos do coronel, que se erguera tambem.

—Então, sr. Vasco, isso que é?—disse Gervasio, tomando-lhe affectuosamente a mão.—Sente-se. Eu sou seu amigo; tempo virá em que faça justiça ao pae da mulher que será sempre sua amiga. E' preciso que sejamos tres no sacrificio.

—Qual sacrificio!—balbuciou Vasco.

—E' preciso que o sr. Vasco, bem longe de contrariar os meus planos, seja o meu auxiliar para encaminharmos Leocadia ao destino que lhe tracei, convencendo-se um e outro de que serão infelizes, desobedecendo-me.

Vasco levou o lenço aos olhos. Era o chorar sem pejo dos dezoito annos. Vencendo os soluços, que

forcejava por esconder no lenço, disse com intimativa:

—Eu obedeço, senhor... Creio que poderei obedecer.

X

E, quando o coronel parecia ter muito que lhe dizer, Vasco saíu da sala, e desceu tão precipitadamente as escadas, que não voltou a cabeça para agradecer ao dono da casa a consideração de acompanhá-lo fóra da sala.

No pateo encontrou o afflicto moço o aguadeiro que diariamente lhe levava as cartas de Leocadia. Estava o prestante gallego sentado no barril, examinando os pregos dos sapatos, e calculando talvez os emolumentos que cobrára da sua posição importantemente diplomatica entre dois corações rendidos.

Quando viu Vasco, calçou o collossal sapato, sacou dos abysmos interiores da jaqueta uma carta que entregou ao nosso amigo, atirou com o barril para o hombro, e não esperou resposta.

Vasco rompeu ainda a obreia para lêr a carta, mas susteve-o o receio de ser visto por algum familiar

do coronel. Escondeu-a e desviou-se para um canto do pateo a limpar as lagrimas, que rebentavam cada vez mais copiosas, debaixo da pressão do lenço.

—Que dirá esta carta?—perguntava elle ao seu coração—Será o adeus de Leocadia?...Saberia ella para que o pae me chamou a sua casa?...

Tirou-a ainda outra vez do bolso, resolvido a lê-la, quando entrou no pateo um creado, e em seguida um cavalleiro, esporeando o cavallo, com grande tropel. Era Francisco de Proença, que chegava de Coimbra. Vasco não o vira nunca; mas pelo trajar de jaqueta de guizos, barrete á campina, a bota branca de canhão alto, conheceu o enteado do coronel em que Leocadia lhe falára algumas vezes, porque sua madrasta lhe estava sempre elogiando o talento, e encarecendo o grande morgadio.

Francisco de Proença viu um rapaz de casaca preta arrumado para um lado, e cortejou-o de passagem. O coronel descera quasi até ao pateo para receber nos braços o enteado, e ainda viu sair Vasco. Quiz perguntar ao recem-chegado se encontrára alli sósinho o cavalheiro da casaca preta; porém, lembrou-se de que a pergunta provocaria outras. A este tempo descia com grande alvoroço a mãe de Francisco, com os braços abertos; e o rapaz depois de beijado e abraçado deu o braço á mãe, que estava gorda de mais para enthusiamo tão buliçoso.

D'ahi a pouco lia Vasco, fechado no seu quarto, este bilhete:

«Emquanto falas com meu pae, ecsrevo-te duas linhas. Já sabes que desgraça nos ameaça. Querem separar-nos, meu Vasco. Todas as nossas bellas esperanças não podemos deixar que no'-las matem assim. Respeito a vontade de meu pae; mas o juramento que fiz de amar-te eternamente é superior a tudo. Sou mais tua do que de mim propria meu querido Vasco. Cuidei que poderia morrer sem desgostar meu pae e minha madrasta. não passo porque me lembro que te mato. Vê o que queres que eu faça. Não podemos esperar que o tempo destrua os planos de meu pae e minha madrasta que só hontem me foram ditos. Hoje espera-se de Coimbra o tal homem. Decide, meu amigo. Em ultimo recurso, eu fujo de casa para ti; e depois... o que Deus quizer Não seremos tão infelizes como meu pae diz, não achas, Vasco? Diz-me que não; dá-me animo para lhe desobedecer. Não sei se demorarás pouco tempo com meu pae: vou dizer ao gallego que te espere com esta carta.

«Tua L.»

–

Quando Leocadia (ahi vão reflexões philosophicas) me mostrou, entre outras, esta carta, pasmei como a gente pasma, até certa edade das maravilhas que se fazem no coração das raparigas! Aqui ha trinta annos,

se me dissessem que uma donzellinha, a cheirar ainda ao estorrinho das mestras dos collegios de então, namorada pela primeira vez, pouco ou nada lida em novellas, e menos ainda experimentada nos romances ineditos de portas a dentro, se me dissessem que essa tal, contrariada pelo pae nas suas virginaes affeições escrevera semelhante carta ao namoro eu não acreditaria sem ver a carta reconhecida pelo signal publico e razo de um tabellião de provada moralidade.

Pois não parece incrivel?

Hoje que não ha anomalias para mim, que tudo se me afigura aleijões da alma—porque esta geração veiu realmente estropeada e canhota do espirito—hoje, a menina iniciada no amor embora creada e educada ao ar sereno e puro do collegio, comparo-a eu á rôla creada na gaiola, que nunca esvoaçou nem sabe a serventia das suas azas, está contente do espaço e da abundancia que tem, não sente o captiveiro... e, se, por descuido, deixaes aberta a porta da gaiola, a boa da rolinha mette primeiro a cabeça ao ar livre, sacode as pennas das azas virgens, desfere um vôo rasgado, sobe, sobe, e adeus!

«Era o instincto!» dizia um philosopho pasmado para uma ave que lhe fugira. Pelo instincto é que eu philosopho de toda a passarinhada, explico tambem, a respeito de mulheres, este bater de azas em que

ellas vão do ninho para as altas regiões dos açores e dos milhafres, onde, quando o diabo quer, dão grande banquete ás aves de rapina que são tantas como os nossos peccados, por esses céos de anil, onde os poetas imaginam colonias de amantes felizes.

Isto é hoje, que só me falta conhecer a vigesima quarta variedade que Deus formou de uma costella homogenea!—mas ha vinte e oito annos, quando Leocadia me mostrou a carta escripta a Vasco, olhei-a com ar palerma, e disse-lhe:

—V. exc.ª, quando escreveu esta carta, comprehendia bem toda a extensão da loucura que fazia, entregando-se assim á discrição de outra creança sem casa, sem vida, sem habilitações para o trabalho?

—Então o senhor não sabe o que é uma paixão!...

—É que eu cuidava, minha querida irmã...

Entre parenthesis: Um d'estes dias, um meu amigo, contando-lhe eu seriamente a intimidade limpa e immaculada que contraíra com duas ou tres pessoas ás quaes eu chamava irmãs, disse-me, sorrindo, que tinha dezesete irmãs assim. O meu amigo pertence á geração nova, em que estas fraternidades não teem provado bem, porque, ordinariamente, os parentescos complicam-se de modo que não é facil saber-se quando se é tio, ou outra cousa ainda mais respeitavel. O mundo está virado! No meu tempo amava a gente, por exemplo, uma d'estas almas que

hoje se chamam *não-compreendidas* na terra, ou porque entre ellas e outras de eleição paternal e intervenção ecclesiastica não havia analogia de gostos, ou porque as posições sociaes não permittiam um enlace, ou, finalmente, porque era preciso falar no amor de um terceiro que devia lentamente desalojar-se—em qualquer dos casos essas pessoas inscreviam-se no catalogo dos parentescos honestos, e ficavam irmãos toda a vida. Eu hoje conheço netos das minhas irmãs de então, e glorio-me de ser tio-avô de creanças muito gordinhas, que puxam ás avós as rêpas escassas das tranças de ebano e ouro dos meus bons tempos.

As *irmãs* de hoje...—diz muito bem o meu amigo—arranjam-se ás dezesete; e a maior prova de ser o titulo já ridiculo é que a sociedade não as reputa incestuosas...

As *não-comprcendidas* contam em estylo lamuriante o vasio das suas almas a confidentes denominados *irmãos*, em momentos de expansiva familiaridade. O typo que sonharam, a imagem que as anceia, está fóra do mundo, respira o ar balsamico dos jardins celestiaes, é um anjo. Ora, acontêce quasi sempre uma cousa muito racional: o *irmão* apresenta-se com procuração bastante do *anjo*, com poderes *in-solidum*... Passado algum tempo, esquece-se o constituinte, e fica o procurador escandalosamente encar-

tado no uso-fructo do dominio e acção de uma propriedade, que (aqui entre nós) os anjos não quereriam, nem eu, só pela decima, os cinco por cento, e os mais impostos annexos ao merinàque.

A gravidade d'estas reflexões veiu para prevenir os leitores mal intencionados contra o abuso que por ahi se faz de um parentesco de circumstancia. Irmão, mais que irmão, fui eu de Leocadia. Esse titulo, que ella me deu, conservo-o como um legitimo vinculo, mais que legitimo, talvez santificado pela angustia de ambos... e doer-me-ia que o sorriso parvo ou mau da suspeita correspondesse á melancolica saudade com que vou recordando palavras da minha pobre irmã.

Atem agora o fio partido do dialogo.

—E' que eu cuidava, minha querida irmã,—disse eu—que o amor na sua edade, e com a sua innocencia, ignorava certos desenlaces que elle tem humanos de mais, rasteiramente humanos...

—Que quer dizer?

—Pensava eu que uma menina, na sua posição recatada, não seria capaz de conceber o pensamento da fuga da casa paterna! Vasco propozera-lhe alguma vez esse acto?

—Nunca, e eu mesma tive esta idéa quando me vi presa á vontade de meu pae, e fraca, miseravelmente fraca para resistir-lhe. Se bem me recordo,

estava eu chorando no meu quarto, quando de repente me lembrei da fuga. Não senti aquecer-se-me o rosto de pejo, porque me pareceu natural a acção de fugir á desgraça. O pezar da desobediencia, esse sim, mortificou-me; porém, entre o remorso e a paixão, a lucta decidiu-se pelo amor.

—E a idéa do seu descredito?

—Eu sabia lá então o que era descredito! O meu irmão não sabe o que se passa no coração puro. Terá experimentado muito, mas deixe-me dizer lhe que as suas analyses têem sido feitas sobre corações muito experimentados. Uma mulher receia o descredíto só depois que sabe a maneira como elle se alcança. Eu não sabia nada, meu amigo. Se me dissesem que eu corria risco de ser coberta de infamia por fugir para Vasco, rir-me-ia, ou pasmaria do absurdo. Se me dissessem que Vasco era capaz de abrir-me os olhos para eu vêr o abysmo em que me lançára cegamente, quem m'o dissesse toma'-lo-ía por um demonio mau que zombava da minha ternura, e injuriava o meu Vasco. Uma rapariga innocente guarda tão santas no coração as idéas do bem, que não póde crêr-se victima jámais do homem a quem se entrega com amor, com mil vontades de o fazer feliz, com as veias abertas para lhe dar o seu sangue, contente da sua pureza para o galardoar com ella, anciosa por sacrificar-lhe a vida, e

ficar ainda na obrigação de maiores sacrificios. O meu descredito, diz o senhor! As que falam no seu descredito, se têem de rebater a instancia de sacrificios, essas são as que querem estar bem com a sociedade, conhecem-n'a, fazem parte d'ella, e lançaram já muitas favas pretas contra o credito de algumas infelizes, cujo amor as levou á abnegação de diplomas de virtude, que a sociedade dá ás que sabem embuçar-se no manto da hypocrisia, ou mascarar o escandalo de qualquer modo.

Eu estava de bôca aberta. Gostava tanto de ouvi'-la que não a interrompi. Discorreu meia hora boa n'este assumpto, e disse maravilhas, que eu tive o descôco sandeu de alcunhar de romanticismo. Então não se dizia romanticismo, mas ás mulheres que falavam muito e bem, chamavam-lhes os alvares, paes dos que hoje vegetam, *pispontadas*, ou *prognosticas*.

Não obstante, que sentir tão fino era o d'esta senhora! Que verdades tão axiomaticas a dôr, a desgraça, a reclusão, o entranhar-se em si propria, lhe tinham ensinado! Se esta mulher traspassasse em lagrimas ao papel o livro intimo, que o dedo do infortunio lhe folheára no coração, qual das minhas leitoras não faria d'esse livro o seu director espiritual, n'estes calamitosos tempos em que não basta a alma que Deus lhes deu para luctarem com a materia que as traz abarbadas, e fóra do seu espiritual elemento.

Cá estou outra vez encanhotado pela bruxaria das reflexões philosophicas! Resignem-se christãmente, leitores sensiveis. Não posso ser superior a este bacharellar de homem entendido na sciencia das almas dos outros, porque, lisamente o digo, da minha não entendo nada, e já agora morrerei com esta sphinge cá dentro não sei aonde.

Vinha eu, pois, contando que Vasco lera a carta de Leocadia tantas vezes quantas o leitor quizer, que eu não sei quantas foram, nem elle. É certo que as primeiras leituras fe'-las com os olhos scintillantes de alegria, e as ultimas com uma fonte de lagrimas a cair-lhe no papel.

Quer-se a razão da alegria e a das lagrimas. Pois sim.

Vasco dera-se como perdida a mulher, o amor, a vida da sua alma. Saíra perturbado da entrevista com o coronel. De lá a sua casa lembrou-lhe o suicidio, o meio mais prompto de sacudir a farpa do coração. Convencido de que era irremediavel o perd'e-la, abriu a carta, leu-a, encontrou o remedio, alvoroçou-se, teve febre, delirou de felicidade, creu-se doudo: eis-aqui a alegria, a radiação da alma no semblante, o volver á existencia, o apegar-se á prancha de salvação segura, quando a garganta da morte estava aberta.

Depois, a razão, essa vibora idolatrada, cravou-lhe

de subito o dente mortal no coração; o sangue refluiu-lhe todo alli, á purpura do jubilo succedeu o pallor do desalento, e o chammejar do enthusiasmo apagaram-n'o as lagrimas.

Que lhe disse, pois, a razão, essa divindade tão decantada, essa mestra da vida, essa filha do céo, que caíu de lá á terra pela mesma razão que Lucifer caíu? A razão disse-lhe que Leocadia, entregue á sua providencia, não teria um telhado que a cobrisse, porque em casa de Vasco dominava a razão da virtude que não acceitaria uma filha familia fugitiva, se ella não tinha um patrimonio que absolvesse um filho segundo de tamanha immoralidade. Disse-lhe mais a consoladora razão que Leocadia fugitiva seria perseguida por seu pae, conspurcada pela opinião publica, e fechada na cella de um convento como leprosa de que todas fugiriam receosas de se contaminarem. Foi o que lhe disse a razão do mundo, formada pelo mundo, adaptada ás conveniencias vigentes da sociedade, austera para uns, tolerante para outros, draconiana para os desvalidos, venal para os poderosos.

Vasco ergueu-se do lethargo em que o deixára a briga das duas sensações contrarias.

Tomou a penna e escreveu as seguintes linhas:

«Deus não quer a nossa união, Leocadia. Perdeu-se tudo. Isto é tão atroz que parece impossivel. E' ver-

dade, Leocadia, é verdade que se abríu hoje a minha sepultura. Esperava morrer cedo, mas tão depressa não queria. Vivia de esperanças, e agora é tudo negro diante de mim. Venha a morte, e seja já. Não sei o que te digo. Estou sem alma, nem forças. O que me dizes é impossivel. Eu não tenho um bocado de pão certo para cada dia. Contava com o meu trabalho no futuro; mas agora desfalleci de braço e de animo. Dois desgraçados é muito. Ninguem se compadeceria de nós. Perseguir-nos-iam todos. Casa, Leocadia, casa com esse homem, mas espera alguns dias; eu quero morrer, e hei de morrer antes. Faz-me este beneficio. Deixa-me dizer-te adeus, com a certeza de que me pódes chorar sósinha sem testemunhas, sem um... esposo que te diga: «escrava do meu ouro, porque chôras?» Leocadia, eu previ sempre a desgraça, mas não assim. Isto é muito; e para estas agonias é que a morte saíu das mãos de Deus. O senhor te faça feliz, e a minha memoria te seja sempre saudosa e compassiva.

«*Vasco.*»

Acabára elle de fechar a carta, e sentiu um esvaimento de cabeça. Escondeu a face entre as mãos, porque o voltear dos objectos lhe causava a agonia do vomito. Um frouxo de tosse lhe saíu do peito com dôr aguda e calefrios. Quiz respirar, e espirrou dos

labios uma lufada de sangue que salpicou a carta. Lançou-se com impeto ao ar da janella, e viu na rua o aguadeiro que esperava a resposta. Desceu as escadas encostado ao corrimão, entregou a carta, quiz retroceder, e não poude. Sentou-se n'um degrau, susteve o sangue no lenço, encostou a face á cantaria, e murmurou:

—Se Deus quisesse que fosse já?...

—O que?!—perguntou uma voz perto d'elle.

Era a mãe, que descia para sair.

—O que, meu filho?!—repetiu ella.

—A morte.

A sobresaltada senhora tomou-o nos braços, soltando vozes de afflicção. Vasco pediu-lhe silencio, subiu com a mãe, esforçando-se por occultar o sangue; entraram ambos no quarto d'ella, e, duas horas depois, quem os espreitasse veria o filho abraçado aos joelhos da mãe, exclamando:

—Salvou-me!

Salvou o?! como?!

Esperem.

XI

Saiba-se o que tão extraordinariamente fizera respirar Vasco d'aquelle aperto de alma, que não podia desafogar-se, sem que a mão bemdita de mãe

lhe alargasse as angustias que a comprimiam.

Entraram ambos, como disse, no quarto d'ella. Vasco, antes de responder ás perguntas amoraveis de sua mãe, encostou-lhe, como creança amimada, a cabeça ao hombro, e soluçou, chorando copiosamente.

—Que é isto, meu Vasco?!—instou a impaciente senhora—Bem me parecia a mim que a tua melancolia vaticinava desgraça!... Fala, filho...

N'este momento, Vasco levou o lenço aos labios para esconder o sangue que espirrava da tosse suffocante. A mãe, vendo o lenço tinto de sangue fresco, soltou um grito.

—Este sangue é teu, meu pobre filho?!—exclamou ella.

—Isso que importa, minha mãe?...—disse Vasco, sentindo deminuir a violencia da sua dôr, ao passo que o rosto da mãe dava signaes de afflicção e pasmo.

—Que importa?!...—tornou ella, juntando as lagrimas ao sangue de seu filho, e caindo quasi desanimada n'uma cadeira—importa a minha morte Vasco!...

—Mas eu sou feliz, morrendo. Tenha pena de mim se eu continuar a viver. Deus acceitará na sua presença um filho que nunca desgostou sua mãe, nem aos de fóra causou damno, sabendo que o causava.

—Jesus!—interrompeu a mãe arrependida da sua exaltação—estás-me matando com a serenidade das tuas palavras!—E porque has de tu morrer, meu pobre menino? Cuidas que não tem cura lançar sangue? Tem, meu filho, tem. Teu pae viveu assim trinta annos, e tuas manas que Deus levou, se tomassem os meus conselhos, se não fossem as imprudencias dos bailes, recuperavam a saude... Choras por te veres tão cedo ás portas da morte? Tens razão, meu querido filho; mas não te assustes; verás que o sangue cessa; vamos aos ares do campo; o que tu precisas é descanço. Não leias mais, pelo amor de Deus; não recebas o ar fresco da noite: não tornes a comer fóra de horas, nem andes a passear no teu quarto até ser dia. Promettes isto tudo á tua afflicta mãe?

—Sim, minha senhora, prometto tudo.

—Com que desalento me respondes, Vasco. Esse teu sorriso é muito triste... antes quero vêr-te chorar.

—E eu tambem queria chorar... tambem!..

—Tu escondes-me o teu coração, Vasco. Tive agora um raio de luz.. Dizes-me tudo, filho?

—Tudo... tudo, minha santa amiga, ainda que m'o não pergunte.

—A mim disseram-me que a filha do coronel Gervasio te trazia enganado..

—Por quem é, minha mãe — atalhou elle com as faces instantemente abrazadas—Leocadia é incapaz de me trazer enganado! Quem tal lhe disse, calumniou-a cruelmente...

—Pois antes assim, meu filho: mas sempre é certo que vos amaes?

—Sim... é desgraçadamente certo que nos amavamos.

—Não te afflijas, Vasco... Eu hei de dizer o que ouvi. Disseram-me que ella estava destinada para um filho da madrasta.

—Destinaram-n'a, minha mãe... Que culpa tem a infeliz de que vendessem o seu coração? Ella não sabia que estava vendida. Cuidou que podia amar-me, e por fim...

—Diz, Vasco... prohibiram-n'a de falar-te?

—Vae ser casada, disseram-lh'o hontem...

—E ella acceita?...

—Se acceita!... a morte das mãos de Deus, como eu lh'a peço. Ha de ser entregue ao marido como um corpo sem alma, um cadaver... O coração é meu, morre comigo... Vou bem pago de tudo que soffri e hei-de soffrer... que, já agora, pouco será; mas o que tenho curtido calado, e docil á desgraça, foi muito, minha querida mãe, só Deus sabe o que foi. A minha Leocadia morre... e então verá se ella não era digna d'este amor que me mata.

—Jesus! tanto falar de morte, filho! Falemos da vida; procuremos remedio, que o ha de haver.

—Nenhum.

—Pois nenhum ?! ella já está casada?

—No está; mas o mesmo é estar casada, ou sê'-lo ámanhã ou depois.

—Olha, filho, lembra-me ir falar ao coronel...

—Sou pobre, minha mãe... Poderá v. ex.ª dizer ao coronel que me dá um bom patrimonio?

—Não, infelizmente, não: aqui é tudo de um só, tu bem o sabes... essa dôr cá a tenho como um espinho cravado no coração. O meu melhor filho, o anjo que nunca me deu um pezar, não tem nada, e nada póde haver do amor de sua mãe!... Que barbaras leis, justo céo! O que os homens fazem! De todos os filhos que rodeiam, á hora da morte, o leito de sua mãe, só um é rico, os outros... ficam á mercê do seu proprio trabalho, ou das sopas do irmão, que é sempre o mais ingrato...

Vasco obstou á continuação dos soluços que embargavam estas palavras, com meiguice, tirando-lhe as mãos da face.

—Isso agora a que vem! Não chorê, que me faz mal. Eu não desejo a riqueza de meu irmão mais velho; queria alcançar uma mediania pelo meu trabalho, porque bem pouco me bastava a mim, e a ella, e a minha mãe, se Deus nos ajuntasse todos...

Agora, nada desejo, porque sou demais n'este mundo; houve uma força superior que destruiu a minha felicidade; não acharei outra .. que faço eu agora aqui?!...

—Espera, filho... se eu dissesse ao coronel...

—O que, minha mãe!?

—Que sua filha viria para nossa casa como tua esposa...

—Está a querer tirar á força do seu coração esperanças para me dar... não estando ellas lá, minha mãe! E' irremediavel... Não nos deixemos enganar. porque a realidade negra está perto de nós. É tarde para pensar nos meios de mudar a vontade do pae de Leocadia. O homem rico a quem a deram, já está com ella. Chegou hoje, e ella ainda hontem soube que não era senhora da sua alma. O coronel chamou-me e disse-me: «faça que minha filha me obedeça; ajude-me a encaminha'-la ao destino que lhe dei; lembre-se que eu me sacrifiquei a uma mulher aborrecida, para assegurar a minha filha um futuro, casando-a com o meu enteado.»

—E tu, filho...

—Recebi o raio na cabeça, e saí com o receio de caír morto aos pés do homem que confiava a sorte de sua filha á minha generosidade. Isto parece-me um sonho... Quando eu me convencer completamente

que perdi a minha Leocadia, morro n'esse instante. E que espero eu agora, meu Deus!

A mãe de Vasco, com a barba apoiada na palma da mão direita, contemplava seu filho a olhos enxutos. Calára-se elle; e longo tempo silenciosa, e como em espasmo, ainda ella o contemplava. Por fim, ergue-se, vae com impeto ao pé de Vasco, aperta-lhe a mão com força, e diz:

—Acredita, filho, o que te diz uma mulher que conhece o coração das outras: Leocadia não é digna d'esse amor; Leocadia não te ama.

Vasco ergueu-se de um pulo, vibrou ainda as primeiras syllabas de uma palavra dura, levou a mão á fronte que revia um suor subito, e disse com pausa e brandura:

—Minha mãe, peça perdão a Deus de ter injuriado uma martyr.

E as lagrimas rebentaram ao mesmo tempo dos olhos de ambos. A solennidade triste com que elle se queixára da injusta opinião, feriu o seio da mãe.

—Pois sim, meu filho, eu peço perdão a Deus de ter calumniado a tua amiga; e pedir-lhe-hei tambem que me tire d'este mundo se não posso valer-vos a ambos, meus queridos filhos.

Vasco, arrebatado pela compunção d'estas ultimas palavras, beijou com fervor a mão da lacrimosa senhora, que o tomou para o seio e o beijou na face.

—Nosso Senhor, e a Virgem Santissima—disse ella, quasi ao ouvido de Vasco, como quem acarinha uma creança—hão de dar-te uma esposa que seja o retrato das virtudes de Leocadia, meu filho. São poucos n'este mundo os corações bons; mas a Providencia faz que esses corações se encontrem. Ha de vir um procurar-te, Vasco; e, quando elle vier, teremos ambos prevenido tudo para que tu possas ter uma esposa sem dote. Eu começo desde hoje a pedir para tí um emprego digno do teu nascimento. Empenharei todas as minhas relações, todos os nossos parentes, com a regente, para tu seres bem collocado, sim, meu filho?

—Não, minha senhora; não. V. ex.ª disse-me que iriamos para o campo; vamos quanto antes; parece-me que hei de acabar lá mais tranquillamente. Veja quanto eu estou sendo infeliz! A unica esperança que me afaga, é a idéa de morrer n'um leito d'onde veja arvores, céo, e flores. O tempo agora está bello para acabar assim...

—Oh, filho, que me estás despedaçando o coração..

—Pois não falemos em morrer... Olhe, mãe, diz-me uma cousa?

—Que é, Vasco?

—Porque duvidava ha pouco do amor de Leocadia? Que disse eu, ou que fez ella que désse causa á injusta suspeita de minha mãe?

—Eu respondo, meu filho. Parecia-me que ella recebeu com frieza a noticia de ir ser casada com um homem que não amava. O que tu estás soffrendo é o que ella deveria soffrer, depois d'essa cruel violencia que o pae lhe faz. A paixão costuma mostrar-se de outro modo; delira, é capaz de mil desatinos, emquanto dura a surpreza que Leocadia devia de receber. E que fez ella, meu filho? Que te disse ella, depois que o pae lhe disse: «não podes ser esposa de Vasco, porque Vasco é pobre; se'-lo-has de um outro homem, que eu te destine, sem consultar a tua vontade.» Que fez ella?

—Que fez ella?—respondeu Vasco, desafogando sob o peso das accusações, que a mãe queria alliviar com a entonação branda da voz.—O que fez ella?... Minha mãe... o que faria a senhora nas circumstancias de Leocadia?

—Se amasse com a paixão ardente com que amei teu pae... das duas uma: morreria fulminada logo alli, ou...

—Diga, diga, minha mão, que eu preciso avaliar pelo seu coração o amor de Leocadia.

—Direi, Vasco, direi o que mãe nenhuma deve dizer; mas o que eu faria, não morrendo logo alli, meu filho, era... desobedecer á tyrannia, fugir á violencia de uma desgraça perpetua, seguir o destíno prospero ou desgraçado do homem que me mere-

cesse o sacrificio da minha reputação, da minha vida, de tudo!

A mãe de Vasco teria quarenta e cinco annos. A luz dos trinta irradiou-se-lhe no semblante. Dir-se-ia que o coração, rejuvenescido das forças que a viuvez e os dissabores domesticos alquebraram, revivera alguns minutos, apressando o giro do sangue que lá estivera estanque por falta de estimulos. Vasco. fitava maravilhado a animação d'aquelle rosto, onde nunca vira o viço da adolescencia, porque desde menino, víra n'elle sempre lagrimas.

—Porque a mulher que ama—continuou ella, erguendo intencionalmente os olhos para o retrato de seu marido—porque a mulher que ama como eu amei teu pae, Vasco, faz o que fez tua mãe. Foge do convento onde a aferrolharam, e vae sósinha, através cincoenta leguas, procurar um militar que n'esse tempo apenas cingia uma banda de alferes, e não tinha mais recursos para si e para mim que o seu soldo. Eu era filha unica, devia ser uma rica herdeira; e, comtudo, soffri necessidades durante dez annos. E sabes tu como eu acceitava das mãos de Deus a minha sorte? Cheia de alegria, seguindo teu pae na bagagem do exercito, pela França, pela Russia, com teu irmão mais velho deitado n'um berço de verga. Quando a força da lei me fez succeder na minha legitima, dir-te-hei, filho, que não senti me-

lhorar a minha felicidade intima. Não era o dinheiro que a fazia, não; maior contentamento tinha quando via as feridas de teu pae remuneradas de patente em patente, até ser eu que, por minhas proprias mãos, lhe puz as dragonas de general, tendo elle apenas trinta e nove annos. Alli o tens a ouvir-nos, meu filho. Parece que lhe estou vendo ainda os olhos rasos de lagrimas de felicidade com que elle tantas vezes me contemplava. Repara, filho...

Tremula da commoção, que devia terminar pelo chorar angustioso da saudade, a arrebatada senhora conduziu seu filho pela mão ao pé do retrato.

Tinha melancolica belleza aquelle grupo! Ella, apontando para o retrato, com o braço erguido e convulsivo, dizia:

—Aquelle homem deve estar na presença de Deus. Foi para todo o mundo o que foi para mim. As suas vistas devem estar postas no teu destino, Vasco. Entrega a tua sorte á sua protecção; pede-lhe, comigo, que implore ao Senhor o descanço do teu espirito, e o esquecimento da mulher que não é para ti o que tua mãe foi para elle.

—Não posso fazer semelhante supplica...—interrompeu Vasco.

—Não pódes, filho? porque não pódes?

—Rogar assim era mentir a Deus. Leocadia é para

mim o que minha mãe foi para o homem que a fez desobedecer á vontade de seu pae.

E, tirando do bolso a carta de Leocadia, apresentou-a aberta a sua mãe.

Subiu de novo á face da viuva o ardor que as lagrimas começavam a desmaiar. Leu e releu a carta; dobrou-a vagarosamente; fitou um olhar supplicante no retrato, declinou-o para um crucifixo; permaneceu silenciosa em oração, talvez; entregou a carta a Vasco, e disse-lhe com energia:

—Pois diz-lhe que venha... Vae buscar tua esposa para o quarto de tua mãe, vae, meu filho. É tua mãe que t'o diz.

Vasco, todo tremulo, só immovel nos olhos, extendia os braços para ella, como se precisasse abraça'-la, para convencer-se de que não era phantastica a visão de sua mãe.

N'este momento batem á porta do quarto; a mãe de Vasco recusa abrir, e dizem-lhe que está alli uma carta que deve ser immediatamente entregue ao menino.

E' ella que recebe a carta, e a entrega ao filho: Vasco reconhece o sinete, e diz a sua mãe que a leia.

Continha isto:

«Matas-me, Vasco. Se me não tiras d'aqui esta noite, ámanhã suicido me. E's a causa da minha

morte. Pelas Chagas de Christo, dize-me que me salvas d'este inferno. Responde-me já, já.

Leocadia.»

—Eu vou responder, meu filho—disse a viuva, correndo á escrivaninha. Vasco estava arquejante com a fronte reclinada sobre o travesseiro de sua mãe.

Ella voltou e leu o seguinte bilhete:

«Minha filha. Hoje ás onze horas da noite está uma sege defronte do convento de Sant'Anna, a cincoenta passos da sua porta. N'essa sege espera-a a mãe de Vasco, e sua mãe extremosa

Maria Maldonado.»

Foi então que Vasco se lançou aos pés de sua mãe, exclamando:

—Salvou-me!

XII

Leocadia narrou-me assim o proseguimento da sua historia:

—Quando vi uma lettra desconhecida, em respos-

ta ao bilhete, fiquei passada de medo, e parece que a luz dos olhos se me toldára. Custou-me a ler nome da assignatura, que maior susto me incutiu... «A mãe de Vasco roubou-me a minha carta», foi loga a idéa que me assaltou. Refiz-me de coragem para lêr uma reprehensão .. e que espanto, que alegria a minha ao passo que devorava aquellas palavras queridas! As lagrimas caiam no papel duas a duas. Eu estava louca de prazer. Ajoelhei, agradecendo ao céo a inspiração que mandára á mãe do meu Vasco. A fuga, protegida por uma senhora de tanta virtude, parecia-me um passo digno de louvor. Congratulei-me até da minha idéa, e suppuz que o espirito de minha mãe, a quem eu pedira remedio, m'a tivesse suggerido da sua bemaventurança.

Eu não podia esconder o meu contentamento. Meu pae, que me deixára a chorar, voltando, reparou na repentina mudança, porque os meus olhos inquietos e ardentes seguiam a bella imagem da vida, que voejava diante de mim, chamando-me para um futuro que os meus labios abençoavam com um sorriso.

Minha madrasta, agourando o que mais lhe convinha d'esta alegria, pensava que duas ou tres palavras que seu filho me dirigira, ao jantar, operaram extranha mudança em mim.

Francisco de Proença, enganado por sua mãe, e

mais ainda pelo seu orgulho, julgou que o milagre da mudança se devia a essas palavras aborrecidas que me dera. Como quizesse convencer-se e convencer sua mãe e convencer-me a mim do poder fascinante da sua lingua, falou muito; penso que contou muitas anecdotas de estudantes de Coimbra, e com tal affectação o fazia que me causava tedio, posto que eu, apenas por cortezia, simulava escuta'-lo. Eu estava de alma e coração embebecida na minha fuga e não tirava os olhos da assustada agulha do relogio

Meu pae disse algumas vozes baixas a minha madrasta, e entre estas ouvi proferir a palavra «theatro». Foi uma nuvem negra que escureceu toda a alegria da minha alma. Notou-se em mim a repentina transformação ; e Francisco de Proença, que estava conversando comigo, perguntou-me se me sentia incommodada, chamando a attenção de meu pae. Expliquei o descóramento por uma vertigem costumada, e pedi licença para entrar no meu quarto.

Ahi, de onde pouco antes saíra douda de jubilo, entrei afflictissima. A ida ao theatro vinha baldar os nossos planos. Estava a anoitecer e não tinha por quem avisar Vasco. Os creados de casa tinham a confiança de meu pae, e as creadas a da minha madrasta. Entre estas, porém, havia uma que se mostrava minha amiga. Foi essa a que mandaram para ao pé de mim, logo que minha madrasta me deixou

deitada n'um canapé, recommendando-me, logo que o incommodo passasse, me fosse vestindo para irmos a S. Carlos. A minha angustia não me deixou reflectir. Eu disse á creada que estava muito attribulada, e só ella podia valer-me. Pedia-lhe que chegasse ella n'um instante a levar-me um escripto a D. Maria Maldonado, sem que ninguem de casa o soubesse. A creada respondeu-me que sim sem hesitação, e viu-me tirar de entre os colchões uma escrevaninha. Escrevi algumas linhas apressadas, e ella saíu, dando-me um beijo de judas, quando eu, lavada em lagrimas de gratidão, lhe dava um abraço de infeliz soccorrida em extremos de afflicção.

Principiei a vestir-me, applicando o ouvido aos passos da creada, que esperava anciosamente. Passou-se uma hora, e ella sem chegar. Saí do meu quarto, perguntei a outra creada por ella: disse-me que estava na cama com uma dor de cabeça.

N'isto appareceu meu pae, e disse-me com ar mais grave que o seu costume:

—Menina, vamos que está sua madrasta já na sege.

Eu pretextei uma falta para entrar no meu quarto. O que eu queria era de fugida perguntar á creada se entregára o bilhete; meu pae, porém, acompanhou-me até ao meu quarto, viu-me pegar de um lenço, e não me deixou sósinha um instante até me deixar na sege, onde depois entrou Francisco de Proença.

Meu pae disse que iria a pé, e só mais tarde, porque tinha de fazer uma inspecção ao quartel.

Que anciedade a minha até entrar no camarote! De lá procurei na platéa Vasco. Se elle estivesse ficava eu tranquilla: era signal de ter recebido o meu bilhete. Não estava, nem entrou jámais! Jesus! como me era custoso esconder as lagrimas e o alvoroço! Que horas de inferno aquellas! Logo que entrou em minha alma a suspeita de ter sido atraiçoada, tive a tentação de saír do camarote sob qualquer pretexto, e fugir.

Meu pae entrou ás onze horas e meia. Estava a findar o espectaculo. Procurei ver-lhe a alma nos olhos. Pareceu-me socegado e sem reserva.

Fomos para casa. Vi a pé todas as creadas, menos a portadora do bilhete. Reviveram as minhas suspeitas. Entendi que a infame não tinha animo de confrontar-se comigo, depois da traição.

Procurei entre os colchões a escrevaninha. Lá estava tudo como eu o deixára, e ao pé os massos das cartas de Vasco. Não me deitei. Estive toda a noite accumulando conjecturas, qual d'ellas mais desgraçada. Cheguei a abrir subtilmente a porta do meu quarto, para ir á cama da creada. Fui palpando ao longo de um corredor, mas a porta que determinava este corredor, e nunca se fechára, encontrei-a fechada! Então, sim, compreendi que meu pae soubera

tudo; e de ahi em diante estudei a maneira de fugir de dia. A ancia facilitava-me o passo. Resolvi saír disfarçada com um capote de creada, até encontrar um rapaz que me ensinasse as ruas. N'esta esperança desafogou o meu coração. Esperei o dia; e logo que senti passos, pedi que me abrissem a porta do corredor. Respondeu-me um creado que ia procurar a chave; e voltou, dizendo que a devia ter o sr. coronel porque ninguem dava noticia d'ella.

Senti-me capaz de tudo. Tive odio a meu pae n'esse momento, odio foi esse que o tempo não conseguiu desvanecer em minha alma. E' que desde esse dia tenho chorado sempre, e o meu odio nutre-se de lagrimas... Senti até o desejo de matar a creada, que me atraiçoára. Desconhecia-me! Vi-me casualmente a um espelho, e os meus olhos tinham um fulgor sinistro, os meus labios pareciam crestados pelas palavras de maldição que passaram n'elles contra o meu tyranno.

Abri a janella do meu quarto, com a intenção de fugir por ella. Morreria, se o tentasse. Recuei diante da idéa da morte sem justificação aos olhos de Vasco e de sua mãe, que me chamára *sua filha querida*. Lancei-me aos pés da Virgem, que fôra de minha mãe, e ergui-me sem esperança, sem o allivio que Deus concede aos que supplicam a sua misericordia.

Eram nove horas da manhã quando se abriu a porta, e entrou meu pae.

—Leocadia,—disse elle—vem ahi o almoço. Depois de almoçar, veste-te que vamos passar o dia a uma quinta de Campolide.

—Meu pae!...—murmurei eu.

—Que queres tu, Leocadia?—disse elle com um ar de fria seriedade, que me gelou as palavras, e saíu.

Vesti-me, fazendo saír o taboleiro do almoço. Minha madrasta entrou no meu quarto, com affectado sobresalto, perguntando-me porque não almoçava. Disse que não podia, e ella retirou-se, passando-me a mão pela face, e dizendo com abominavel meiguice: «juizinho, minha filha, juizinho.»

Indignou-me este carinho hypocrita como um insulto. Perguntei-lhe com altivez o que queria dizer a sua recommendação, e ella, carregando o sobrolho, replicou:

—A culpa tem quem a quer fazer feliz, sua pobre soberba.

A raiva não me deixou articular senão sons inintelligiveis. Minha madrasta saíra com impeto, resmungando palavras, que eu não entendi.

Vieram dizer-me que esperava a sege. Saí do meu quarto com a intenção de procurar de relance a creada; mas, ao cabo do corredor, estava meu pae, lançando-me um olhar severo.

Entrei n'uma sege com minha madrasta. Meu pae entrou n'outra com Proença.

Atravessámos Lisboa sem trocarmos uma palavra.

Apeámos no portão de uma quinta. Proença offereceu-me o braço, e perguntou-me que soffrimento era o meu que se denunciava no rubor dos olhos. Eu ia responder-lhe com franqueza cruel, contando-lhe a minha vida em relação a elle, quando meu pae nos impoz silencio com a sua presença.

Passeámos uma hora entre os arvoredos da quinta. Ahi não lhe sei dizer que desesperada saudade me golpeava a pedaços o coração! No ruido da folhagem parecia-me ouvir o chorar gemente do meu Vasco. O falar de Proença, e as risadas estupidas de minha madrasta, davam aos meus ouvidos o som infernal de uma ironia de demonios á minha angustia.

Queria-me esconder sósinha por aquellas murtas; mas a comitiva amaldiçoada seguia-me constantemente, e as attenções delicadas de Proença provocavam-me sempre uma visagem de desdem.

Com elle só quizera eu estar para dizer-lhe que o aborrecia; porém, não nos deixavam juntos, porque meu pae receava isso mesmo.

Estive um instante sósinha á beira de um tanque. Meu pae veiu ahi encontrar-me a chorar. Sentou-se ao meu lado, e disse-me affavelmente, tomando-me a mão:

—Leocadia, conspiraste contra teu pae. Cuspiste com feia ingratidão na face do amigo que tudo te sacrificou, e até a sua liberdade vendeu a preço do teu bem-estar. Antes de hontem, falei-te como amigo, esquecendo que era pae. Cuidei que tocára o teu coracão, e abençoei o céo por me ter dado um anjo de amor onde eu poderia ter encontrado uma filha rebelde. A tua docilidade encheu-me de orgulho e alegria, orgulho por ter tal filha, e alegria por ver tão galardoados os meus sacrificios. Deixaste o meu espirito em paz com as suas tenções. Vi que se realisava o bello futuro que eu planizára para ti, e tamanha confiança puz na tua razão, que eu iria jurar que ninguem teve uma filha mais virtuosa. Enganaste-me, Leocadia, ou eu me enganei com o teu silencio. A vibora, que eu creára no seio, e acabava de afagar, mordeu-me cruelmente, feriu-me talvez de morte. Emquanto eu velava a tua felicidade, tramavas tu a minha deshonra e a tua... Não me interrompas... é teu pae que fala e te impõe silencio, Leocadia. Premeditavas a tua fugida; trocavas teu pae, que conheces ha dezoito annos, pelo homem que viste hontem; trocavas a tua invejada reputação pela fama que segue a mulher que deixa no limiar da casa paterna abandonada os diplomas la sua virtude. Estás já deshonrada por intenção, filha; mas eu, desgraçado pae, serei ainda a taboa de salvação

para ti. Fiz a accusação. Agora vou condemnar-te: estás perdoada; beija a mão do teu juiz, porque a justiça de um pae tem em si o reflexo da misericordia de Deus.

Estas palavras tinham-me sob o peso de uma fascinação dolorosissima. Levei machinalmente aos labios a mão que se me offerecia, e banhei-a de lagrimas. E eu não podia falar, suffocada por soluços. Fazia-me compaixão o olhar aguado de meu pae; porém... não saberei dizer que terrivel qualidade de sentimentos luctavam em minha alma!... Entre a cabeça e o coração havia uma barreira insuperavel. O coração rejeitava o amoroso perdão de um pae despotico. A cabeça curvava-se diante da magestade das suas cãs, e mais ainda dos seus queixumes. Quando, porém, n'esse instante, não senti extinguir-se o odio que me abrazára na manhã d'esse dia, é porque elle seria eterno, é porque o meu amor a Vasco era immenso, superior ao instincto filial, aos vinculos de sangue, e á minha propria reputação.

Não respondi. Cruzei as mãos na face, e não sei que tempo meu pae esperou a resposta. Elle tinha saído de ao pé de mim, e voltou com um ramo de flores.

—Aqui tens, minha filha,—disse elle—o ramo de paz entre nós. Ha de haver dez annos que te dei um ramo n'este mesmo sitio. Foi quando vieste da pro-

vincia para entrares no collegio. Olha esse olmo que está atraz de ti e lá verás uma inicial e uma data. Já então scismei aqui muito no teu futuro. Prometti a mim mesmo trazer-te aqui, já senhora, para te mostrar essa data, que marca uma hora das horas attribuladas que só um pae, extremoso e pobre, sabe compreender. Mal diria eu então que a minha segunda visita a este logar seria solennisada pelas lagrimas de ambos nós! Repara que eu tambem choro, Leocadia.

Ergui os olhos timidos para meu pae, e não pude conter-me. O resentimento calou-se um instante... só o via a elle, só sentia por elle... a imagem de Vasco fugira por não poder vencer as cãs de um velho soldado chorando...

. . . .

N'este momento, Leocadia suspendeu-se. A sua physionomia macilenta e descarnada pendeu para o seio. Uma lagrima das que vem ferventes do coração desceu na aridez da face, e sumiu-se logo como fio de agua em terreno afogueado.

E eu, que nem hoje ainda posso, com animo frio, contar uma vida que me hão de receber como chimera, chorava tambem.

XIII

O coronel, com palavras meigas, animára a filha a perguntar-lhe se a violentava a casar com Francisco de Proença.

A isto respondeu o pae, mudando de tom:

—Eu, até aqui, empreguei todos os esforços da razão para convencer-te de que a docilidade ao querer de um pae, que deseja dar-te um futuro certo, não é violencia, é juizo. Ora, se tu, minha filha, queres mudar o nome ás cousas, a obrigação de um pae é ouvir a sua vontade experiente, e cerrar severamente os ouvidos ao querer irreflectido de uma creança. Se ha um Deus, que julgue as tolerancias de um pae com os caprichos de uma filha, grandes contas eu daria, Leocadia, consentindo-te o alvedrio da escolha entre Vasco da Cunha e Francisco de Proença. Não quero o remorso de tamanha culpa, porque te amo muito, e muito prézo a minha dignidade, e a minha palavra. Proença sabe que é teu noivo. Fui eu que lh'o disse, e basta.

Sou honrado, minha filha; e, como não tenho outra herança a legar-te, faço quanto posso por te dei-

xar em posição de a receberes, e guardares, como eu a recebi e guardei. Á mulher pobre é mais difficultoso manter-se no decoro. Os appellidos de teu pae nada valerão, se os não fizeres resplandecer n'esse invejado posto de honra, que se esteia nos bens da fortuna.

A virtude pobre é uma virtude obscura, que, n'estes tempos de egoismo e pompa, se a não soffreia a redea da religião, troca de bom grado os seus fóros de honra ignorada pela ostentação brilhante do vicio. O que eu tenho querido é rodear-te dos bens passageiros e miseraveis que o vulgo venera para que as tuas virtudes dêem assim nos olhos das pessoas que não são vulgo. Eu não sou d'aquelles paes, que aconselham a desobedíencia aos filhos alheios, e lhes dão um logar na sua sege, cuidando que assim os poupam á deshonra e ao crime... Maria Maldonado...

Leocadia estremeceu, erguendo piedosamente os olhos para o coronel. N'esse olhar, disse ella que implorára o respeito de seu pae ao amor d'aquella mãe.

—Maria Maldonado—proseguiu elle, entendendo o olhar da filha — parece que renegou da virtude que foi até hontem a conselheira de todas as suas acções. Praticou um feito que a desabona, embora seu filho, por ser creança, tenha ido chorar no seio

d'ella, como menino amuado pelas travessuras dos irmãos.

Leocadia, suffocada pelos soluços, apiedou o pae, que não teve animo de continuar. Dando-lhe o braço, passeou com ella, e as poucas palavras que lhe disse eram brandamente conciliadoras. Levou-a para longe da madrasta, cuja approximação a fizera empallidecer. Pediu-lhe que se esforçasse por não denunciar a scena violenta que se dera entre elles. Leocadia fez quanto podem humanas forças. Mentiu ás averiguações de Proença com um sorriso, que tanto podia ser timidez, como ironia. Gervasio foi prodigo de carinhos a sua filha durante aquelle dia, e lançava um olhar de revés a sua mulher, quando esta, ferida de reflexo no amor proprio de seu filho, notava a frieza com que Leocadia lhe acolhia os ditos arguciosos.

Agora me ensina tu, ó musa, o que o coronel Gervasio disse a Maria Maldonado.

Ás dez horas e meia entrou D. Maria na sua sege, e disse a seu filho, teimoso em acompanha'-la de longe, que a não seguisse.

Juntamente com ella entrou o capellão da casa, padre velho, que resmungára longo tempo contra a crueza de o não deixarem deitar ás nove horas, por causa de uma expedição em que elle não fôra consultado.

Eram tresentos passos da casa de Vasco á do coro-

nel. D. Maria fez parar a sege defronte do mosteiro de Santa Anna e foi com o padre collocar-se poucos passos distante da casa de Leocadia.

Esperaram um quarto de hora, sem ouvirem rumor nas portas da casa. Precisamente ao soarem onze horas, um vulto se avisinhou de D. Maria, e ousou metter-lhe a cara, que ella procurava esconder nas costas do padre atrapalhado.

—Não se esconda, snr.ª Dona...— disse o coronel— Não pronunciarei o seu nome, minha senhora, porque ouço sempre com reverencia pronunciar o nome de seu defunto marido, e não quero que possa alguem saber que a mulher do meu general está parada n'uma rua de Lisboa, ás onze horas da noite.

D. Maria estava em tremuras, como se a surprendessem n'um crime. As palavras do coronel tinham só o tom urbano a neutralisar-lhes o agro da ironia, e o virulento da reprehensão. O padre estava naturalmente de bôca aberta, como quem diz «eu não dei para isto prégo nem estopa». Não lhe occorria idéa alguma á attribulada senhora, quando o coronel, offerecendo-lhe o braço, disse:

—Não a convido a entrar em minha casa, snr.ª D. Maria, porque em minha casa não está senhora alguma. Se v. exc.ª, porém, me permitte acompanha'-la á sua ou seguir a sua sege, receberei a honra de lhe dizer duas palavras.

—Aceito o offerecimento...—disse D. Maria, reanimada pela confiança que pôz no dom persuasivo das suas palavras sobre a vontade pertinaz do coronel:

Na sege não cabiam tres pessoas. O coronel disse que iria a pé. O padre parecia, por seu silencio, consentir em ir como viera; D. Maria, porém, disse ao padre que cedesse o seu logar.

O capellão sorveu uma pitadá de simonte, puxou para as orelhas a gola do seu capote de castorina parda, e lá foi de seu vagar, ruminando philosophicamente aquella diabrura.

Poucas palavras deram um ao outro, na sege. Quando esta parou, ouviram-se passos velozes, saltando as escadas. O coronel apeára-se para dar a mão a D. Maria. Vasco surgia no limiar do portão justamente no instante que sua mãe entrava pelo braço do coronel.

O nosso amigo recuou estupefacto, e soltou uma interjeição de espanto, que tanto podia ser *ah*! como *oh*! como *ui*!

Gervasio levou a mão ao boné, e disse risonho:

—Boas noites, snr. Vasco... Acha-me, talvez, muito barbado para noiva?!

D. Maria apertou-lhe o braço, murmurando:

—Não zombe do infortunio, snr. Gervasio... Eu tenho direito a esperar a continuação da sua delicadeza...

—É um direito de que a não privarei, minha senhora. Serei delicado com o filho, como o fui com a mãe... Por isso mesmo, rogo a v. exc.ª que mande seu filho assistir ás duas palavras que devo dizer-lhe.

—Vem, filho...—murmurou D. Maria, ao mesmo tempo que o coronel extendia affectuosamente a mão a Vasco, bastante pundonoroso para rejeita'-la.

—Recusa?!—disse o pae de Leocadia, franzindo a testa com sobranceria militar.

—Então, Vasco?!—acudiu D. Maria, movendo o filho a curvar-se com humildade diante do coronel.

—Quer que subamos, sr.ª D. Maria, ou mesmo aqui me escuta?—disse Gervasio com mal disfarçado azedume.

—Não, senhor, subamos. Vens comnosco, Vasco?

—Se minha mãe ordena...

—Ordeno, sim.

Já na sala de espera, o coronel, dispensando entrar na immediata, falou assim:

—Eu disse com cordeal sinceridade ao sr. Vasco, em minha casa, que minha filha, pelo facto de ser minha filha, não podia ser sua mulher. Não lh'o disse com esta rudeza, porque o sentimento que seu filho dedica a Leocadia é respeitavel, emquanto está dentro dos limites que a honra prescreve a cavalheiros que se abonam de appellidos, synonimos da honra e da probidade.

O sr. Vasco saiu de minha casa promettendo-me não desmerecer da opinião em que o tive. Maravilhou-me a coragem da virtude em annos tão verdes! Pareceu-me ver n'este pequeno corpo a grande alma do bravo que lhe deu o nascimento.

Pesa-me dizer que me enganei, e o sr. Vasco deve esconder a face envergonhada diante de mim, e cortar essa mão que ainda agora hesitou apertar a minha, que lhe offereci com demasiada generosidade, ou pouco brio. Se o pundonor devesse aconselhar a algum de nós o desprezo, o desprezivel de certo não seria eu, porque o enganado, o atraiçoado não é v. ex.ª, sr. Vasco da Cunha.

Adiante: e não se estorça, escutando-me, sr.ª D. Maria: eu estou de certo contando a v. ex. uma novidade.

—Duvido que meu filho...—interrompeu a pobre mãe.

—Duvida que seu filho?...

—Promettesse a v. ex.ª renunciar ao amor de sua filha...

—Eu não disse tal. Quiz dizer que o filho de v. ex.ª me prometteu desviar as suas attenções de minha filha, de modo que ella não conspirasse contra a minha vontade. Sr. Vasco, isto é exacto?

Vasco não respondeu: lançou a sua mãe um olhar de tortura intima, um olhar que pedia um pretexto

para elle saír d'alli. O que se passava no coração do infeliz moço não sei conta'-lo. Inferno?... inferno, sim, que nenhuma religião inventou ainda, devia de ser!

Se o examinassem de perto, ver-lhe-iam coberta a fronte de um glacial suor. Todo elle tremia como sacudido pelos embates que o coração lhe dava no peito. Uma só idéa, synthese horrivel de todas, o predominava então: o desejo de morrer logo alli.

A infeliz mãe compreendeu tudo, viu tudo, sentiu tudo!

Pediu licença ao coronel, ergueu-se, tomou a mão do filho, e disse-lhe:

—Vae para o teu quarto, Vasco. Eu não me demoro aqui... lá vou ter já.

Vasco saíu, curvando ligeiramente a cabeça, quando passava diante do coronel.

—Pobre creança!...—disse comsigo o pae de Leocadia; e n'estas palavras dissera tudo o que nós poderiamos dizer e sentir em largos commentarios.

Pobre creança, sim, que não soube erguer a fronte, embora marcada com o stygma da deslealdade, e dizer ao seu accusador e juiz: «mentes». Pobre creança, que não saíu d'alli a procurar duas testemunhas, que no dia seguinte, o vissem morrer ás mãos do coronel, ou cravar um florete no seio onde se embalára Leocadia! Pobre creança, que succum-

biu como succumbe a honra ferida pelo remorso, á repreensão do tyranno que lhe vem diante de sua mãe, lançar em rosto a ignominia da perfidia!

Ausente Vasco, D. Maria, voltando-se com senhoril altivez para o coronel, disse:

—Pouco mais terá que me dizer, creio eu.

—Pouco mais, minha senhora; mas esse pouco é importante.

—Se é uma censura ao meu procedimento, digne-se omitti'-la, porque sou eu a propria que me censuro.

—Então, sr.ª D. Maria, disse tudo. Faltava-me perguntar-lhe se posso viver em paz com a minha familia. Visto, porém, que v. ex.ª se repreende pela parte inconveniente que tomou nos amores do sr. Vasco, posso retirar-me com a certeza de que fica suspensa a sua correspondencia com a minha filha.

—A minha?—interrompeu ella.

—A de v. ex.ª, queria eu dizer.

—E eu digo a v. ex.ª—replicou D. Maria sensivelmente agastada—que sou mulher, e não posso dar ás suas ironias uma resposta condigna.

O coronel soltou um frouxo de riso, cuja intenção é difficil entender. Era um d'estes risos *subjectivos*, (concedam o epitheto) cuja imagem está dentro da pessoa que ri.

D. Maria, enraivecida pela desconsideração, inter-

rogava-o com um olhar soberbo. O coronel, erguendo do pavimento a espada, e sobraçando-a, inclinou profundamente a cabeça, recuou até á porta, e disse:

—Muito boas noites, minha senhora.

Ora aqui está o que se passou, até que o coronel entrou na camarote.

XIV

Quinze dias depois ha um convite para casa do coronel: janta-se, e dança-se; festeja-se o casamento da sympathica Leocadia com o morgado de Sinfães, Francisco de Proença.

Alto lá, senhor romancista! Não se escreve assim um romance. Você assim desacredita-se, e ámanhã não tem quem o leia. Quando a gente cuida que está no melhor do romance, o bom do homem, mette-se em duas semanas n'um carril a vapor, e ei'-lo ahi vae levado com a historia no sacco de noite, de maneira que uma pessoa que lhe faz o favor de o ler, pedindo o livro emprestado, fica sem saber o que fez Leocadia, o que fez Vasco, o que fez a mãe, a madrasta, o noivo, o que fizeram todos, durante quinze dias! Isto é uma escandalosa empalmação!

Senhoras e senhores meus, v. ex.as de certo conhecem muitas meninas na posição de Leocadia. Posição trivialissima, aliás. É uma pobre rapariga a amar um homem pobre; mas tem um pae a querer casa'-la com um homem rico. Chora, arrepella-se, promette matar-se, se a morte não vier espontaneamente. O pae teima, o homem rico teima, o homem pobre não póde teimar, ainda que queira. Por fim, a menina faz a vontade ao pae, ao noivo rico, á sociedade torpe, casa e dança por comprazer no dia em que casa, e almoça com pouco appetite, no dia seguinte, com mais algum no outro dia, e assim successivamente, até engordar. Isto é muito simples, e muito rotineiro, não é verdade?

E'. Então de que se espantam, se eu lhes digo que uma mulher, de carne e osso como v. ex.as, fez o que v. ex.as fizeram, viram fazer, ou farão?

Alto lá! tambem eu digo. A minha pobre Leocadia, se hoje vivesse, e lesse essa pagina infanda que ahi fica, cobri'-la-ia de lagrimas de remorso por me haver feito seu confidente. Perdôa-me, minha santa amiga! Eu tive-te um instante suspensa por uma hypothese cruel sobre o charco em que patinham muitas georgianas de chinellos, que por ahi se vendem para o harem de sujos pachás, que ao passarem a linha, lavaram a cara dos ferretes de sangue com que saíram do açougue humano.

Se eu fizesse uma criminosa omissão de tuas lagrimas, o mesmo seria pisa'-las, Leocadia.

Se eu te rebaixasse a transigires com o dinheiro de teu marido, mascarando-te com a obediencia filial, daria comtigo regalo a estas mulheres de almoeda, que, na alma, não vàlem mais que as de Babylonia, e no corpo não valem tanto.

Não, espirito que me vês da tua gloria, eu contarei as tuas lagrimas; e, se não rasgo as paginas que escrevi, estrema'-las-ei por um traço negro das que tu me segredaste nas fugitivas noites, em que este gemer do mar, que ouço agora, vinha casar um murmurio melancolico á tua narração.

XV

Leocadia erá vigiada por toda a familia. Triste, sombria e taciturna, causava suspeitas ao coronel, que postára militarmente o auxiliar, de sentinella, no pateo, de dia e de noite.

Quasi sempre no seu quarto, Leocadia meditava fugir. Não achava, porém, o exito feliz dos seus planos. A fuga pela porta, unica evasíva que tinha, era impossivel. Desanimada, toda a sua valentia moral

reservou-a para dizer «não quero» logo que seu pae a mandasse vestir-se para ir receber a benção nupcial. Firme n'este proposito, esperava, com coragem e juramento de morrer, a hora da lucta horrivel, a formal desobediencia, todas as torturas que pudesse infligir-lhe o pae irritado.

Tinham decorrido dois dias depois do passeio a Campolide, quando uma antiga creada, que já o fôra da primeira mulher de Gervasio, voltou da provincia, onde fôra visitar os seus parentes. Esta creada era aquella Thereza, quo eu vi na Foz.

A situação de Leocadia melhorou, porque Thereza chorava com ella, aconselhando-lhe ao mesmo tempo obediencia a seu pae. O coronel, tambem amigo da velha creada, pedia-lhe que desvanecesse com suavidade do coração de sua filha uma paixão que fazia a infelicidade de todos.

Thereza não podia tanto. Conheceu as intenções da menina, e disse-as ao coronel, affirmando-lhe que se deixaria matar, mas casar, não.

Depois de cinco dias de desgostos para o pobre pae, e de irritações orgulhosas da madrasta, e suspeitas más de Francisco de Proença, e continuadas lagrimas e reclusão de Leocadia, o coronel queixou-se de violentas dores de cabeça, e febre.

Apenas se recolheu á cama, Leocadia foi sentar-se á cabeceira do seu leito. Quando os medicos disse-

ram que se declarava uma febre maligna, o sobresalto operou uma subita mudança nas maneiras de Leocadia.

O sentimento desvaneceu-se. Quantas caricias uma boa filha tem no coração todas ella empregou pàra adoçar as amarguras do pae enfermo.

O coronel queixou-se de serem desgostos moraes, causados por ella, os que o tinham levado áquelle extremo. Leocadia lançou-se aos braços febris de seu pae, pedindo-lhe perdão, e voltou-se a Nossa Senhora, promettendo sacrificar-se ao homem que lhe destinavam se seu pae recuperasse a saude. O coronel não ouvira o voto, mas adivinhou o silencio de sua fiha.

Ao setimo dia a febre recrudesceu. Eram curtos os intervallos da lucidez que o delirio lhe consentia. N'um d'esses intervallos, o enfermo chamou sua filha, e disse aos assistentes que se retirassem.

Pungentes palavras foram estas:

—Leocadia, creio que morro. Deixo-te, minha filha, n'um mundo que não conheces. Parto, e tu ficas só. Quando eu fechar os olhos, fecharam-se para sempre os unicos olhos que te viam com amor. Ficas sem parentes. De tua mãe, ninguem já vive. De teu pae, tens dois tios no Brazil, que te não conhecem. Quo farás tu, filha, quando me levantarem morte d'esta cama?

—Meu pae!—exclamou Leocadia com vehemente afflicção—meu querido pae, não pense que morre...

—Morro, filha, morro; e, se a minha agonia fôr trabalhosa, é o coração que se despedaça, separando-se de ti... Sem ti, morria tranquillamente. Estou cançado, porque nunca soube o que era a felicidade n'esta vida; a da outra... a da outra, meu Deus, vós sabereis se eu a mereci com a paciencia... Leocadia, queres que eu acabe em paz, que eu expire abençoando-te?

—Sim, sim, meu pae... quero que viva, abençoando-me!—bradou ella, beijando-lhe as mãos afogueadas.

—Então, filha, cumpre a minha vontade. Liga-te a esse homem que te ha de estimar, porque lh'o pedirei á minha ultima hora. Tu has de ser feliz com elle; has de olha'-lo sempre como o amigo que teu pae moribundo te escolheu. Se elle te dér algum motivo de soffrimento, quem os não tem n'este mundo?! Se soffreres, offerece-me as tuas dores e eu virei em espirito agradecer-te o sacrificio. Serás então consolada, filha, pela memoria de teu pae, que pensava fazer-te venturosa, embora se enganasse. Responde-me, Leocadia... Casas com Francisco de Proença?

Leocadia tirou das entranhas um gemido, um soluço suffocante, e com elle uma palavra que parecia a ultima da vida que vae n'ella.

—Sim...—disse ella.

O coronel, vencendo a fraqueza com grande esforço, poude ainda sentar-se no leito, alongando os braços para ella. A filha sustentava no hombro a cabeça esvaída do enfermo, e refrigerava-lhe com lagrimas a mão convulsa.

Seguiram-se minutos de silencio. Ouvia-se apenas o soluçar de ambos.

O coronel desprendeu-se dos braços da filha e pendeu a cabeça para o travesseiro. O sangue batia-lhe vertiginoso nas fontes. As palpebras cerraram-se. Phrases interrompidas saíam-lhe de entre os labios seccos e quasi immoveis. Leocadia, assustada, chamou gente. A madrasta, vendo o lethargo do marido, voltou-se para a enteada e disse com rancor,

—Quem mata meu marido é a senhora! Veja a que estado o reduziu! É uma parricida, snr.ª D. Leocadia! Ha de dar terriveis contas a Deus de ter arrastado seu pae á sepultura... É uma filha amaldiçoada!»

Leocadia, não teve animo para responder-lhe, pôz os olhos em seu pae, e disse-lhe em seu coração: «Vós bem sabeis que não é verdade o que ella diz!» e saíu, apertando a cabeça com as mãos.

A medicina cobriu de causticos o doente. Os tormentos deram-lhe com a irritabilidade uma vida de emprestimo. Dois dias se seguiram de esperanças,

porque o delirio era menos frequente, e alguns instantes de dormir tranquillo vieram reparar-lhe as forças.

O coronel chamou a sua filha, tendo ao pé de si Francisco de Proença, e sua mãe.

A' cabeceira d'elle estava um crucifixo e duas luzes. Eram os preparatorios para o recebimento da extrema-uncção. O enfermo pedira um confessor, que se achava já no quarto.

—Approxima-te d'esta cruz, Leocadia—disse elle com energia—snr. Francisco de Proença, eu entrego-lhe, minha filha. Compreende o senhor a valia d'este thesouro que lhe entrego? Sabe como eu queria que o senhor amasse esta creatura?

—Ama'-la-ei quanto se póde amar n'esta vida... disse Proença, sentindo eriçarem-se-lhe os cabellos, commovido pela religiosidade do acto.

—Minha filha, ajoelha diante de Deus que nos escuta, e pede-lhe que faça duraveis os bons sentimentos no coração de teu esposo, e que te faça a ti sempre digna d'elles.

Leocadia ajoelhou, e Francisco Proença, arrebatado pelo bello funebre do lance, ajoelhou a par com ella.

E oravam todos mudamente. O coronel tinha as mãos erguidas. O padre confessor quebrou o silencio, erguendo-se, e tomando as mãos de Leocadia.

—Estão accesas as luzes do altar. A menina prepare-se, que eu quero ter o jubilo de ser o ministro d'este sacramento! Que união de tão bom agouro... Vamos, filhos.

O frade graciano enchia a poesía santa do grupo.

Leocadia saíu com sua madrasta.

Parecia somnambula. Julga'-la-ieis sem idéa, sem vontade, sem consciencia do que fazia. Vestiram-n'a. Entrou n'uma sege, achou-se ajoelhada no arco de uma egreja, respondeu umas palavras que lhe ensinaram e viu-se sósinha com um homem, na sege, onde viera com sua madrasta.

Conduziram-n'a ao quarto de seu pae A vida então saíu do lethargo. Leocadia achou abertos os braços paternaes para recebe'-la. Lançou-se a elles chorando, soluçando, arquejante, abafada por uma agonia, cuja intensidade ella não pôde explicar-me. O que me disse, para eu alcançar com os olhos da alma a sombra da sua dôr, foi que, abraçando o pae na volta da egreja, se lhe figurára a imagem moribunda de Vasco, fitando-a com um olhar piedoso, em que parecia dizer-lhe: «perdôo-te a morte, Leocadia.»

....

O coronel sobreviveu quatro dias aos desposorios de sua filha.

O festim de nupcias foi um funeral.

A noticia do casamento foram as cartas de enterro. A noiva despiu o vestido branco para se envolver no de crepe que nunca mais despiu.

XVI

O pinhal do *Pastelleiro* rumorejava brandamente, assóprado pelo ar da noite. O mar era uma immensa bacia de aguas mortas. A lua mosqueava-lhe o dorso em escamas lucidas. O archanjo da poesia com o seu cortejo de chimeras volateis, brincava na alameda das fontes murmurosas, gemia com o piar tristonho das aves queridas da noite, e sentava-se na peanha dos cruzeiros, que a projecção da luz assombrava no chão.

Eu estava profundamente melancolico. E ao pé de mim viera sentar-se Leocadia, na pedra bruta, que ainda hoje vereis, servindo de tranqueira a uma cancella fronteira da casa.

Acabára eu de ouvir o quadro que apenas esbocei no anterior capitulo.

A narradora calára-se, e eu não ousára quebrar o seu silencio.

Eu bem vira que as suas palavras derradeiras eram

um como tremulo gemido. Sentira vibrarem-lhe afflictivamente as fibras do coração, como se as ferisse a realidade dos successos que a gentil martyr recordava.

E por isso o meu silencío era a expressão da pena, o pasmo em que nos deixa um espectaculo lugubre. Eu tinha em mim todas aquellas imagens, descriptas por ella como quem as entalhára com fogo no coração. Via o altar do tremendo sacrificio, via o leito do agonisante. As feições do coronel apanhadas pelo regêlo do trespasse, essas, que eu nunca vira, todas se me desenharam na imaginação, sempre fertil de creações funebres. Ao pé de mim estava a heroina d'esta tragedia, ainda formosa, ainda opulenta de encantos, flôr orvalhada das lagrimas do céo para onde ella mandava continuamente o seu perfume.

Que mulher é esta que eu encontrei na terra, para apertarmos as mãos n'um adeus para sempre?

Que attribulada expiação a da minha alma que só póde chorar as penas d'ella!

Não póde amar-me, não; eu sei que não póde, e offertar-lhe o meu amor seria injuriar a sua saudade!

—Para que te encontrei eu, santa!

Estas ultímas palavras fugiram-me, como a revelação de um sonho. Leocadia tocou me ligeiramente no hombro, e disse:

—Que é? Não sei o que disse...

—Nada dizia—repliquei eu—Sonhava, minha querida irmã, sonhava. Sabe, minha amiga? Está-me pesando a vida. Não sei o que ha de ser de mim... quando a perder. Abençoada seja a mão da morte, que baixou a apanhar de entre os felizes do mundo os que vieram com o condão da minha desventura

—Porque, meu amigo?!

—Porque entre nós ha só de commum a confidencia de algum s horas, a confidencia que não modera os impetos de um desgraçado amor...

—Oh! não diga, não diga isso outra vez... — atalhou Leocadia, pondo-me a mão nos labios— Tenha pena de mim... Chame-me sua irmã, senão arrependo-me, sinto o primeiro remorso da minha vida...

Beijei-lhe a mão, e murmurei:

—Até amanhã.

—Sim? até ámanhã? quem sabe se nos veremos! De um momento para o outro posso ser mudada... e eu queria, meu irmão, queria acabar hoje a minha historia. Não sei que presagio me diz que não teremos outra noite assim... Mais alguns minutos... diz-se depressa o que falta... Quer?

—Diga, diga, Leocadia; mas faça um juramento.

—Juramento! qual?

—Qualquer que seja o seu destino, se tiver vida, se tiver um instante seu, lembre-se de seu irmão, escreva-lhe uma palavra, uma só «vivo» só isto... jura?

—Prometto, meu amigo, e não faltarei... E se lhe disser «morro» é que Deus me chamou para o pé de Vasco...

—Sim, sim, fale-me d'esse infeliz que a chama, d'esse amigo que a minha imaginação contraíu... Morreu, sim?... e que morte!...

—Eu quasi que o vi morrer.

—Viu?! E' horrivel, meu Deus!

—Foi assim. Oito dias depois da morte de meu pae, Francisco de Proença perguntou-me se eu queria ir para o campo. Entreguei-me á sua vontade. Minha madrasta desejava saír de Lisboa, para desafogar da sua saudade. Fomos para uma quinta entre Cintra e Collares.

Estavamos ahi havia um mez. Thereza, a meu pedido, escrevera para Lisboa a quem a informasse de Vasco. Disseram-lhe que elle e a mãe estavam a ares em uma das quintas. Eu pedia por elle a Nossa Senhora todos os dias, muitas vezes, e com immensa fé.

Uma tarde, Francisco de Proença fôra á caça, e eu fui com Thereza passear para a banda de Collares. Havia no caminho uma azinhaga, um sitio que respirava saudade, entrei por alli dentro; e fui ter a um portão de quinta, que tinha uma grande arvore. Sentei-me áquella sombra, vendo caír as folhas, e comparando-as á queda de tantas, de todas as mi-

nhas esperanças. Estava assim absorvida, bebendo as doçuras do meu fel, quando o portão se abriu. Estremeci... Era um padre que saía... o padre capellão de D. Maria Maldonado!

Elle fixou-me com espanto, e apenas me cortejou; esteve um pouco a olhar-me, e disse:

—A menina não é a sr.ª D. Leocadia?

—Sou, sim, senhor.

—Então que faz por estes sitios?!—disse elle admirado.

—Vim a passeio... Moro n'uma quinta perto d'aqui.

—Pois se quer entrar, eu dou parte á sr.ª D. Maria.

—Como?!—exclamei eu—a sr.ª D. Maria Maldonado?!

—Sim, minha senhora, está aqui com o sr. Vasco—disse-me elle—e o sr. Vasco vae dar contas a Deus brevemente.

—Meu Deus! eu não posso lembrar-me do que então disse ou fiz. Entrei n'uma tremura de susto, de terror, de não sei que tormento novo para mim. Conheci que me fugia o entendimento, e a vista. Queria tirar-me d'alli, e não podia; ainda pedi a mão a Thereza, e já não pude dar passada. Desfalleci nos braços d'ella.

Voltando á vida, que a justiça de Deus não quiz

levar-me, achei-me sentada n'um banco de pedra, n'um jardim. Ao pé de mim estava D. Maria. Fiz um esforço por ajoelhar-me aos pés d'ella. Susteve-me; e chorava, meu Deus, como chorava a pobre senhora!

— E' a vontade de Deus...—disse-lhe eu—que aqui me trouxe. Queria ve-'lo, minha querida mãe, diga-lhe que a mão do Senhor me conduziu aqui para receber o seu perdão... Mas eu não sou culpada... Meu pae estava a expirar... Morreria atormentado...

Ai... eu não sei o que disse, entre gemidos... D. Maria olhava-me com ar de compaixão, e consultava os olhos do padre. Este acenava negativamente. Não queria que eu visse Vasco... E eu estava de joelhos aos pés de D. Maria, quando ouvi proferir o meu nome, n'um grito. Olhei... era Vasco, abrindo uma vidraça. Era elle, livido, como um espectro vestido de branco, com os olhos abrazados de delirio... A janella caíu, Vasco desappareceu, e o padre subiu a correr umas escadas, emquanto D. Maria sustinha o meu arrebatamento. «Deixe-me, deixe-me ve'-lo!» rogava eu allucinada, louca de paixão, capaz de matar-me alli, se me não deixassem ir!

Ao cimo da escadaria, o padre encontrou-se com Vasco. Não o conteve; desceram ambos atropelladamente. E o meu infeliz anjo exclamou:

—Vieste para mim, minha esposa?... Eu esperava-te, esperava-te, como se espera a salvação.

E eu rompi n'um choro que era sentir-se morrer. O desgraçado não sabia que eu estava casada!

—Fala, fala!—gritava elle—vens ser minha esposa? fugiste a teu pae? esse tyranno teve compaixão de nós?

—Cala-te, meu filho!—exclamava D. Maria.—Estás enganado!

—Enganado! pois esta não é a minha esposa?

O padre tomou-o pelo braço, e exclamou:

—Não, não é sua esposa .. é esposa de outro que seu pae lhe destinou!

Vasco soltou um terrivel grito, levou as mãos á face, e foi caír nos braços de sua mãe...

—Matae-me, meu Deus!—exclamou elle.

—Agora—proseguiu Leocadia, arfando convulsivamente—peço-lhe eu que vá, meu amigo, não posso continuar... Estou doente.. Adeus... Se eu não puder falar-lhe, ha de ler o resto da minha historia.

Leocadia entrou encostada ao meu braço em sua casa. Eu fiquei alli não sei que tempo entorpecido. Quando me retirei, alvorecia a manhã.

XVII

O CARACTER DE FRANCISCO DE PROENÇA

E' preciso virmos procura'-lo aos nossos ultimos annos.

Em 1828 o homem não era ainda feito á semelhança do typo, que mais o encantára, no romance.

Depois de 1834, é que as bibliothecas de novellas entraram por aqui dentro a fecundar este chão bravio, como extravasantes do Nilo.

Era necessario ser-se excentrico, desde o ventre materno, para ser romantico em 1828.

Francisco de Proença representa a vanguarda dos descabellados em Portugal.

Desde creança, merecera, pelas suas escaramuças sanguinarias aos coelhos, o cognome de *Attila de coelheira.*

Em Coimbra chamavam-lhe o *chevalier sans peur et sans reproche.*

A sua principal mania era o brazão. Estava apparentado com as primeiras casas da monarchia, por um tal Egas, filho de Mem, neto de Fuas, e bisneto

de Ruy, que acompanhára D. Henrique a Cárquere, a cumprir um voto de uma perna torcida.

Depois, e em consequencia d'está mania, tinha um requinte de brios que lhe custou muito puxão de orelha.

Desafiava a espadão todo o mundo, e quiz mandar um cartel a um doutor octogenario que o reprovou em mathematica.

Na primeira carta a um namoro que tivera asignava-se o *commendador Francisco de Proença*. A menina riu-se, e o fidalgo, no adro de uma egreja, perguntou-lhe se os trabalhos da cozinha a não deixaram responder.

Tinha d'estas cousas.

Os seus bens de fortuna não eram o que elle precisava que fossem para sustentar o seu orgulho.

Acceitou a mão da filha de seu padrasto, porque a paixão o acolheu de subito. Leocadia, com o seu desdem, pisára-lhe a soberba. Proença foi vencido pelo desprezo.

Sua mãe, de mais a mais, dissera lhe que Leocadia era a presumptiva herdeira de dois tios millionarios que tinha na America.

O *dinheiro commercial* não lisongeava o fidalgo; todavia, esta repugnancia poude vence'-la o amor.

Casou, e não se póde dizer se tratou bem ou mal sua esposa. Estas differenças são as mulheres que

as notam, e Leocadia recebia com tedio disfarçado as amabilidades de seu marido.

Para o não detestar, tinha sempre entre si e elle a imagem de seu pae moribundo, e o crucifixo do juramento.

Leocadia habituára-se a viver fóra do seu corpo... A alma voava livre onde a chamava a saudade; a materia era a victima sacrificada. D'este modo, affazer-se-ía ao captiveiro, sem sondar a indole de um homem que a chamava *sua*,

O traço, porém, mais caracteristico da indole romanesca de Francísco de Proença, vae descobri'-lo um infeliz acontecimento.

Quando Leocadia saía, encostada ao braço do capellão, o portal da quinta dos Maldonados, Francisco de Proença, vindo da caça, atravessava a azinhaga, assobiando aos perdigueiros.

Leocadia presente-o, e quer esconder-se; mas era tarde. Proença pára estupefacto, e Leocadia pára tambem. O fidalgo, que não conhecia o padre, interroga-o:

—Quem é o senhor?! Como se acha aqui a senhora?!

O padre tartamudeou:

—Eu sou capellão d'esta casa.

—Que casa é essa?

—De uma minha amiga—balbuciou Leocadia.

— E' admiravel que eu não conheça as amigas da senhora! Como se chama essa amiga?

O padre, aterrado pelo olhar soberano de Proença, disse:

—E' a sr.ª D. Maria Maldonado.

O cavalheiro fixou attentamente sua mulher. Leocadia não levantava os olhos do chão. A surpreza reduziu-a ao silencio, que confessa o crime, e é já em si um principio de penitencia.

—Vamos, senhora!—disse Proença.

Decorreram tres dias, sem que Leocadia visse se marido. Procurou-o, deliberada a convence'-lo da sua innocencia com a sincera historia do seu amor áquelle homem. Proença soubera tudo de sua mãe, e furtava-se ao encontro com sua mulher.

Ao quarto dia, Leocadia foi avisada, da parte d seu marido, que preparasse o seu bahu para viajar, com elle, no dia seguinte. Ella pediu uma entrevista a Francisco de Proença. Respondeu-se lhe que lá fóra teriam sobejas occasiões. Replicou a infeliz que não podia, que estava muito doente. Disse-se-lhe que em toda a parte havia uma sepultura.

A comitiva dos viajantes era unicamente Thereza. Esta creada convinha ás intenções do marido.

Desembarcaram na Madeira. Durante a passagem, Leocadia nunca poude prender a attenção de seu marido dois segundos.

Quinze dias depois do desembarque, Francisco de Proença apresenta-se, pela primeira vez, em rigoroso lucto diante de sua mulher.

—Quem lhe morreu?!—perguntou ella.

—A senhora.

—Como?! está delirando!

—Quem morreu foi minha mulher—tornou elle com uma visagem ridiculamente tragica.

—Pois se morri, eu vou morrer;—disse ella com angelica mansidão—o Senhor receba a minha alma.

—A sua alma condemnada ha de continuar a existir n'um corpo impuro.

—Não quero entender a injuria,—disse ella com firmeza.—Antes a morte.

—Morreu para mim; mas ha de viver para o remorso. Eu sou viuvo. A que foi mulher de Francisco Proença, terá de hoje em diante outro nome. A senhora jámais dirá que eu sou seu marido: o punhal está sobre o seu seio esperando que essa palavra lhe passe os labios. Dou-lhe a vida; porque vejo o coronel moribundo que me supplica este heroismo.

—E eu não aceito a graça—interrompeu Leocadia.

—Pois então ha de supporta'-la como castigo. A senhora tem uma mezada, para viver onde queira, comtanto qne a sua companheira unica seja essa creada qne foi de sua mãe. Tenho a generosidade de

conceder-lh'a; mas. senhora, repare que eu vou mostrar em Portugal a certidão do seu obito. No dia em que me desmentir, matei-a!

Leocadia pendeu a cabeça para o seio, e murmurou, sem lagrimas:

—Como quizer, senhor. Agora deixe-me em paz.

—Ainda não. Na provincia de Traz-os-Montes tenho um casal, situado entre quatro montanhas. Quer habita'-lo?

—Sou sua escrava, senhor.

—Sabe que de hora em diante perdeu o nome que tinha?

—O que quizer, mas não posso ouvi'-lo.

—Nem eu ve'-la mais: porque minha mulher morreu!

E retirou-se, solenne e sonoro nos passos, como a estatua de D. João Tenorio.

Aqui está o que se chama um homem romantico e uma mulher desgraçada.

XVIII

Se bem me recordo. já disse que Leocadia é o nome que a mulher de Francisco de Proença adoptou desde a scena do anterior capitulo.

No decurso do romance, conservei esse nome, e já agora conserva'l-o-ei até final. Pudéra ter-lhe dado pseudonimo; mas tão leal quero ser á verdade, que, a não poder, por melindre e respeito, dizer o seu verdadeiro nome, escrupulisei na invenção de outro.

Leocadia, pois, saíu da Madeira para Lisboa. No mesmo navio viera Francisco de Proença, que em todo o tempo da viagem, não deu signal de ser ao menos relação de Leocadia. Saíram para o Porto no primeiro hiate. D'aqui, D. Leocadia e Thereza foram para a provincia. O morgado de Sinfães appareceu-lhe na despedida. Terriveis e de eterna condemnação foram as suas palavras:

—Vá, sombra de mulher morta! vá e veja sempre diante de si o punhal, que lhe espera nos labios uma palavra só... o meu nome, o nome de seu marido viuvo!

A desgraçada quiz ajoelhar-se aos pés do seu verdugo. Proença repelliu-a com um tregeito de escarneo e asco.

Leocadia foi viver no casal de seu marido. Era uma habitação mal reparada, sumida entre quatro montanhas.

Apenas chegou, foi recebida respeitosamente por um caseiro, que a reputava irmã bastarda, ou rapariga das affeições de seu amo solteiro. Leocadia perguntou a este homem porque estava a pedra das ar-

mas coberta de negro; respondeu o caseiro, se ella ignorava que tivesse morrido a esposa do fidalgo! Leocadia abraçou-se á creada, chorando, e disse:

—E' verdade... essa desgraçada morreu...

O caseiro reparou n'isto, e disse á mulher que havia o quer que era de historia nos modos da senhora que viera lá de por ahi abaixo.

Leocadia entrou na camara, que lhe mostraram, e disse a Thereza que a sua ultima paragem antes da sepultura era alli.

Foi um chorar de ambas de cortar o coração aos caseiros, que as escutavam.

Era rapido o deperecer de Leocadia. Não se erguia do leito, e pedia a Deus um paroxismo curto. O caseiro communicava para o Porto ao patrão o estado da senhora. Não recebia resposta.

Um dia, porém, appareceu na aldeia um homem que procurava D. Leocadia, com ordem de Francisco de Proença. Este homem diz ser medico. Examina a enferma, e diz-lhe que, por ordem da pessoa que alli a domina, deve immediatamente entrar n'uma liteira com a sua creada, e acompanha'-lo. Leocadia, quasi exanime, obedece sem saber a quem, nem para que fim.

A liteira, depois de sete dias de jornada, parou no alto de S. João da Foz, no sitio do Pastelleiro, onde eu, João Junior, encontrei Leocadia para ouvir de

seus labios, convulsos de gemidos, essa historia triste, que eu tive a impiedade de conspurcar com algumas facecias de estragado gosto.

O que ella me não contou é o que me disse Thereza, alguns annos depois, quando sua ama já era defunta, e o acaso m'a deparou n'um recolhimento, em uma villa de Traz-os-Montes.

Attendam agora, que ahi vae pendurar-se o romance no prégo philosophico com que o intitulei: *Dinheiro*. Vae-se tratar de dinheiro, leitoras espirituosas; prestem-me a sua benevola attenção.

Uma tarde passava eu no Pastelleiro; saíu-me ao encontro a caseira da quinta, e deu-me a triste nova de ter saido, na madrugada d'aquelle dia, a senhora, para não tornar. Um homem novo, accrescentou a caseira, viera busca'-la, e descera com ella pelo braço a escada, falando-lhe com muito bom modo. Agora vou falar de mim um pouco.

Eu fiquei esthetica e plasticamente parvo!

Quem seria o homem?! O marido, de certo não, porque o marido, até ao dia em que faláramos, estava viuvo, e não tratava de resuscitar a mulher. Seria a historia lamuriante uma logração á minha boa fé?! Seria ella uma visionaria, uma douda, ou, peor que tudo, uma d'estas mulheres desabusadas que mangam dos poetas da minha força ?

E' impossivel ! Leocadia deve ser necessariamente

um anjo! E' o marido que a arrasta pelos cabellos ao cepo do martyrio. Alguem lhe disse que eu vinha aqui, e o malvado não comprehendeu que eu era o sacerdote da mais santa das amisades.

E, no afôgo da minha saudade, embrenhei-me por aquella bouça que lá verdeja ao fundo, enchi meu coração de tenebrosas angustias, e pedi aos meus olhos o chorar do desafogo.

Inutil, inutil foi o meu rogar, porque a minha dôr era como o encravar do estilete que não sangra; eu tinha dentro o brazido do deserto, sem gotta de pranto; era uma contrição de matar, uma abafação em que os pulmões, batendo contra o coração, pareciam espedaçar-se.

E porque? E' que eu amava muito aquella martyr, muito, com o amor tres vezes immaculado do poeta. Não esperava d'alli senão a religiosa affeição da victima paciente ao consolador que dera a sua vida inteira por um dia de ventura para ella. Mais nada; porém, este pouco é o ar, o tempo, a luz, a bemaventurança do desgraçado que encontrou na terra uma mulher como Leocadia, e uma paixão como a minha.

Tu viste, saudosa Poncia, que pranto ardente arou as minhas faces, no estio da existencia!

Nos tectos cavernosos do meu quartel reboaram longo tempo os eccos dos meus soluços.

Os meus dentes cerraram se, como os do condem-

nado nas trevas inferiores, e tres dias e tres noites a minha lingua não encanou o bolo alimenticio.

A restea do sol de setembro, mosqueando o taboado carunchoso do meu quarto, vinha pallida como a luz betuminosa dos infernos dantescos.

A brisa da tarde nunca mais se retouçou louçã pelas corollas das boninas trémulas.

Negra como a minha saudade, era negra a tunica funeraria de que a natureza se vestiu.

Diz tu, ó Poncia, se me viste comer ou beber durante oito dias, contados da data em que a minha alma se despegou d'aquella alma gentil que se partiu do Pastelleiro.

E' verdade que passados esses oito dias, obedeci ao despotismo da natureza vegetativa, e ás instancias impertinentes da minha consternada Poncia.

O resultado foi sinistro : sobre uma paixão calamitosa uma indigestão pertinaz !

Convalesci com jejuns dignos de um S. Simão Stelita, e depois... amei perdidamente uma Catharina... Isto é outra historia, que ha de vir depois. Os meus continuados amores têem sido para mim um systema de medicina, porque diz o grande poeta :

> Que o veneno espalhado pelas veias
> Curam-n'o ás vezes asperas triagas.

Eu curo-me sempre assim. Em 1828 era eu mais homœopatha que o proprio Hahnemann.

XIX

Agora vae explicar-se tudo, e acaba-se o conto.

E' o caso:

Lembre-se o leitor que o coronel Gervasio tinha dois irmãos ricos no Brazil, ambos solteiros. Estes homens negociavam em brilhantes, e, na ultima das suas excursões ao centro do imperio, foram assassinados por salteadores, deixando um grande capital sem testamento.

Do Rio de Janeiro vieram logo averiguadores a Portugal para comprarem a opulenta herança. Souberam em Lisboa que os herdeiros proximos, o coronel, ou sua filha, tinham morrido sem successão.

Francisco de Proença estava então no Porto, e mais de um amigo lhe repetiu os pesames da fatal viuvez, que o privava de alguns milhões.

Aqui está o nosso homem em embaraços de uma terrivel originalidade, ao passo que uma chusma de parentes remotos de sua mulher se habilitam pressurosamente!

A resurreição de Leocadia será possivel? A herança compensará a zombaria com que a sociedade vae entrar no segredo dos seus ridiculos brios?

Não foi longo o interrogatorio que o tragico viuvo se fez. Feito o escrutinio, os votos a favor da ressurreição tinham a maioria. Proença resolveu arrancar sua mulher dos limbos, e para isso mandou á provincia o medico e a liteira.

Leocadia, como vimos, é conduzida ao Pastelleiro, e espera ahi tres mezes a primeira visita de seu marido, depois de ter assignado algumas procurações, cuja significação ella não entendeu. Francisco de Proença fôra a Lisboa tratar de habilitar sua mulher.

Julgaram-n'o doudo porque a morte da filha do coronel era caso decidido para as relações de ambos e como o viuvo teimava em affirmar que era casado protestando apresentar sua mulher viva em presença de testemunhas que a conhecessem de vista, a opinião da justiça foi que viesse a Lisboa a supposta defunta, e ao mesmo tempo se averiguasse na ilha da Madeira se alli, em tal mez d'aquelle anno de 1828, fallecera a mulher de Francisco de Proença.

O extranho successo foi estimulo de estrondosas gargalhadas na capital. Havia grande ancia de conhecer o milagroso parvo, cujas anecdotas de Coimbra reviveram com salgadas ampliações.

Os mais sisudos commentadores do extranho caso queriam, por amor da moralidade, que se devassasse o tumulo de Leocadia, e dissesse ella, visto que resuscitou, que morte fôra aquella de sete mezes,

onde estivera, e de que supplicios viera resgata'-la a herança de seus tios.

O thaumaturgo não ousava apparecer na horda das suas relações. Ninguem, se o conhecia, podia encara'-lo com os labios seriamente fechados. O apupado marido da mulher rediviva queria explicar a algum dos mais importantes averiguadores do mysterio, aquella especie de catalepsia de sete mezés, e então dizia:

—Pensei que fôra deslealmente deshonrado por minha mulher. O meu coração cobriu-se de luto, o punhal vingativo pedia o sangue da perfida, mas o meu espirito era nobre de mais para sanccionar o assassinio de uma debil mulher. Quiz mata'-la moralmente, e dei-a por morta moralmente para mim. Fiz-lhe graça da existencia, para que o remorso lento me vingasse. Vesti-me de luto, disse que minha mulher morrera; e, se alguem me perguntasse particularidades da sua morte, eu re ponderia que uma campa a separava de mim O que hoje faz rir a sociedade, seria então percebido como um rasgo de heroismo na desgraça. Os maridos atraiçoados achariam em fim a condigna penitencia da perfidia.

—Mas...—alguem lhe disse—tua mulher estava innocente?

A esta pergunta indiscreta Francisco de Proença titubeava, e não sabia se lhe convinha decidir-se pela absoluta innocencia de Leocadia.

Lá se aveiu como poude com os importunos, até que um dia appareceu com sua mulher resuscitada, e encartada no nome e appellidos que teve quando foi viva.

A presença d'esta pobre senhora foi, só em si, uma accusação contra seu marido. A desgraçada, quando lhe perguntaram, diante de testemunhas, se era mulher de Francisco de Proença, respondeu:

—Dizem que sou.

—E a senhora não diz o mesmo?

—Eu sou víuva—tornou ella.

—Então qual dos senhores é viuvo? E' original a mania de ambos—replicou o jurisperito, rindo com os circumstantes, emquanto as lagrimas da herdeira millionaria lhe desciam na face purpurina de pejo.

. . . .

Não me souberam contar o resto.

O que eu sei é que cinco mezes depois recebi uma carta datada em Londres.

Resava assim:

«Prometti-lhe uma palavra: ella ahi vae: EU MORRO. Chore-me.»

Leocadia.

Em 1834 Francisco de Proença veiu a Portugal. Viajára seis annos, e vinha casado, em segundas nu-

pcias, ou terceiras, dizia alguem, com a filha de um correeiro de Manchester.

Está vivo, e velho como eu.

Acabou-se a historia.

FIM